



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CUIABÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

CÁSSIA REGINA PRIMILA CARDOSO BERTI

**VARIÁVEIS ASSOCIADAS AO USO DE MEDICAMENTOS
PSICOTRÓPICOS ENTRE ESTUDANTES DE UMA UNIVERSIDADE
PÚBLICA DE MATO GROSSO, BRASIL**

CUIABÁ – MT

2023

CÁSSIA REGINA PRIMILA CARDOSO BERTI

**VARIÁVEIS ASSOCIADAS AO USO DE MEDICAMENTOS
PSICOTRÓPICOS ENTRE ESTUDANTES DE UMA UNIVERSIDADE
PÚBLICA DE MATO GROSSO, BRASIL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, nível Mestrado, área de concentração em Psicologia, linha de pesquisa “Processos de desenvolvimento e suas interfaces com a saúde psíquica”, sob orientação da Profa. Dra. Tatiane Lebre Dias.

CUIABÁ – MT

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

B543v Berti, Cassia Regina Primila Cardoso.

Variáveis associadas ao uso de medicamentos psicotrópicos entre estudantes de uma universidade pública de Mato Grosso, Brasil [recurso eletrônico] / Cassia Regina Primila Cardoso Berti. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 115 f., pdf). -- 2023.

Orientadora: Tatiane Lebre Dias.

Coorientadora: Alice Milani Nespollo.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Cuiabá, 2023.

Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.

Inclui bibliografia.

1. saúde mental. 2. ensino superior. 3. psicoativos. 4. depressão. 5. ansiedade.
I. Dias, Tatiane Lebre, *orientador*. II. Nespollo, Alice Milani, *coorientador*. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM [NOME DO PPG]

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: "VARIÁVEIS ASSOCIADAS AO USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS ENTRE ESTUDANTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DE MATO GROSSO, BRASIL".

AUTOR (A): Mestrando(a) Cassia Regina Primila Cardoso

Dissertação defendida e aprovada em 21 de dezembro de 2023.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. Doutor(a) Tatiane Lebre Dias (Presidente Banca / Orientador(a))

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso

2. Doutor(a) Alice Milani Nespolo (Coorientador(a))

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso

3. Doutor(a) Thiago Marques de Brito (Examinador(a) Interno(a))

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso

4. Doutor(a) Samira Reschetti Marcon (Examinador(a) Externo(a))

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso

5. Doutor(a) Rosangela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro (Examinador(a) Suplente)

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso

Cuiabá, 21 de dezembro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **TATIANE LEBRE DIAS, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 06/02/2024, às 13:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **THIAGO MARQUES DE BRITO, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 07/02/2024, às 11:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **ALICE MILANI NESPOLLO, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 07/02/2024, às 14:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **SAMIRA RESCHETTI MARCON, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 19/02/2024, às 15:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6586018** e o código CRC **1D62FA46**.

DEDICAÇÃO E AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, que perfeitamente rege o Universo, dirigindo seu fluxo de energia em prol da nossa evolução como espíritos (vivenciando experiências humanas). Obrigada, porque nunca estive sozinha e sempre fui amparada pela espiritualidade em minhas escolhas. Eu acredito!

Agradeço aos meus pais Júlio e Cida (*in memoriam*) que, apesar das dificuldades, me deram a oportunidade de viver e me ampararam, em sua simplicidade, nos primeiros passos. Onde estiverem, recebam a minha eterna gratidão!

Caminhando para o término de mais um ciclo da minha trajetória acadêmica, seria difícil enumerar cada uma das pessoas que me ajudaram a chegar até aqui... Poucos imaginariam que chegaria tão longe, nem mesmo eu. Mas, ao longo dos anos, encontrei ‘anjos disfarçados de pessoas’, que me ajudaram de diferentes formas, seja com apoio material, com palavras, com abraços ou, até mesmo, com um ‘tom’ compreensivo (de quem tudo compreende apenas com um olhar). Entre essas pessoas, duas vêm, de imediato, ao meu coração: Mari Frigeri Salaro e Kátia Canozza Rocha, que compreenderam minhas necessidades pelo olhar, sem que eu precisasse mencionar uma única palavra (e, ainda hoje, seguem ao meu lado, apesar da distância). Sem vocês, eu não estaria aqui... Obrigada!

Ao meu marido Paulo Berti, que me acolhe em seus braços todos os dias e me ajuda a ser uma pessoa melhor... Obrigada por ser meu parceiro de vida e me apoiar em cada escolha que faço.

Muito obrigada à minha orientadora, Profa. Dra. Tatiane Lebre Dias, que gentilmente me recebeu e confiou no meu potencial, apoiando e direcionando os passos para a realização deste trabalho. Sem a sua carinhosa dedicação e sua competência, eu não teria conseguido atingir este objetivo. Muito obrigada!

À Profa. Alice Milani Nespollo que, gentilmente, aceitou ser coorientadora deste trabalho, contribuindo, sem medir esforços, pela qualidade da parte escrita. Obrigada por estarmos juntas muito além deste trabalho, descobrindo afinidades e estabelecendo uma sincera amizade. Obrigada!

Aos professores e professoras do PPGPsi UFMT, por terem construído junto comigo este trabalho. Foi uma honra cursar cada disciplina e receber todas as valiosas orientações (além das experiências vivenciadas nas viagens de ônibus à Cuiabá).

Aprendi muito com vocês! Obrigada a todos e todas e espero que continuem brilhando e acolhendo sonhos!

Agradeço, carinhosamente, à Profa. Paola Biasoli Alves (coordenadora do PPGPsi durante a minha passagem pelo Programa), pois foi a primeira docente a acolher o meu sonho (desde o primeiro contato), prestando suporte empático e essencial às minhas demandas.

Agradeço, também, a todos/as os/as servidores/as técnicos/as administrativos/as da UFMT, *campus* Cuiabá, pela empatia, prestatividade e gentileza com as quais recebem e atendem as nossas demandas acadêmicas. Isso é fundamental!

Aos/Às colegas de mestrado, especialmente à Cris Brauner, que de forma gentil e alegre, me acolheu nas viagens à Cuiabá, por conta das disciplinas. Obrigada por tudo, amiga! Espero tê-la em minha vida por muito tempo...

Obrigada à equipe do Centro de Comunicação e Expressão do Departamento de Língua e Literatura Estrangeira da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), que com eficiência e empatia, aplicou o exame de Proficiência em Espanhol (idioma que faz parte da minha história desde sempre!), requisito importante na construção do histórico acadêmico do mestrado.

À Profa. Samira Marcon, à doutoranda Evelyn e ao Doutor Moisés, que me acolheram no NESM (Núcleo de Estudos em Saúde Mental da FAEN, UFMT) e me permitiram participar do estudo multicêntrico, auxiliando de forma essencial na coleta de dados e nas análises estatísticas. Vocês são a base deste trabalho e, sem esse apoio, nada seria possível. Muito obrigada! Espero que essa parceria continue em trabalhos futuros!

Prof. Thiago, muito obrigada por aceitar estar presente na banca avaliadora, pois como já comentei, me identifico muito com o seu trabalho e admiro sua seriedade e competência... Espero poder encontrá-lo em parcerias futuras!

Peço desculpas se não especifiquei alguém aqui, pois muitas pessoas fizeram e fazem parte da minha trajetória... A todos/as que colaboraram, direta ou indiretamente com este trabalho, muito obrigada!

Dedico este trabalho aos meus pais Júlio e Cida (*in memoriam*), por terem me proporcionado a vida e amparado os meus primeiros passos; e ao meu marido, Paulo, por sempre me incentivar, amorosamente, a lutar pelos meus projetos, em todas as circunstâncias. Obrigada!

Que a minha sincera gratidão aqueça os corações de todos/as vocês!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Retirada de Gonçalves <i>et al.</i> (2019, p. 130), demonstra o mecanismo de ação dos ISRS	24
Figura 2.	Retirada de Clark <i>et al.</i> (2013, p. 113), demonstra o mecanismo de ação dos benzodiazepínicos	26
Figura 3.	Frequência de uso de medicamentos psicotrópicos e classes farmacológicas* em uma amostra de estudantes universitários brasileiros (n = 524)	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Associação entre características sociodemográficas e uso de medicação psicotrópica em universitários (n = 524)	44
Tabela 2.	Associação entre características acadêmicas e uso de medicação psicotrópica em universitários (n = 524)	45
Tabela 3.	Associação entre características clínicas e uso de medicação psicotrópica em universitários (n = 524)	46
Tabela 4.	Análise de regressão múltipla de fatores sociodemográficos, clínicos e acadêmicos associados ao uso de medicação psicotrópica em universitários	47

QUADROS

Quadro 1 Variáveis pesquisadas (desfecho e associadas)

38

APÊNDICES

A	Material bibliográfico utilizado na revisão (ordem cronológica)	76
---	---	----

ANEXOS

A	Termo de consentimento livre e esclarecido	91
B	Formulário on-line	93
C	General Anxiety Disorder – 7 (GAD-7)	99
D	Patient Health Questionnaire (PHQ-9)	100

RESUMO

Objetivo: A proposta deste trabalho fez parte de um estudo matricial envolvendo dezoito países (incluindo o Brasil) e, no estado de Mato Grosso, teve como objetivo a avaliação do uso de medicamento psicotrópicos pelos estudantes, assim como a associação com variáveis sociodemográficas, acadêmicas, comportamentais e de saúde mental nesse público. **Método:** Foi realizada uma pesquisa de corte transversal, de caráter quantitativo, através de questionário on-line. A amostra desta pesquisa consistiu em 524 estudantes de graduação e pós-graduação *stricto sensu* de todos os *campi* da Universidade Federal de Mato Grosso no período de 10 de outubro a 30 de dezembro de 2022. Foram aplicados, através do formulário on-line, os seguintes instrumentos (que integraram o formulário do projeto matricial): questionário de dados sociodemográficos e clínicos; Inventário de Saúde Mental (MHI-5); General Anxiety Disorder-7 (GAD-7); e Patient Health Questionnaire-9 (PHQ-9). Questões relevantes quanto ao desfecho (uso de medicamentos psicotrópicos) foram selecionadas para este estudo. Os dados deste estudo foram analisados de maneira descritiva e inferencial por meio do software *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 27.0. **Resultados:** Os participantes possuíam idade mediana de 22 anos, sendo a maioria do sexo feminino (69,7 %), heterossexual (68,1 %), com *status* social subjetivo médio/alto (82,4 %) e sem relação amorosa (54 %). A prevalência de uso de medicamentos psicotrópicos na amostra de estudantes universitários foi de 26,1%, dos quais 17,5% não foram prescritos por profissional médico. A classe medicamentosa mais utilizada foi a de antidepressivos (91 estudantes apontaram o uso), seguida de medicamentos naturais (38 apontamentos). Entre os fatores potencialmente associados ao uso de psicotrópicos, estão o sexo feminino, a relação amorosa (especialmente, residindo com alguém), a percepção sobre o desempenho acadêmico (entre pós graduandos) e diagnóstico prévio de distúrbios mentais ou de humor (depressão e ansiedade). **Conclusão:** Houve participação predominante do sexo feminino, sugerindo a preocupação das mulheres quanto à saúde mental e a percepção dos sintomas/traços de ansiedade e depressão. Também houve destaque para associação de relações amorosas e uso de medicamentos psicotrópicos, o que requer mais estudos que elucidem esse mecanismo como de risco ou proteção. Os antidepressivos (ISRS) são os mais utilizados pelo público-alvo, o que implica a importância do acompanhamento para a eficácia e segurança do tratamento. Outro aspecto importante é a autoavaliação subjetiva quanto ao desempenho acadêmico, especialmente na pós-graduação, uma fase com grandes responsabilidades em curto espaço de tempo. Os resultados deste estudo ressaltam a importância das pesquisas na área de saúde mental de universitários, especialmente, quanto às variáveis que se associam ao uso de medicamentos psicotrópicos, o qual deve ser acompanhado por uma equipe interdisciplinar em saúde. Na UFMT, estes dados podem ser importantes na elaboração de políticas universitárias voltadas para a saúde e a qualidade de vida dos estudantes, além de contribuir para o fortalecimento de parcerias nacionais e internacionais envolvendo os Programas de Pós-Graduação, alavancando as produções científicas na área.

Descritores: *saúde mental; ensino superior; psicoativos; depressão; ansiedade.*

ABSTRACT

Objective: The proposal of this work was part of a matrix study involving eighteen countries (including Brazil) and, in the state of Mato Grosso, aimed to evaluate the use of psychotropic medication by students, as well as the association with sociodemographic, academic, behavioral variables and mental health in this public.

Method: A cross-sectional quantitative survey was carried out using an online questionnaire. Undergraduate and *stricto sensu* graduate students from all campuses of the Federal University of Mato Grosso. The sample for this research consisted of 524 *stricto sensu* undergraduate and graduate students from all campuses of the Federal University of Mato Grosso, with a median age of 22 years, most of whom were female (69.7%), heterosexual (68.1%), with medium/high subjective social status (82.4%) and without a romantic relationship (54%). The following instruments were applied through the online form (who integrated the form of matrix project): Sociodemographic and clinical data questionnaire; Mental Health Inventory (MHI-5); General Anxiety Disorder-7 (GAD-7); and Patient Health Questionnaire-9 (PHQ-9). Relevant questions regarding the outcome (use of psychotropic medications) were selected for this study. Data from this study were analyzed descriptively and inferentially using the Statistical Package for Social Sciences (SPSS) software, version 27.0.

Results: The prevalence of psychotropic medication use in the sample of university students was 26.1%, of which 17.5% were not prescribed by a medical professional. The most used drug class was antidepressants (91 students pointed out the use), followed by natural medicines (38 appointments). Among the factors potentially associated with the use of psychotropic drugs are female gender, romantic relationship (especially living with someone), perception of academic performance (among graduate students) and previous diagnosis of mental or mood disorders (depression and anxiety).

Conclusion: There was predominant female participation, suggesting women's concern about mental health and the perception of symptoms/traits of anxiety and depression. There was also emphasis on the association of romantic relationships and the use of psychotropic medications, which requires further studies to elucidate this mechanism as a risk or protective one. Antidepressants (SSRIs) are the most used by the target audience, which implies the importance of monitoring for the effectiveness and safety of the treatment. Another important aspect is subjective self-assessment regarding academic performance, especially in postgraduate studies, a phase with great responsibilities in a short space of time. The results of this study highlight the importance of research in mental health among university students, especially regarding variables associated with the use of psychotropic medications, which must be monitored by an interdisciplinary health team. At UFMT, these data can be important in developing university policies aimed at the health and quality of life of students, in addition to contributing to the strengthening of national and international partnerships involving Postgraduate Programs, leveraging scientific production in the area.

Descriptors: *mental health; University education; psychoactive; depression; anxiety.*

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	1
1.	INTRODUÇÃO	3
2.	OBJETIVOS	8
	2.1. Objetivos gerais	8
	2.2. Objetivos específicos	8
3	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	9
	3.1. Vida e saúde na universidade	9
	3.2. Saúde mental dos universitários	13
	3.3. Alterações da saúde mental dos universitários	17
	3.3.1. Ansiedade	18
	3.3.2. Depressão	20
	3.4. Tratamento da ansiedade e depressão	21
	3.4.1. Propostas terapêuticas não farmacológicas	21
	3.4.2. Propostas terapêuticas farmacológicas	22
	3.4.3. Consumo de psicotrópicos por universitários	27
4.	MATERIAL E MÉTODOS	33
	4.1. Tipo e período do estudo	33
	4.2. Local de estudo	33
	4.3. População do estudo	34
	4.4. Instrumentos componentes do formulário on-line	35
	4.5. Variáveis do estudo	37
	4.6. Coleta de dados	38
	4.7. Análise estatística	39
	4.8. Procedimentos éticos	40
5.	RESULTADOS	41
6.	CONCLUSÃO	62
	REFERÊNCIAS	63

APRESENTAÇÃO

Apresentar este trabalho é como escrever memórias, pois ele reflete boa parte da minha trajetória profissional como docente. Desde criança, já ministrava aulas para ‘alunos imaginários’ e, em muitos momentos, me questionei sobre essa ‘vocação’. Os anos se passaram e, depois de caminhar por outros caminhos e cursar outras graduações, eis-me aqui, diante de uma problemática tão cotidiana e real (quanto crítica) na docência: A saúde mental na universidade e possíveis fatores associados ao sofrimento psíquico dos estudantes. Por coincidência (ou afinidade, pois isso também acontece na vida), a Profa. Tatiane, minha orientadora, acolheu o meu sonho do Mestrado e, de pronto, sugeriu esta temática. Confesso que senti receio em tocar, mais de perto, a minha área de atuação docente, agora, sob um olhar mais reflexivo e crítico. A compreensão das relações entre Pedagogia, Psicologia e Docência me trouxe questionamentos sobre como eu poderia compreender melhor e, assim, intervir de forma científica na melhoria do meu próprio trabalho e em prol da construção de um ambiente universitário mais saudável. Muitas vezes, preocupados com tarefas e com o tempo, falamos, mas não ouvimos. O professor precisa saber ouvir, sentir, olhar o que cada educando apresenta para poder articular os saberes necessários ao processo de ensino aprendizagem. Não é tarefa fácil! Portanto, a Psicologia aplicada à Educação tem me ajudado a avaliar e entender um pouco mais sobre o complexo contexto universitário, suas demandas e características, assim como tem me munido de conhecimentos necessários para o planejamento de intervenções que possam contribuir com a qualidade de vida dos estudantes e, de certa forma, com a construção da sociedade.

A linha de pesquisa, selecionada para o Mestrado, foi a de “Processos de desenvolvimento e suas interfaces com a saúde psíquica”, com docentes que possuem diferentes linhas de pesquisa (entre elas, aquelas em interface com a Educação). Minha proposta relacionou, intimamente, a Psicologia e a Educação, enfatizando uma necessidade iminente de pesquisas que levantem dados sobre o ambiente universitário e as possíveis causas de sofrimento psíquico dos estudantes. Desta forma, a parceria entre Psicologia, Saúde e Educação é essencial dentro das linhas de pesquisa em populações específicas em ambientes estressantes, como é o caso do ambiente universitário. Neste contexto, chamou minha atenção a linha de pesquisa indicada, pois permite contar com o apoio de docentes experientes na área proposta, além de ferramentas necessárias para a devida análise de dados e produção de informações científicas.

Cursar as disciplinas em Cuiabá, residindo e trabalhando em Sinop, foi um dos maiores desafios. Apesar das viagens de ônibus (que podem ser exaustivas), vivi momentos enriquecedores como pessoa e como profissional e conheci pessoas incríveis. No desenrolar desta proposta, a Profa. Tatiane estabeleceu valiosa parceria com a Profa. Samira, da FAEN/UFMT Cuiabá, que me inseriu no universo de um estudo multicêntrico e internacional, com a temática da saúde mental dos universitários em diversos países. Esta oportunidade me abriu um caminho inestimável, pois pude contar com uma ferramenta on-line de coleta de dados pautada em instrumentos validados e o apoio da equipe do NESM que, além de serem pesquisadores exemplares, são seres humanos incríveis. Tive grande apoio do grupo, especialmente, da doutoranda Evelyn Abreu e do Doutor Moisés Kogien (que é um gênio da Estatística!). Neste cenário científico, tive a honra de conhecer a Profa. Alice (que além de ter vivenciado esse desafio de misturar Saúde e Psicologia), é uma querida colega de trabalho, pela Enfermagem, na UFMT Sinop. O convite (para uma coorientação), seria natural e extremamente edificante pois, além de muito profissional, ela é um ser humano incrível.

O trabalho encontrou desafios, especialmente, quanto à participação dos voluntários (Pela temática? Pelo formato? Pelo momento?). Como professora, estou na linha de frente, em contato com os alunos, que me procuram relatando suas angústias, medos e expectativas. Extraoficialmente, os sintomas/traços de depressão e ansiedade são os mais relatados, envolvendo dificuldades de aprendizagem, desânimo e desejo de evasão, dificuldade de gestão do tempo e falta de prioridade, além da procura de estratégias de fuga psíquica, muitas vezes, pautadas no uso de psicoativos. Apesar do aumento das pesquisas nacionais sobre a temática no Brasil, a sensibilização para este tema ainda é lábil, portanto, estudos desta natureza deverão ser propostos no contexto espaço-tempo em que vivemos (especialmente, após a pandemia de Sars-Cov-2).

Assim sendo, neste trabalho, os leitores terão acesso à **Introdução**, que situa e expõe o assunto abordado; em seguida, os **Objetivos Gerais e Específicos**; na sequência, a Revisão bibliográfica, que visa explorar e problematizar a temática, além de justificar a necessidade da realização da pesquisa (acompanhada de uma tabela cronológica de referências utilizadas, Apêndice A). Os caminhos metodológicos percorridos estão descritos na seção Material e Métodos. Por fim, os Resultados e Discussão, com as informações obtidas em comparação com a literatura, especialmente, nacional. Por último, são apresentados a Conclusão, Referências e os Anexos.

1. INTRODUÇÃO

As Instituições de Ensino Superior (IES), “apesar de serem um lugar para a formação de profissionais criativos e inovadores, muitas vezes não promovem espaços para discussão sobre assuntos pertinentes à vida estudantil” (Ribeiro; Guzzo, 2019, p. 32). Para as autoras, há uma crescente necessidade da presença de profissionais capacitados em saúde mental no ensino superior para, também, prevenir situações de sofrimento psíquico, muitas vezes, atreladas às relações dos sujeitos, sejam elas interpessoais ou com o contexto social na universidade.

De acordo com Padovani *et al.* (2014), ao adentrarem o mundo acadêmico, do trabalho e das organizações, os universitários podem ser muito proativos, porém, em muitos casos, também tendem a não suportar as pressões institucionais e as regras inegociáveis, têm dificuldades em cumprir prazos diante de suas ansiedades, frustram-se com o próprio desempenho, apresentando sofrimento psíquico intenso e adoecimento, quando não, terminando em comportamento suicida.

A entrada do estudante no ensino superior configura-se como uma nova fase da vida, relacionada ao desenvolvimento profissional e pessoal do ingressante (Silva; Da Silva, 2019, p. 962). Segundo Santana, Pereira e Rodrigues (2014), no ensino superior, são exigidas do estudante habilidades e competências que facilitem a sua inserção nesse contexto. Entretanto, além da dimensão subjetiva do estudante, a universidade precisa estar atenta às dimensões sociais, não somente no momento de ingresso do aluno, mas também, nas condições que viabilizem a sua permanência na IES.

As transformações inerentes ao desenvolvimento de uma vida pessoal autônoma, somadas às exigências da vida acadêmica e às expectativas quanto ao futuro profissional, “podem afetar o bem-estar psicológico dos estudantes” (Costa; Nebel, 2018, p. 217); ao encontro desta assertiva, artigos publicados por Barreto (2020) e Cardoso, Borsa e Segabinazi (2018), reforçam que essas condições podem levá-los ao desenvolvimento de doenças como ansiedade, depressão, distúrbios do sono, consumo excessivo de drogas lícitas ou ilícitas e, até mesmo, tentativa de suicídio e suicídio consumado.

De acordo com Graner e Cerqueira (2019), no mundo acadêmico, alguns fatores de risco são potencializadores para o processo psicossocial disfuncional de um universitário: distância da família, convivência com a solidão, relações interpessoais deficitárias, verticalização da hierarquia do conhecimento, adaptação à nova cidade e à

vida acadêmica, competitividade, individualismo, vulnerabilidade social e psíquica, pressões contemporâneas para se manter estudando, ansiedade frente ao futuro ingresso no mercado de trabalho, dentre outras. Portanto, esses fatores promovem uma insegurança ontológica que pode tornar o sofrimento insuportável.

“O estilo de vida refere-se aos comportamentos adquiridos sob influência social e/ou cultural, incluindo os hábitos alimentares, o consumo de drogas lícitas ou ilícitas e o sedentarismo, que podem impactar na Qualidade de Vida (QV) e na saúde” (Sonati; Vilarta, 2010, p. 86). Para Romansini (2007), esses fatores, positivos ou negativos, muitas vezes, são instalados em idades precoces, prevalecem até à vida adulta e influenciam na saúde e no bem-estar. No contexto acadêmico, devido ao sofrimento psíquico causado por grandes mudanças, os hábitos dos estudantes podem se tornar disfuncionais, manifestando-se em ansiedade, depressão, estresse, entre outros.

Andrade *et al.* (2016), pesquisando estudantes universitários de uma universidade pública do interior do estado de São Paulo (Brasil), encontraram indicadores explícitos de mal-estar e prejuízo à qualidade de vida. Foram investigados 119 estudantes, 107 dos quais responderam afirmativamente terem vivência de sofrimento psíquico; os pesquisadores apontaram a necessidade urgente de ações e estratégias por parte dos gestores universitários. Ao encontro desses resultados, outro estudo, realizado por Trigueiro *et al.* (2021), avaliou a prevalência de sofrimento psíquico em 545 estudantes de uma universidade privada do estado do Ceará (Brasil), concluindo que variáveis como gênero, consumo de álcool e de medicamentos, além de estar no final do curso, estão associadas a índices graves de ansiedade, predispondo a um maior sofrimento psíquico.

Outro estudo, realizado por Liu *et al.* (2019), investigou acadêmicos de 108 instituições de ensino dos EUA, totalizando 67.308 entrevistados; os pesquisadores constataram a prevalência de 23,3% de ideação suicida, 19,8% de automutilação e 9,3% de tentativas de suicídio nos últimos 12 meses que antecederam a pesquisa. Especificamente na Universidade Federal de Mato Grosso, em um estudo realizado no *campus* de Cuiabá por Santos *et al.* (2017), cujo objetivo foi de identificar os fatores associados à ideação suicida em universitários, os autores constataram a presença de ideação suicida nos últimos 30 dias, em um determinado período da pesquisa, em 9,9% da amostra (637 estudantes).

A depressão e a ansiedade são sintomas que estão presentes na vida de estudantes universitários, como aponta o estudo realizado com 636 alunos de graduação de uma universidade pública do estado de Mato Grosso, em que 42% dos participantes apresentaram sintomas depressivos (Santos *et al.*, 2021). Outro estudo, realizado por Fernandes *et al.* (2018), com 205 universitários de uma universidade pública do Nordeste do Brasil, apontou uma prevalência de 30,2% de depressão e 62,9% de ansiedade, sendo que o nível de sintomas depressivos associaram-se ao sexo e aspectos do trabalho e lazer. Esse dado não é diferente para os alunos de pós-graduação, que apresentaram uma prevalência de 52,03% de depressão e 54,33% de ansiedade em uma amostra de 565 pós-graduandos *stricto sensu* de uma universidade pública de Mato Grosso, segundo Abreu *et al.* (2021).

Diante do exposto, tais evidências indicam que os estudantes universitários, frente ao sofrimento psíquico acarretado pela vivência acadêmica, estão sujeitos ao consumo de psicofármacos, seja ele prescrito por profissional habilitado ou por automedicação, na perspectiva do tratamento dos transtornos diagnosticados e dos sintomas presentes.

De acordo com Lima *et al.* (2017), o uso racional de medicamentos ocorre quando o paciente recebe e utiliza o medicamento de maneira apropriada, de acordo com a necessidade clínica, contendo a dose e posologia correta, por um período adequado, que atenda às necessidades individuais, de acordo com a prescrição médica/orientação de um profissional de saúde, como o farmacêutico. Esta concepção também se aplica ao uso de medicamentos psicotrópicos, “que são prescritos para o auxílio nas funções psíquicas e no estado mental, contribuindo no tratamento de ansiedade, depressão, psicoses, transtornos de déficit de atenção e hiperatividade, transtorno bipolar, entre outros quadros clínicos” (Araújo *et al.*, 2021, p. 3).

Conforme explicita Araújo *et al.* (2021), a prática da automedicação pode envolver o uso de medicamentos psicotrópicos de maneira incorreta, ou seja, de modo excessivo, prolongado ou indiscriminado, sem prescrição/orientação de profissionais de saúde. Tal uso pode produzir diversos efeitos adversos, como dependência química, física e transtornos psíquicos e/ou somáticos, resultando em um problema para saúde do indivíduo. Além disto, em alguns quadros, os medicamentos, quando utilizados em conjunto com o álcool, podem induzir a interação medicamentosa, envolvendo risco de morte. No estudo realizado pelos autores com estudantes universitários de odontologia e

medicina em Maceió (estado de Alagoas, Brasil), 55,2% dos participantes alegaram obter psicofármacos através da prescrição, 21,5% por meio de amigos e familiares e 12,9% sem prescrição médica.

Lima *et al.* (2017) destacam que, além do uso de psicofármacos, há prevalência do uso de outras substâncias psicoativas (denominadas “drogas de abuso”), tais como álcool, tabaco e outras drogas não lícitas, oferecendo risco de abuso durante o convívio social e acadêmico. O consumo de determinadas substâncias durante a formação acadêmica envolve fatores de risco à saúde, incluindo alterações na consciência, risco de dependência, interações farmacológicas, potencialização de efeitos adversos de fármacos e, até mesmo, sofrimento psíquico, especialmente, segundo Pedrosa *et al.* (2011), em casos de consumo concomitante e abusivo de álcool entre os estudantes universitários.

Além disso, estudos demonstram que a população feminina (Rabelo *et al.*, 2020), indivíduos em relação amorosa (Amaral, 2019) e estudantes da área da saúde (Miranda *et al.*, 2021) possuem maiores prevalências quanto ao uso de psicotrópicos. Um estudo realizado por Rabelo *et al.* (2020) traz a prevalência de uso de psicoativos (álcool, maconha e medicamentos, especialmente, os estimulantes/inibidores de apetite) por mulheres. Os autores destacam a problemática do consumo indiscriminado dessas substâncias por mulheres, não somente por aspectos biológicos, mas também, pela pressão psicológica que este público sofre quanto à aparência, merecendo estudos com abordagens específicas para essa população e com maior atenção no meio acadêmico.

Em relação ao *status* conjugal, “estar em relação amorosa” também está associada ao uso de medicamentos psicotrópicos, porém, a literatura carece de elucidação quanto a este contexto. Um estudo, realizado por Amaral (2019) com universitários da Universidade de São Paulo (Brasil), apontou prevalência do uso de medicamentos psicotrópicos por mulheres que estavam em uma relação amorosa com parceiro fixo, embora não tenha sido apontada a associação entre essas variáveis. Também foi possível levantar que a principal classe terapêutica utilizada pelo público-alvo foi a de ISRS (Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina), resultado que corrobora com a literatura relacionada ao tema.

A escolha da área de conhecimento, assim como a autopercepção quando ao desempenho acadêmico, podem contribuir para o surgimento de sofrimento psíquico entre os universitários, sejam eles de graduação ou de pós-graduação. A área que se

destaca quanto ao uso de medicamentos psicotrópicos é a da Saúde. Para Wilens (2018) e Oliveira *et al.* (2018), o ensino superior exige um certo nível de desenvolvimento das funções cognitivas, e, nos cursos da área da saúde, esse nível é particularmente elevado. Desta forma, o uso de medicamentos no ensino superior pode atender a propósitos diferentes, incluindo automedicação, uso recreacional e desempenho acadêmico.

Lucas *et al.* (2006) já destacavam, há quase 20 anos, em um estudo com 521 universitários da Saúde da Universidade Federal do Amazonas – Brasil, que a abordagem sobre o tema na formação curricular desses acadêmicos deve ter uma perspectiva multidisciplinar: farmacológica, humanística e social. Assim, serão formados profissionais de saúde com maior capacidade de compreender o fenômeno do uso de drogas e atuar adequadamente na sua prevenção, diagnóstico e tratamento – evitando, também, a automedicação.

Frente às informações descritas, é evidente a necessidade de projetos e estratégias de ação que visem a identificação do sofrimento psíquico e dos aspectos gerais da saúde mental dos universitários, utilizando-se instrumentos científicos validados, além da prevenção do sofrimento, seja ele causado pela bagagem social prévia, seja pelas experiências acadêmicas dos estudantes frente a um mundo imenso, complexo e desconhecido. Além das questões psicológicas, é importante conhecer os hábitos disfuncionais, especialmente, o uso incorreto de medicamentos psicotrópicos ('medicação psicotrópica'), assim como as possíveis variáveis associadas, favorecendo estratégias de intervenção para a qualidade de vida dos estudantes, de acordo com as necessidades da população estudada. Sendo assim, a pergunta de estudo deste trabalho foi: **“Quais as principais variáveis associadas ao uso de medicamentos psicotrópicos entre os estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil”?**

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral:

Investigar a associação de variáveis sociodemográficas, econômicas, acadêmicas, comportamentais e de saúde mental (sintomas ansiosos e depressivos) com a utilização de medicamentos psicotrópicos por estudantes universitários de uma IES pública federal do estado de Mato Grosso, Brasil.

2.2. Objetivos específicos:

- a. Caracterizar variáveis sociodemográficas, econômicas, acadêmicas, comportamentais e de saúde mental (sintomas ansiosos e depressivos) dos estudantes universitários dos *campi* de uma IES pública do estado de Mato Grosso;
- b. Determinar a prevalência da utilização de medicamento psicotrópicos entre os estudantes universitários dos *campi* de uma IES pública do estado de Mato Grosso;
- c. Verificar a associação das variáveis estudadas com a utilização de medicamentos psicotrópicos.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O método utilizado neste levantamento bibliográfico foi o de revisão narrativa da literatura (entre os anos de 2003 e 2023), com pesquisa de materiais em bases científicas nacionais e internacionais, gratuitas e com acesso permitido pela UFMT (tais como Scielo, PubMed, PePSIC), além de plataformas de revistas científicas digitais, preferencialmente traduzidos para o português, abordando trabalhos publicados com amostras populacionais de universitários brasileiros, assim como artigos de revisão sobre a temática e voltados para a realidade das IES no Brasil. As revisões narrativas são classificadas como uma análise de literatura que irá fornecer sínteses narrativas e compreensivas das informações que já foram publicadas. De acordo com Ribeiro (2014), esse método de pesquisa se constitui em um instrumento educativo, e é muito útil devido a construção e sistematização das informações, sendo muito utilizada para a discussão e descrição de diferentes assuntos e em diferentes campos de conhecimento. Os artigos para o referencial foram escolhidos a partir dos seguintes descritores (‘saúde mental + universitários’; ‘sofrimento psíquico + universitários + brasileiros’; ‘depressão + universitários’; ‘ansiedade + universitários’; ‘hábitos + universitários’), entre outras combinações. Os artigos selecionados foram lidos, inicialmente, pelo resumo e pelas considerações finais para, na sequência, serem lidos na íntegra. Um total de 110 artigos foram utilizados no referencial, de acordo com o Apêndice A (cronologia dos autores), apresentada ao final deste trabalho.

3.1. Vida e saúde na universidade

Nos últimos anos, o aumento da população universitária, que carrega consigo características bastante heterogêneas no tocante à classe social, gênero, objetivos, expectativas, trajetória acadêmica anterior, faixa etária, situação de trabalho, opção pelo turno de estudo, entre outras, “traz desafios para as IES quanto ao processo ensino-aprendizagem” (Fonseca *et al.*, 2019, p. 344).

A vida universitária é um momento de mudanças e de desafios. De acordo com Mello *et al.* (2019), embora os alunos pretendam ter uma vida acadêmica satisfatória, cotidianamente lidam com problemas inerentes a este estilo de vida, como falta de

dinheiro, não adaptação à universidade e aos colegas e ansiedade por se colocar profissionalmente. De acordo com Acherman *et al.* (2021), a trajetória acadêmica é marcada por um rol de acontecimentos biopsicossociais, os quais podem vir a influenciar na qualidade de vida dos estudantes, seja no rendimento estudantil ou no desenvolvimento de sinais e sintomas precursores de adoecimento mental.

Neste contexto, para Silva e Ximenes (2022), o suporte social tem se mostrado eficaz como protetor ao sofrimento psíquico e à capacidade de ressignificar momentos de mudanças bruscas de realidade, além de promover bem-estar subjetivo. Considerando que o suporte social remete a aspectos de relacionamentos interpessoais do sujeito, identificá-lo como positivo e protetor depende do contexto qualitativo relacional em que se desenvolve. Segundo Silva *et al.* (2022), relações negativas, por mais que sejam suporte social em algum momento, podem ser produtoras de sofrimento. A ausência de suporte social, aliada ao despreparo e à falta de informação, implicam em situações de vulnerabilidade e aumento dos riscos para a saúde mental. Nesse sentido, a o ambiente universitário pode ser vivenciado como hostil, levando em consideração que as relações interpessoais estabelecidas entre os estudantes e os demais indivíduos que permeiam esse espaço, podem favorecer o sofrimento psíquico dos envolvidos.

Em conjunto às questões relacionais há, também, as condições sociodemográficas que podem comprometer, em diferentes níveis, o bem-estar dos universitários. De acordo com Silva Júnior (2021), em um estudo realizado com 279 estudantes de uma IES pública do estado de Piauí (Brasil), a maioria dos universitários estava insatisfeita com o bem-estar pessoal. As variáveis sexo, idade e IMC (Índice de Massa Corporal) no sexo masculino, mostraram associação com o bem-estar pessoal autoavaliado. Os autores concluíram que esse tipo de pesquisa fomenta possibilidades de intervenções direcionadas a melhoria do bem-estar pessoal dos universitários.

Em um estudo transversal, de abordagem quantitativa e descritivo-correlacional (com 1240 universitários do Brasil e de Portugal), realizado por Fonseca *et al.* (2019), foi possível evidenciar relação linear positiva entre os fatores sociodemográficos e o rendimento acadêmico: distância e independência familiar; aumento da prevalência do gênero feminino na universidade; aumento de estrangeiros e pessoas mais velhas nos cursos superiores. De acordo com Pinto e Leite (2020), autores utilizam o termo “estudantes não tradicionais” para incluir estudantes mais velhos, imigrantes, estudantes provenientes de agregados familiares de estatuto sociodemográfico mais baixo, bem

como estudantes com necessidades educativas especiais. As condições sociodemográficas e econômicas podem influenciar, portanto, na prevalência de adoecimento mental nesse público, já que impacta diretamente no rendimento acadêmico.

Para se falar de adoecimento mental, é preciso compreender saúde mental, que integra o conceito de saúde integral. A Organização Mundial da Saúde (WHO, 1946) caracteriza a saúde como a articulação do bem-estar físico, mental e social, não sendo entendida apenas como a ausência de doença. De acordo com Souza *et al.* (2021), a saúde pode ser abordada a partir da junção entre variados elementos internos e externos, como habitação, educação, renda, condições alimentares, emprego, esporte, lazer e, no caso de estudantes universitários, se relacionam também ao estresse e à falta de tempo devido à rotina acadêmica, e à mudança de cidade e consequente saída da casa dos pais, em muitos casos. Esse cenário complexo nos remete, novamente, à diversidade de fatores que podem estar associados ao adoecimento mental no ambiente universitário e evidenciam a necessidade de medidas institucionais que possam minimizar esses eventos.

De acordo com Martins *et al.* (2022), promover a saúde e a qualidade de vida dos jovens é um desafio que se apresenta às universidades. “O conceito de qualidade de vida está intimamente relacionado ao estilo de vida, isto é, às ações habituais de saúde que o indivíduo realiza e que refletem suas atitudes, valores e as oportunidades na vida, as quais irão impactar no seu bem-estar geral e na saúde” (Martins *et al.*, 2022, p. 2).

Em relação ao estilo de vida, para Farias Júnior *et al.* (2009), os universitários apresentam-se vulneráveis a comportamentos de risco à saúde que podem levá-los à morbimortalidade, pois propiciam o desenvolvimento de doenças (como as sexualmente transmissíveis), além da gravidez de alto risco. Tal fato pode ser evidenciado em um estudo transversal com universitários do norte de Minas Gerais, Brasil (total de 912 participantes), realizado por Lima *et al.* (2017), que identificou que os comportamentos de risco à saúde mais prevalentes foram o baixo consumo de frutas e verduras, a não realização de exercício aeróbico e o uso irregular de preservativo nas relações sexuais. Além disso, o consumo de álcool e de drogas ilícitas (drogas de abuso) e o envolvimento em brigas foram prevalentes entre os estudantes do sexo masculino. De acordo com as autoras, é importante lembrar que a adoção de comportamento sedentário e uma dieta inadequada aumentam o risco de desenvolvimento e agravamento das

doenças crônicas degenerativas, além de elevar os gastos econômicos do indivíduo enfermo, da família e da sociedade. É importante ressaltar que o acesso às condições saudáveis é heterogêneo no Brasil, portanto, nem todos os universitários têm o mesmo estilo nutricional, social e de lazer.

Ao encontro dos resultados acima citados, outro estudo exploratório, seccional e quantitativo, realizado na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil (através de questionários validados para o público-alvo) e publicado por Carleto *et al.* (2019), é evidente a necessidade de atenção aos hábitos de saúde assumidos pelos universitários, particularmente os relacionados à temática segurança, consumo de drogas lícitas e ilícitas, comportamento sexual e alimentação, por parte de todos os envolvidos no contexto universitário, sejam gestores educacionais, docentes, profissionais que atuam na assistência estudantil e, especialmente, dos próprios estudantes.

Linard *et al.* (2019) publicaram um estudo transversal e quantitativo realizado com estudantes de uma universidade pública localizada na cidade de Fortaleza, estado do Ceará (Brasil), totalizando 119 participantes. A metodologia também se pautou na utilização de questionário, levantando associação significativa do estilo de vida e percepção de saúde nas seguintes variáveis: sexo, nível de estresse, satisfação com a vida e consumo de álcool. Esses autores também ressaltaram que esse público deve ser monitorado nos aspectos relativos à saúde e à educação, juntamente com as condições que são ofertadas durante esse período acadêmico, para que possam desenvolver o conhecimento teórico e prático sobre saúde, independentemente da área de formação.

Resultados confluentes foram obtidos por Martins *et al.* (2022) em um estudo transversal, quantitativo e descritivo que, aplicando questionários e escalas em estudantes de uma universidade privada brasileira (total de 390 universitários), identificaram que os participantes conseguem perceber pontos positivos quanto à qualidade de vida e saúde no ambiente universitário (com destaque para os domínios de atividade física, alimentação e fatores ambientais); porém, discutiram a necessidade de maior incentivo à participação nas atividades oferecidas. Verificou-se melhor percepção da qualidade de vida entre os estudantes que relataram praticar atividade física e recreativa, e que participaram de atividades educativas sobre alimentação saudável.

Em um trabalho de revisão integrativa e qualitativa da literatura, Moraes *et al.* (2023) identificaram a relevância da implantação de programas e ações de promoção da

saúde na comunidade acadêmica, já que estudantes e servidores têm passado cada vez mais tempo nas IES. De acordo com os autores,

Um consenso notório na leitura dos estudos analisados é a comprovação de que independente da teoria, aplicabilidade, tempo e estratégia, é possível realizar a promoção da saúde desta comunidade. Em termos das limitações das ações promotoras de saúde, destacam-se a falta de infraestrutura e de apoio financeiro das instâncias superiores, que retarda o desenvolvimento de pesquisas e ações promotoras de saúde nas IES (Moraes *et al.*, p. 12., 2023).

Destaca-se, portanto, “o potencial de criação de estratégias para a construção de entornos ou ambientes universitários saudáveis, que fomentem o desenvolvimento de habilidades sociais, as quais geram universidades promotoras de saúde” (De Jesus; De Andrade, 2022, p. 10). Certamente, essas ações podem contribuir significativamente para a construção de fatores de proteção à saúde mental e à qualidade de vida dos universitários.

3.2. Saúde mental dos universitários

De acordo com o DSM – V - Manual Diagnostico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2014), os transtornos mentais são perturbações significativas no comportamento e/ou na cognição de um indivíduo, as quais causam processos de disfunções biológicas, psicológicas e subjacentes ao funcionamento mental. O adoecimento psíquico, a depressão, a ansiedade e os atos suicidas, por exemplo, são um problema de saúde pública, de acordo com Julião e Guimarães (2022). “Atualmente, no Brasil, a taxa de suicídio aumentou, em média, 27% nos últimos anos, percebendo-se maior número desses incidentes na população jovem do país” (Rufato; Rossetto; Wilcon, 2022, p. 3).

No campo acadêmico, as universidades têm enfrentado essa realidade cada vez mais comum. Segundo Oliveira *et al.* (2021), houve um aumento no adoecimento mental de jovens universitários, além da ideação e/ou tentativa de suicídio. Alguns fatores que podem contribuir para esse cenário, são: a dificuldade de inserção no mercado de trabalho; altas cargas de estudo; conciliar trabalho e atividades acadêmicas; problemas econômicos; falta de apoio familiar; e dificuldade de acesso aos serviços de saúde mental no setor público.

Lambert e Castro (2020), ao realizarem uma minuciosa análise da produção científica brasileira na área de saúde mental e sofrimento psíquico de universitários, identificaram maior prevalência sobre adoecimento psíquico do que adoecimento físico. Porém, há consenso entre os estudiosos de que o desequilíbrio no estado de saúde em um dos aspectos, afeta o outro. É comum, na maioria dos estudos, o apontamento dos fatores relacionados ao uso de álcool e drogas, sentimento de desamparo diante do desconhecido, maus hábitos alimentares, dificuldades de adaptação ao contexto universitário, sobrecarga de responsabilidades, exigências acadêmicas e distanciamento da família.

“A saúde mental do estudante e sua adaptação à universidade têm sido objeto de estudo de diversas pesquisas, porém, essa literatura ainda apresenta lacunas importantes” (Sahão; Kienen, 2021, p. 2). Segundo Padovani *et al.* (2014), estudos apontam uma taxa mais alta de prevalência de sintomas de ansiedade e depressão na população universitária do que na população geral, acusando, inclusive, aumento dessa taxa a cada ano.

Ainda sobre a temática da saúde mental, Martins e Branco (2021) destacam diversas situações do cotidiano dos universitários as quais requerem um processo constante de adaptação, pois influenciam diretamente no processo de amadurecimento, além do desenvolvimento cognitivo e afetivo. De acordo com Castro (2017), o ingresso na Universidade é caracterizado por diversas mudanças, sendo necessário um processo de adaptação, pois o ambiente acadêmico é repleto de normas, metodologias, grupos e pessoas desconhecidas sendo, assim, indispensável que o estudante crie um perfil universitário. Porém, esse processo pode gerar angústias, conflitos, ansiedade; essa nova realidade coloca o universitário em um estado de vulnerabilidade, aumentando as chances de quadros psicopatológicos e dificuldades no desenvolvimento pessoal e profissional.

Um artigo de revisão integrativa sobre sofrimento psíquico de universitários, publicado por Graner e Cerqueira (2019), destacou que as mudanças vivenciadas pelos universitários fazem parte de um processo de mudança da juventude para a vida adulta, estando relacionadas aos aspectos biológico, psicológico e social. Para os autores, a passagem para a vida adulta traz profundas transformações biopsicossociais, as quais podem impactar na saúde mental dos universitários.

Dentre os aspectos que podem gerar o sofrimento, Lima *et al.* (2019) ressaltam a interlocução entre a história de vida dos sujeitos, o processo de aprendizagem, a instituição universitária (com seu regimento, funcionamento, estrutura, etc.), além das condições políticas que atuam no funcionamento da IES. As políticas estudantis para o ingresso e permanência também podem afetar a saúde mental dos universitários.

As condições acadêmicas são um dos principais estressores para o estudante de graduação, tendo o nível de estresse variável - de acordo com a característica do curso e período de semestralidade. De acordo com Andrade *et al.* (2016), as vivências desfavoráveis dentro da universidade facilitam o sofrimento psíquico, podendo acarretar o desenvolvimento de transtornos mentais nos estudantes.

Santana, Pimentel e Vêras (2020) destacam que a vivência disfuncional da graduação, com o estabelecimento de rotinas de estudos exaustivas, hábitos alimentares pouco saudáveis, diminuição de laços sociais fora do espaço universitário, entre outros, potencializa as chances de problemas de saúde mental.

Pinho *et al.* (2015) realizaram um estudo com universitários de diversos cursos de uma IES pública brasileira, tendo como objetivo descrever os fatores que influenciavam no processo de transição do ensino médio para a universidade e suas possíveis mudanças comportamentais. Dentre outros resultados, constataram que a maioria dos sujeitos descreviam a infraestrutura do ambiente acadêmico como defasada, pois as instituições não ofereciam condições básicas que proporcionassem o mínimo de conforto para o estudante, favorecendo sua permanência no ensino superior.

Segundo Malajovich *et al.* (2019), outro fator gerador de sofrimento psíquico é o fato de muitos precisarem se deslocar de suas cidades de origem, por vezes até de estado, para conseguirem estudar, precisando obter um alojamento universitário ou outras moradias; além disso, há estudantes que convivem com tensões relacionais por coabitarem em um local com pessoas inicialmente desconhecidas. Assim, os autores ressaltam que os estudantes não podem mais contar com a presença da família e dos amigos, além de sofrerem adaptações culturais na nova habitação e na sustentação do cotidiano o que, somado às tarefas acadêmicas, podem ser potenciais agentes de sofrimento.

De acordo com Moraes e Soares (2023), os processos de transição, a adaptação ao esquema de estudo, avaliações institucionais, longas horas de estudos, competição entre os discentes, expectativas quanto a profissão, distanciamento familiar e rupturas

de relações afetivas significativas e a vulnerabilidade pessoal, social e econômica podem comprometer o desempenho acadêmico, favorecendo uma auto avaliação negativa, além de sofrimento psíquico. Os autores também reforçam que, diante da complexidade da adaptação ao ensino superior e das possíveis questões que são geradas a partir das dificuldades no ajustamento, é mister investigar um conjunto de variáveis que podem explicar e contribuir com possíveis ações de intervenção.

Um estudo realizado por Andrade *et al.* (2014) acompanhou estudantes de cursos de medicina de universidades públicas do estado do Ceará (Brasil) e aplicou o *Self-Report Questionnaire-20* para avaliar transtornos mentais leves. Os resultados demonstraram que mais da metade dos estudantes pesquisados demonstraram sofrimento psíquico sendo que, apenas, 20 % (em média) procuravam ajuda psicológica. De acordo com os autores, depressão, insônia, problema pessoal, privação de lazer e insegurança estrutural atuaram sobre o sofrimento. A formação médica representa um período de dúvidas, receios e tensões. Os currículos precisam considerar como os estudantes lidam com a formação. “As escolas devem tornar seus serviços de apoio mais integrados à execução dos currículos, focando os dois últimos anos, oferecendo suporte às tensões pessoais e familiares” (Andrade *et al.*, 2014, p. 231).

Para Cunha, de Souza e Novaes (2022), outros fatores importantes, tais como carência econômica, questões de gênero (especialmente, em relação ao feminino, embora as mulheres identifiquem melhor os seus sintomas, procurando ajuda profissional, ao contrário dos homens que, muitas vezes, optam por comportamentos de fuga e risco), competitividade neoliberal (ao buscar-se uma profissão retornável que, muitas vezes, não contempla o que realmente se deseja), podem levar ao sofrimento psíquico ao longo do curso universitário.

Graner e Cerqueira (2019) relatam fatores relacionados à personalidade que, também, podem desencadear o sofrimento psíquico, tais como dificuldade de compartilhar problemas, sentimentos negativos, comportamentos compulsórios, baixa autoestima, personalidade com escore alto em neuroticismo e perfeccionismo. Para Yosetake *et al.* (2018), o estresse referente ao curso e a dificuldade em gerir as demandas provocadas pelo estresse, juntando com a falta de tempo livre para o lazer e a não presença de uma rede de apoio são fatores que influenciam para o adoecimento.

Pelo exposto, percebe-se que a saúde mental é um tema extremamente relevante. Considerando sua influência em aspectos sociais, individuais e institucionais no

contexto universitário, “a sua promoção pode influenciar positivamente nos processos de aprendizagem, na formação profissional e na permanência institucional” (Trigueiro *et al.*, 2020, p. 872).

Neste cenário, a universidade apresenta-se como uma instituição formadora de sujeitos, favorecendo, portanto, a elaboração de políticas internas que atendam as demandas do adoecimento psíquico dos estudantes. Para Rufato, Rossetto e Wilkon (2022), o olhar sobre a saúde mental dos universitários deve ser diferenciado,

[...] considera-se a universidade como uma instituição formadora de sujeitos, e que podem favorecer políticas internas que atendam as demandas do adoecimento psíquico dos estudantes. Para isso, precisa-se de conceituar um novo olhar sobre a saúde mental, investir em formação de professores e agentes administrativos, dispositivos especializados em atendimentos emergenciais, articulação de diálogos, promover um ambiente de estudo saudável e nortear uma formação mais humanizadora e crítica (Rufato; Rossetto; Wilkon, p. 3, 2022).

Para Macêdo *et al.* (2021), as instituições de ensino superior podem, e devem, contribuir para um cuidado integral do discente advindo de diversas camadas sociais através da promoção da saúde e qualidade de vida, acolhimento de demandas e estratégias que minimizem o sofrimento psíquico. Esta demanda no ensino superior deve ser observada como parte importante nos processos e estratégias educacionais. “A universidade é um ambiente novo e desconhecido, permeado por factíveis cenários de indução à ansiedade e exigências de adaptação para os ingressantes” (Oikawa; Garcia, 2021, p. 20); por isso, é necessário que as instituições adotem posturas e políticas que “priorizem a redução das instabilidades e vulnerabilidades com o objetivo de prevenir o agravamento do sofrimento psíquico, e outros fenômenos como estresse, evasão e adoecimento destes indivíduos” (Mota; Pimentel; Mota, 2023, p. 6).

3.3. Alterações da saúde mental dos universitários

Para Cunha, de Souza e Novaes (2022), a graduação no ensino superior é um processo de muitos altos e baixos, permeado por diversas mudanças significativas na vida do estudante, estresses, cobranças e exigências, podendo resultar no que são chamados, na prática clínica, de Transtornos Mentais Comuns (TMC). Além de serem caracterizados por estados mistos de depressão maior e ansiedade, os TMC, de acordo

com Rozeira *et al.* (2018), possuem a presença de sintomas como insônia, irritabilidade, fadiga, esquecimento, dificuldade de se concentrar e diversas queixas somáticas, que acabam tendo, como consequências, a perda da vontade de estudar, baixo desempenho, reprovações e, até mesmo, automedicação e evasão.

“A tríade depressão, estresse e ansiedade vem crescendo de maneira exponencial e interessando os pesquisadores, pois pode atingir qualquer pessoa” (Jardim; Castro; Rodrigues, 2020, p. 645). No entanto, para Figueiredo *et al.* (2014), a sintomatologia (associada a esses quadros), tem maior chance de surgir pela primeira vez no início da vida adulta, principalmente no período universitário. Ainda sobre a questão, Carvalho *et al.* (2015) também destacam que os estudantes possuem a tendência de manifestar algum transtorno durante a vida acadêmica, sendo o de ansiedade o mais recorrente.

As situações da vida moderna, os estudos, o trabalho e as atividades, tendem a gerar ansiedade, o que pode advir também de situações conflitantes que ocasionem desgaste (talvez nunca experimentado anteriormente). Segundo Laureano *et al.* (2015). Estas condições podem acarretar esgotamento físico e mental no indivíduo, facilitando o desencadeamento de processos patológicos.

3.3.1. Ansiedade

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2017), a proporção de pessoas com distúrbios de ansiedade tem crescido ao redor do mundo, principalmente em países de renda baixa. A estimativa aponta que a proporção média mundial de pessoas com ansiedade era de 3,6% em 2015. Este problema é especialmente relevante no Brasil, em que a proporção de pessoas com ansiedade era quase três vezes superior à média global.

Em confluência com esses dados, Paetzold, Silva e Simões (2020) relataram uma estimativa de 322 milhões de pessoas que sofrem de depressão, o equivalente a 4,4% da população mundial, e esse número vem aumentando, especialmente, em países de baixa renda. Da mesma forma, estima-se que 264 milhões de pessoas tenham ansiedade, em torno de 3,6% da população mundial.

A ansiedade, segundo Clark e Beck (2014), compreende-se um estado emocional complexo, uma resposta fisiológica (prolongada) a estímulos externos e às situações vivenciadas, muitas vezes desencadeadas por um medo inicial, no qual a pessoa acredita

que não pode controlar ou prever eventos futuros potencialmente aversivos. Salles e Silva (2012) descrevem ansiedade patológica como um estado de apreensão, tensão e inquietação por antecipação do perigo, cuja fonte pode ser conhecida ou não. Trata-se, portanto, de um dos comportamentos mais correlacionados com as doenças psicossomáticas, as quais desencadeiam muitas outras doenças com origem nos fatores emocionais.

É possível que a ansiedade esteja associada às características comportamentais e, também, às causas sociais. Segundo Moura *et al.* (2023), o surgimento de nervosismo, taquicardia, pânico, as palmas das mãos frias e úmidas, sudorese, dispnéia e fadiga, a tensão muscular, dentre outros, são alguns dos sinais e sintomas que se enfatizam na ansiedade. Dessa forma, compreende-se que a ansiedade é acompanhada com o sofrimento, a interferência nas relações sociais e no prejuízo do desempenho escolar.

Para Moraes e Bueno (2022), a história de vida e a subjetividade de cada pessoa ao iniciar um curso superior, podem ser determinantes na forma de enfrentamento dos conflitos emocionais e, conseqüentemente, o ambiente educacional também exerce influência, envolvendo aspectos técnicos, valores humanos e atitudes que irão refletir no desenvolvimento das atividades acadêmicas.

Para Silva *et al.* (2018), que realizaram uma revisão crítica da literatura, a ansiedade é de alta prevalência dentre os estudantes universitários. Talvez, isso se explique pelos elevados níveis de pressão inerentes às atividades acadêmicas, somados à pressão no ambiente familiar, bem como ao estresse implicado na tentativa de conciliar estudos e trabalho.

Mota *et al.* (2021) ressaltam que é possível notar a presença de conflitos internos, chamados estressores, devido ao excesso de tarefas acadêmicas, falta de motivação para os estudantes e sua carreira, existência de conflitos com colegas e professores, apresentações de trabalhos, que podem resultar em ansiedade patológica, trazendo sérios problemas à saúde física e mental de quem a manifesta. Nesse contexto, Bernardelli *et al.* (2022) evidenciam que é essencial compreender os aspectos relacionados ao surgimento de transtornos de ansiedade no ambiente universitário e propor mecanismos para mitigação dos impactos negativos aos discentes.

São frequentes os estudos sobre ansiedade em estudantes, por exemplo, da área da Saúde. De acordo com Alves (2014), os universitários dessa área estão mais predispostos a manifestar sintomas ansiosos no decorrer do curso, podendo atrapalhar

seu futuro profissional. Cruz *et al.* (2020 a) realizaram um estudo de campo com desenho transversal, quantitativo e descritivo, aplicando questionários em uma amostra de 199 estudantes da área de Saúde em uma IES do estado do Maranhão (Brasil). Os resultados demonstraram prevalência de ansiedade em universitários iniciantes de cursos da área da saúde, embora com sintomas leves; os autores ressaltaram a importância de intervenções precoces com esse público, evitando-se, assim, agravamento do quadro e surgimento de patologias em graus mais avançados.

Dias *et al.* (2021) reuniram, em uma revisão integrativa, vários estudos sobre a temática ‘ansiedade e depressão’ em universitários, especialmente, da área da Saúde. É confluyente o resultado de todos os estudos, no que se refere aos impactos na vida cotidiana e na formação desses estudantes, fazendo-se necessária uma maior atenção à saúde psicológica desses universitários, tanto na prevenção quanto no tratamento, com apoio especializado nas universidades e uma maior discussão sobre o tema com intuito de disseminar informação sobre o assunto.

3.3.2. Depressão

“A depressão é caracterizada por desânimo e perda de interesse. Este transtorno de origem multifatorial impossibilita o sujeito de desempenhar as atividades habituais, com impacto direto nas relações intersubjetivas” (De Pinho, 2019, p. 82). Conforme demonstraram Alves *et al.* (2022), no mundo, são 300 milhões de pessoas que padecem desta doença e, no Brasil, até 2018, os números eram de 11,5 milhões de brasileiros com o transtorno. Esta doença está inserida na classificação CID (Classificação Internacional de Doenças) entre os transtornos afetivos, ao passo que o DSM.5 a denomina como uma das espécies de transtornos de humor.

De acordo com Santos *et al.* (2021), é reconhecido que a depressão dos estudantes, no decorrer da graduação, pode acarretar consequências nas diversas esferas da vida, tais como a pessoal, a familiar, a profissional e a acadêmica. “No âmbito acadêmico, são características, observadas nos estudantes diagnosticados com depressão, a queda do rendimento, o aumento do risco de abandono/desistência do curso e o aumento do risco de suicídio” (Santos *et al.*, 2021, p. 2). Esses pesquisadores realizaram um estudo transversal e descritivo em uma IES privada do Distrito Federal,

Brasil (com alunos entre 18 e 60 anos). Dentre os 521 indivíduos estudados, houve predomínio do sexo feminino (dado comum a outros estudos). A prevalência de sintomas depressivos foi de 31,3% com depressão suave, 23,4% com depressão mínima, 13,1% com depressão moderadamente grave, 9,6% depressão grave e 9,2% depressão moderada. A renda familiar e o semestre cursado são fatores associados para a severidade da depressão.

Flesch *et al.* (2020) realizaram um censo dos universitários ingressantes do primeiro semestre de 2017 em uma universidade do sul do Brasil. Como desfecho, foi considerado o episódio depressivo maior (avaliado a partir do questionário *Patient Health Questionnaire-9*). Um total de 32% dos universitários apresentou episódio depressivo maior e o problema foi mais frequente entre indivíduos do sexo feminino, de 21 a 23 anos, com histórico familiar de depressão, com orientação sexual de minorias, que moravam com amigos ou colegas e de cursos como Letras e Ciências Humanas. O pior desempenho acadêmico (RP = 2,61), o uso abusivo de álcool (RP = 1,25) e o consumo de drogas ilícitas (RP = 1,30) também estiveram positivamente associados ao episódio depressivo maior.

Durante e após a pandemia de SARS-Cov-2, os estudos sobre a saúde mental de universitários aumentou significativamente (entre os anos de 2020 e 2023), enfatizando a importância de pesquisas amplas e parcerias quanto ao assunto. Segundo Guimarães *et al.* (2022),

Sugerem-se políticas públicas para melhoria na qualidade de vida, saúde, transporte e lazer; além disso, pode-se aventar a possibilidade de parcerias entre comunidade universitária e sociedade local no que tange à elaboração de programas conjuntos que possam promover saúde, prevenir doenças, além de projetos sociais de apoio ao jovem estudante (Guimarães *et al.*, p. 12, 2022).

No entanto há uma limitação de estudos dessa temática, especialmente no Brasil, sendo necessárias outras e mais aprofundadas investigações para ampliar as possibilidades de intervenção no contexto atual.

3.4. Tratamento da ansiedade e depressão

3.4.1. Propostas terapêuticas não farmacológicas

Da Silva *et al.* (2019) realizaram uma revisão integrativa da literatura sobre propostas terapêuticas não farmacológicas em TMC (Transtornos Mentais Comuns) e, além de evidenciarem que há poucas pesquisas sobre o tema no Brasil há, ainda, uma alta prevalência de pessoas que apresentam transtornos não diagnosticados adequadamente. Segundo as autoras, a terapia cognitiva comportamental, a terapia de resolução de problemas, a socioterapia e os cuidados colaborativos são os métodos mais utilizados nesses quadros. Tais intervenções visam amenizar sofrimentos físicos e mentais, evitando-se, assim, a cronificação dos sintomas.

Existem estudos que abordam outras técnicas terapêuticas, especialmente para ansiedade e depressão. Através de uma revisão integrativa da literatura, Rufo *et al.* (2023) descreveram outros métodos que podem ser utilizados nesses quadros. A terapia de ‘coloração’, por exemplo, se faz um novo método terapêutico em que os pacientes expressam suas emoções através de cores e padrões. Além desta, ainda citam a terapia comportamental dialética, que busca a regulação emocional, atenção plena e tolerância aos sofrimentos do indivíduo, concentrando-se na educação do paciente para que se possa reduzir a gravidade dos problemas emocionais enfrentados. Muitas investigações demonstram que a terapia comportamental dialética pode ser eficaz na terapêutica de problemas emocionais, incluindo aqueles que se caracterizam pela desregulação emocional.

De acordo com o Ministério da Saúde (Brasil, 2023), a psicoeducação é componente essencial no manejo dos transtornos de ansiedade e depressão, independentemente da modalidade terapêutica escolhida. O tratamento pode ser realizado com medidas não farmacológicas gerais (por exemplo, atividade física e alimentação balanceada) e psicoterapias, podendo ser combinado com psicofármacos. O planejamento terapêutico deve considerar a necessidade da pessoa que busca pelo cuidado, levando em conta a gravidade dos sintomas. As abordagens devem ser centradas no paciente, considerando sua individualidade e a realidade do ambiente sociocultural em que está inserido. É importante engajar as pessoas que residem na mesma casa (familiares/cuidadores) nos processos de mudança, evitando a acomodação familiar e, principalmente, oferecendo apoio aos familiares.

Outro recurso terapêutico não farmacológico para sintomas depressivos e ansiosos consiste nas PICS (Práticas Integrativas e Complementares). De acordo com Sumiya *et al.* (2021), essas práticas são definidas como recursos terapêuticos voltados à

prevenção complementar de diversas doenças e promoção de saúde. As PICS podem ser tidas como parte de tratamentos paliativos, em algumas doenças crônicas, mostrando benefícios quando integradas a medicina convencional. Habimorad *et al.* apontam que, por possuírem bases no modelo de atenção humanizada, são recursos terapêuticos que buscam entender e relacionar as características ambientais e comportamentais que se envolvem nos processos saúde e doença; visam enxergar e tratar o indivíduo como um ser multidimensional, criando maior confiança e vínculo entre o profissional de saúde e o paciente. Por outro lado, Schwambach e Queiroz (2023) ressaltam a falta de profissionais capacitados é uma barreira encontrada para o uso mais ampliado das PICS, assim como a qualidade e a baixa quantidade de estudos científicos. Contudo, por necessitarem de baixo custo de investimento para sua execução, as PICS apresentam grande potencial de crescimento futuro no sistema de saúde público brasileiro.

3.4.2. Propostas terapêuticas farmacológicas

De acordo com Fonseca (2021), a farmacoterapia para transtornos de ansiedade apresenta sobreposição ao tratamento de transtornos de depressão, pois possuem características semelhantes em relação aos sintomas, como por exemplo, distúrbios do sono, problemas de concentração, fadiga, dificuldades psicomotoras, taquicardia, além de alterações do humor e do comportamento. Sendo assim, o tratamento de primeira escolha, para ambos os distúrbios, do ponto de vista psicofarmacológico, são iguais, visto que se fundamentam na estratégia terapêutica baseada em sintomas. De acordo com Moreira, Uber e Godinho,

Para a maior parte dos ansiolíticos e antidepressivos, o mecanismo de ação consiste no bloqueio de um ou mais transportadores de serotonina, noradrenalina e dopamina, ocorrendo, assim, melhora dos sintomas de ansiedade e depressão, quando estimulados com antidepressivos efetivos. Os psicofármacos usados para o tratamento da ansiedade e depressão se dividem em: ansiolíticos e hipnóticos, antidepressivos, antipsicóticos e estabilizadores do humor, no qual agem no Sistema Nervoso Central (SNC), onde afetam o humor e comportamento (Moreira; Uber; Godinho, p. 3311, 2023).

Levitan (2021) aponta que as diretrizes para o tratamento da ansiedade podem ser resumidas nos psicofármacos que são considerados de primeira linha no tratamento farmacológico, tanto pelo fato de terem se mostrado eficazes, quanto pela segurança e

pela menor intensidade de seus efeitos adversos. De acordo com Gomes, Pinto e Miranda Júnior (2021), essas drogas de escolha são os inibidores seletivos de reuptake de serotonina (ISRS), que agem inibindo a recaptação do neurotransmissor na fenda sináptica, aumentando sua concentração e sua ação; e os inibidores seletivos de reuptake de serotonina e noradrenalina (IRSN). A Figura 1 demonstra o mecanismo de ação dos ISRS.

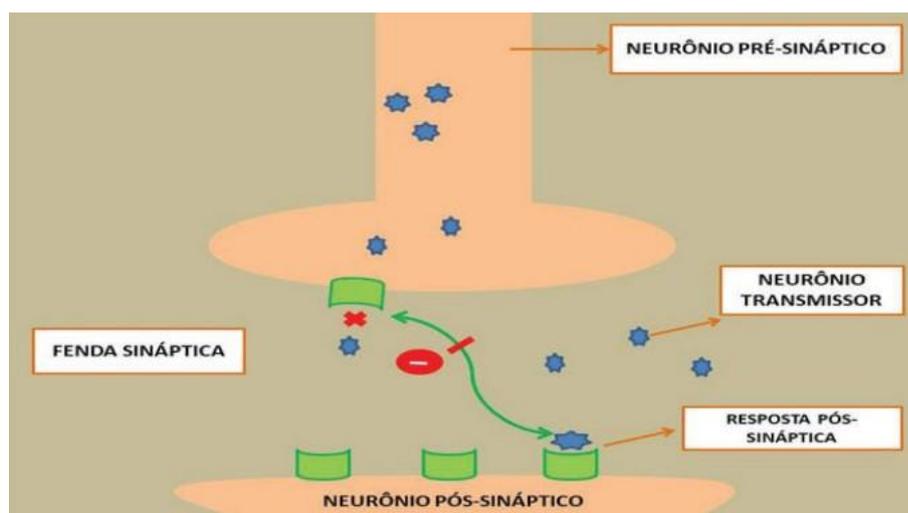


Figura 1. Retirada de Gonçalves *et al.* (2019, p. 130), demonstra o mecanismo de ação dos ISRS.

Embora compartilhem o principal mecanismo de ação, destaca Soares (2005), os ISRS são estruturalmente distintos, com significativas diferenças no perfil farmacodinâmico e farmacocinético. A potência da inibição de recaptação da serotonina é variada, assim como a seletividade por noradrenalina e dopamina.

De acordo com Roveri *et al.* (2019), o mecanismo de ação dos ISRS trabalha bloqueando os receptores 5-HT₁, 5-HT₂ e 5-HT₃ no cérebro, os quais modulam a recaptação da serotonina (5- hidroxitriptamina, 5-HT). A serotonina é um dos vários mensageiros químicos denominados como neurotransmissores, tendo papel fundamental na interação entre as células nervosas, controlando diferentes funções psicológicas superiores. Os ISRS atuam seletivamente sobre a serotonina, não possuem ação sobre as catecolaminas de DOPA: Noradrenalina e Dopamina. Desta forma, influenciam levemente o estado de humor e o perfil comportamental (BRATS, 2012).

Carvalho Júnior e Trevisan (2021) apontam que, devido à ação seletiva, os ISRS possuem efeitos colaterais mais sutis, sendo mais toleráveis do que os antidepressivos

tricíclicos. Conforme relatam Gonçalves *et al.* (2019), o tônus serotoninérgico ocorre não apenas no cérebro, mas em todo o corpo. Assim se percebem, em alguns casos, alguns efeitos colaterais mais relatados, tais como os gastrintestinais, irritabilidade, insônia, fadiga, efeitos neurológicos, composição corporal alterada, disfunção sexual e reações dermatológicas.

Além do acompanhamento psicológico na depressão, segundo Cruz *et al.* (2020 b), às vezes é necessário o tratamento com antidepressivos. Os antidepressivos tricíclicos (ADT) ainda são muito utilizados (devido ao seu baixo custo); sua principal ação é atuar no bloqueio da recaptção de serotonina e noradrenalina na fenda sináptica, embora existam outros sítios de ação, proporcionando um maior número de efeitos colaterais. De acordo com Whalen, Finkel e Panavelil (2016), ISRSN têm parte no aumento dessas substâncias no sistema nervoso central (SNC) e são mais eficazes em casos de depressão acompanhada de dor crônica. “Os inibidores da enzima monoamina oxidase (IMAO) ligam-se covalentemente à enzima e a inativam” (Follmer; Bezerra Netto, 2013, p. 306), propiciando o aumento da concentração dessas monoaminas no organismo e, conseqüentemente, efeitos colaterais – que, se prejudiciais ao cotidiano do paciente, podem ser classificados como efeitos adversos do tratamento farmacológico.

Outra classe terapêutica de interesse é a dos benzodiazepínicos. Esses fármacos pertencem ao grupo dos ansiolíticos e, segundo Leonardi, Azevedo e De Oliveira (2017), podem ser utilizados no tratamento da ansiedade. Os benzodiazepínicos agem no sistema de neurotransmissão gabaérgico, em nível de sítios secundários do receptor, facilitando a ação do Ácido Gama Amino Butírico (GABA) em seu sítio principal. Como esse neurotransmissor é inibitório, essas drogas acentuam os efeitos inibitórios do neurotransmissor natural no sistema nervoso central, provocando efeito depressor (Figura 2).

Riviera *et al.* (2021) destacam que a ação de cada medicamento depende de vários fatores, tais como: o tipo da droga; a via de administração; a dose/dosagem administrada; o tempo e a frequência de uso (posologia); a qualidade da droga; a absorção e eliminação da droga pelo organismo; a associação com outras drogas; o contexto social; e as condições psicológicas e físicas do indivíduo.

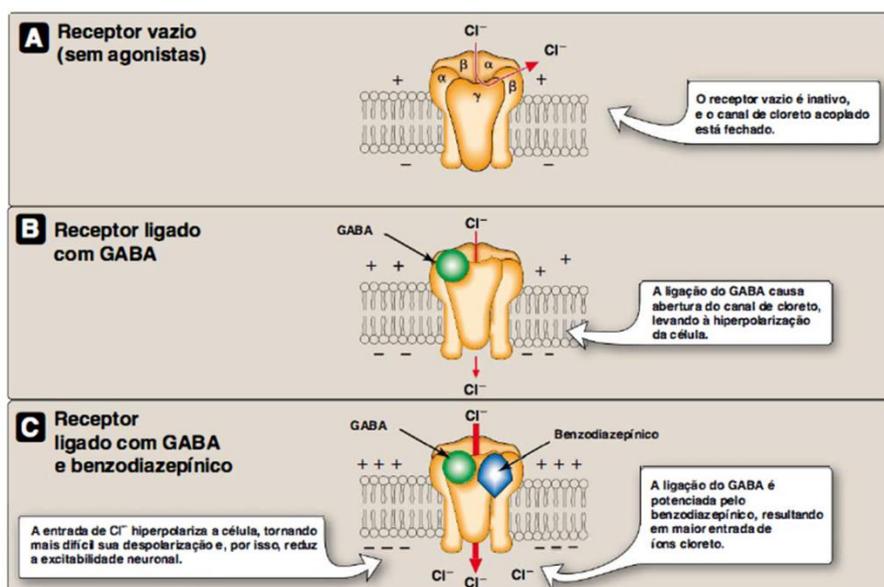


Figura 2. Retirada de Clark *et al.* (2013, p. 113), demonstra o mecanismo de ação dos benzodiazepínicos.

Apesar dos benzodiazepínicos (BZD) também apresentarem forte evidência de eficácia, segundo Gomes *et al.* (2023), não são considerados medicamentos de primeira linha (em função do perfil pouco favorável de efeitos adversos e risco de abuso e dependência). No passado, os benzodiazepínicos eram o tratamento de primeira linha para TAG (Transtorno de Ansiedade Generalizada). Atualmente, entretanto, a escolha de medicamentos mais modernos, como buspirona, ISRS e inibidores da recaptação de serotonina e noradrenalina (IRSN), tem substituído os benzodiazepínicos como a primeira intervenção. Porém, ainda é comum a associação de benzodiazepínicos aos antidepressivos durante o período de adaptação ao tratamento farmacológico, a qual deve ser descontinuada a critério médico e de forma individualizada, evitando a dependência.

Nunes e Bastos (2016) e Fiorelli e Assini (2017) apontam que, de acordo com a literatura, podem ocorrer eventos indesejáveis após a suspensão e/ou abuso de benzodiazepínicos, tais como dependência e toxicidade, que são acompanhadas de sintomas (como ataques de pânico, crises rebote e síndrome da abstinência). “A síndrome da abstinência pode ocorrer em até 48 horas após a interrupção do benzodiazepínico, apresentando vários sintomas, tais como ansiedade acentuada, tremores, visão turva, palpitações, confusão mental e hipersensibilidade a estímulos externos” (Leonardi; Azevedo; De Oliveira, 2017, p. 688). Para Nascimento *et al.*

(2022), a crise de abstinência só pode ser confirmada se os sintomas presentes no indivíduo não eram os mesmos daqueles observados antes do início do tratamento com benzodiazepínicos.

Azevedo *et al.* (2012), apontam a definição de dependência, estabelecida pela *American Psychology Association* (APA) como uma condição complexa, sendo manifestada pelo uso compulsivo de substâncias, apesar de suas consequências nocivas; é enquadrada como Transtorno por Uso de Substâncias (TUS). Neste sentido, de acordo com Demarchi *et al.* (2020), as pessoas com esta condição, normalmente, apresentam pensamentos, comportamentos e funções cerebrais modificados. Isto motiva o intenso desejo pela substância e a dificuldade em abandoná-la; há um desequilíbrio entre os vários segmentos da vida do indivíduo e a utilização do composto toma um caráter prioritário. Do mesmo modo, a Classificação Internacional de Doenças (CID) define seis critérios para a caracterização de dependência, sendo necessário que o indivíduo atenda, pelo menos, a três critérios no último ano de utilização da substância.

Em muitos casos, intervenção farmacológica por meio dos psicofármacos na ansiedade e na depressão é uma ferramenta importante em processos que carecem de intervenção química. Porém, de acordo com Santos, Pedroso e Sebastiao (2019), é preciso determinar o limite entre a necessidade e a fuga, como uma forma de ‘anestesiá-lo’ o sofrimento. A medicalização da vida, portanto, é prática induzida por uma sociedade que não aceita o sofrimento e encara a felicidade como obrigação (Ferreira, 2017).

Para Xavier *et al.* (2014) e Zanella *et al.* (2016), o cuidado em saúde mental deveria ser aliado a acompanhamento psicossocial, grupo de familiares, atenção multiprofissional e outras formas de terapia que envolvam cuidado qualificado, integral e de acordo com a necessidade de cada indivíduo, que deveriam ser disponibilizadas no serviço público de saúde e estimulada sua adesão.

De acordo com Quemel *et al.* (2021), por se tratarem de substâncias que afetam diretamente o humor e o comportamento, que tem ação complexa que abrange a atividade dos neurotransmissores centrais, que tem envolvimento sistêmico no organismo, seu consumo abusivo pode causar dependência, reações adversas e interações medicamentosas, tornando necessária a presença de um profissional habilitado para prestar tais cuidados.

3.4.3. Consumo de psicotrópicos por universitários

Substâncias psicoativas ou drogas de abuso são elementos presentes na sociedade e estão relacionados a graves problemas de saúde pública. Formigoni e Duarte (2018) enfatizam que, assim como as drogas ilícitas, também as drogas lícitas, como o álcool e o cigarro, ocasionam problemas de saúde e problemas sociais. O consumo do tabaco é uma das maiores causas de mortes evitáveis do mundo: “Seu uso está associado a várias doenças, como o câncer e outras complicações respiratórias” (Pucci; Polli, 2022, p. 1).

Um estudo realizado por Carvalho *et al.* (2014) demonstrou, através da aplicação de questionário em uma amostra de 352 universitários de uma universidade pública do estado do Paraná (Brasil), que o ingresso à universidade promoveu, entre outras alterações de hábitos diários, a limitação de práticas de exercícios físicos e o elevado consumo de bebidas alcoólicas. Os pesquisadores ressaltam, em seu artigo, os estudos de Franca e Colares (2008) que, ao compararem graduandos ingressantes e concluintes de universidades públicas do estado de Pernambuco (Brasil), observaram um aumento do consumo de álcool, tabaco e outras substâncias de abuso – especialmente, a maconha – ao longo dos anos de graduação: “Provavelmente, isso se deve ao álcool ser uma droga lícita e incentivada nas relações sociais. [...] O álcool leva o sujeito a um estado de consciência alterado e o deixa susceptível a comportamentos de risco, como uso de maconha, cocaína e outras drogas ilícitas” (Franca; Colares, 2008, p. 427).

Na linha do tempo, em relação às duas últimas décadas, algumas pesquisas têm destacado o uso de substâncias de abuso por universitários e as possíveis variáveis associadas a esse desfecho. As razões para o abuso de álcool entre os universitários são o estresse da educação e o fato de a universidade, muitas vezes, ser a primeira experiência de pertencimento a um grupo sem a supervisão dos pais. “Esses fatores os tornam mais vulneráveis a ter experiências ilícitas ou proibidas anteriormente. A maioria consegue adaptar-se à situação, mas para os que não conseguem, esse conflito pode resultar em depressão, ansiedade e dificuldades acadêmicas” (Barbosa *et al.*, 2013, p. 90). De acordo com Santos, Pereira e Siqueira (2013),

O álcool e os produtos de tabaco, em comparação às demais substâncias psicoativas, que alteram o comportamento, a consciência, o humor e a cognição, são as de maior prevalência de uso. É necessária uma atenção especial ao uso dessas substâncias por universitários. O maior uso de álcool e

tabaco por essa população específica está relacionado a diversos fatores, entre eles, morar longe dos pais e apresentar mais horas livres (Santos; Pereira; Siqueira, p. 23, 2013).

A temática relacionada ao consumo bebidas alcoólicas por universitários também chamou a atenção de Camargo *et al.* (2019), em um estudo qualitativo/descritivo de análise de conteúdo. As pesquisadoras aplicaram um questionário em uma amostra de 49 universitários de uma universidade pública do sudeste brasileiro. Os resultados demonstraram que o consumo de álcool pode estar associado a diferentes contextos, desde a fuga da pressão da vida universitária, até a busca por socialização ou por momentos de lazer e prazer ou, até mesmo, a superação da timidez:

Pode-se inferir que, para a obtenção do prazer e da felicidade, os jovens universitários elegem o álcool como droga de escolha para minimizar a pressão do dia a dia. [...] Torna-se relevante considerar que o uso e o abuso de álcool pelos universitários têm a finalidade de minimizar a timidez e, assim, agregar relações sociais com os pares. [...] Os universitários descrevem que a euforia e a desinibição são efeitos do álcool. Os depoimentos evidenciam que o uso e o abuso de álcool e/ou de outras drogas é também referenciado pelos jovens como uma forma de amenizar os problemas vivenciados (Camargo *et al.*, p. 5, 2019).

Mais recentemente, outros estudos têm sido realizados sobre o uso de substâncias psicoativas e drogas de abuso por universitários brasileiros. Siebra *et al.* (2021), em uma pesquisa quantitativa e descritiva realizada com estudantes de medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, encontraram resultados significativos sobre a temática. Após aplicarem um questionário on-line, constataram que o perfil dos estudantes era majoritariamente alcoólico, seguido de medicamentos ansiolíticos, sedativos e hipnóticos, ‘cannabis’ (com destaque para o uso por mulheres) e tabaco, com prevaletimento temporal chamativo nos últimos 30 dias anteriores à pesquisa, indicando utilização constante e perene. Outra informação importante, obtida pelo estudo, é que o curso de medicina foi relatado, pela maioria dos estudantes, como fator agravante para a busca de substâncias psicoativas ao longo da graduação (30 % dos entrevistados).

Em 2023, De Sousa *et al.* também publicaram um estudo sobre o consumo de substâncias psicoativas por universitários de cursos da Saúde de uma universidade pública estadual do interior do Ceará (Brasil), através de um estudo quantitativo e descritivo. Participaram do estudo 115 alunos do ensino superior de cursos da área de

saúde, de ambos os sexos, matriculados em todos os semestres ativos dos cursos de enfermagem e educação física. A pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2021, portanto havia, ainda, o agravante da pandemia de SARS-Cov-2. Constatou-se que os analgésicos, o álcool e a maconha estiveram presentes no contexto universitário, ocasionando problemas associados ao uso (especialmente, na percepção subjetiva dos estudantes quanto ao desempenho acadêmico). Por outro lado, houve pouco uso do tabaco nos últimos 30 dias que antecederam a coleta de dados. As substâncias cocaína, anfetaminas/ estimulantes, ecstasy e alucinógenos não foram usados nos últimos 30 dias. Esses achados corroboram com outros estudos e apontam que se trata de fenômeno multifatorial e que requer maior atenção e cuidado.

Segundo Ferreira e Queiroz (2020), existem vários estudos internacionais que apontam o maior consumo de bebidas cafeinadas por estudantes universitários do que pela população em geral. No entanto, poucos estudos fazem a contagem de ingestão diária de cafeína, devido a este ser um cálculo laborioso. Destaca-se a relação entre sonolência diurna, cronotipo noturno e uso de cafeína. Apesar de alguns estudos mostrarem que a maioria dos estudantes consumidores de cafeína tem prazer e satisfação ao consumi-la, é necessária maior preocupação com níveis elevados de consumo, pois o cronotipo noturno pode levar a vários distúrbios, diminuindo a qualidade de vida dos estudantes. Dessa forma, é necessário consumo moderado, para que os benefícios da cafeína não sejam superados pelos malefícios.

De acordo com Pires *et al.* (2020), ao nos depararmos com o consumo problemático de álcool e outras substâncias psicoativas, percebemos a importância da criação de políticas preventivas para equacionar essa situação que, na verdade, está ancorada em um problema social mais amplo. Para Moreira *et al.* (2019), em relação ao desempenho acadêmico, a bibliografia reporta que os universitários têm a ciência que o uso e o abuso de álcool e/ou de outras drogas causam prejuízos. No entanto, mesmo tendo consciência, muitos fazem uso de drogas. Diante disso, segundo Dos Santos, Cardoso e Ortega (2022), é necessária a implementação de ações preventivas na universidade, como a realização de campanhas de conscientização, palestras e seminários envolvendo diversas áreas do conhecimento, tendo como objetivo efetuar uma abordagem referente ao uso de substâncias psicoativas, incluindo medicamentos psicoativos e os riscos da automedicação.

No texto de Sadock, Sadock e Ruiz (2017), os autores apontam que o termo psicofármaco (princípios ativos dos medicamentos psicoativos) é aplicado a compostos que modificam as funções psíquicas e os estados mentais, devido à sua capacidade de alterar a ação de neurotransmissores no cérebro. São usados principalmente para o tratamento de transtornos mentais, como: psicoses, transtornos de ansiedade e depressivos, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e transtorno bipolar. Outros termos podem ser utilizados, tais como psicotrópicos e substâncias psicoativas; nesta pesquisa, o termo utilizado foi ‘medicamentos psicotrópicos’.

Os psicofármacos são classificados em antipsicóticos ou neurolépticos, ansiolíticos, hipnóticos, antidepressivos e antimaníacos. “O efeito dessas substâncias depende de diversos fatores, tais como o tipo da droga (estimulante, depressora ou perturbadora), da via de administração e das condições psicológicas/ físicas do indivíduo” (Baes; Juruena, 2017, p. 24).

De acordo com Araújo, Ribeiro e Vanderlei (2021), essas substâncias, como todos os medicamentos, devem ser utilizadas de forma racional e com cautela, visto que o uso excessivo, prolongado e indiscriminado pode produzir diversos efeitos adversos, transtornos psíquicos e/ou somáticos e até morte, além de poder resultar, também, na dependência química ou física, sendo considerada esta atitude, portanto, um problema de saúde pública.

Apesar de as drogas serem consumidas pela população de forma geral, constata-se um maior uso de psicotrópicos entre os universitários. De acordo com Alves (2014), por serem majoritariamente jovens, os universitários apresentam o seguinte perfil: fase de exploração da identidade, especialmente nos relacionamentos amorosos e no trabalho; transição entre adolescência e vida adulta; instabilidade emocional e do status educacional; afastamento dos valores familiares; inserção em uma época de possibilidades e oportunidades para transformação da própria.

Tovani, Santi e Trindade (2021), realizaram um estudo transversal analítico, com perfil qualitativo e quantitativo, com aplicação de questionário e, posteriormente, realização de grupos focais com estudantes de cursos da área da Saúde. A pesquisa teve, por objetivo, analisar a prevalência do consumo de psicotrópicos por universitários da área da saúde, bem como compreender o significado subjetivo do uso de drogas por esses estudantes. Os resultados demonstraram que os estudantes utilizavam drogas e medicamentos; os grupos focais identificaram uma condição que revela o sofrimento

psíquico dos usuários e reflete uma subversão de papéis, em que os futuros profissionais promotores da saúde fazem uso exacerbado de psicotrópicos.

“A automedicação acontece quando os medicamentos são usados sem prescrição, ou quando são prescritos, mas usados por um tempo maior do que foi determinado, com intenção diferente daquela estabelecida pelo profissional de saúde” (Xavier *et al.*, 2021, p. 225), “em doses mais altas, com maior frequência, por vias de administração alternativas ou associados a outros medicamentos” (Arraes *et al.*, 2022, p. 2).

Arraes *et al.* (2022), em uma revisão integrativa da literatura sobre automedicação em universitários, concluíram que o uso não médico de psicotrópicos tem crescido nas universidades e, com isso, também cresce o risco de complicações relacionadas à prática. Transtornos como dependência, adicção, abstinência, tolerância e até suicídio, são possibilidades quando o consumo é abusivo. Desta forma, é necessário compreender possíveis fatores de risco e as motivações que levam a essa prática, para poder ocorrer a conscientização dos alunos, prevenindo maiores consequências à saúde e reforçando a necessidade de procurar ajuda de profissionais de saúde quando estiverem lidando com dificuldades, para que o consumo seja seguro e eficaz.

Ainda sobre a temática ‘automedicação de psicotrópicos por universitários’, Araújo, Ribeiro e Vanderdei (2021), realizaram um estudo descritivo, observacional, analítico e transversal em duas universidades, uma pública e uma privada, nos *campi* localizados no município de Maceió, estado de Alagoas (Brasil). Após a aplicação de questionários a 1111 voluntários, as pesquisadoras observaram alta prevalência de uso não prescrito de psicofármacos entre os estudantes de medicina e odontologia, principalmente de ansiolíticos, antidepressivos e psicoestimulantes, além de mostrar associação discreta entre o uso de psicofármacos ao longo da vida e o período do curso, estado civil, se possui dependentes, município de residência e orientação sexual, assim como associação entre o sexo masculino e o uso de psicoestimulantes. Concluíram que se faz necessária a busca por estratégias de orientação e prevenção pelas universidades, podendo ser através da conscientização desses estudantes (com rodas de conversa, palestras, cartilhas, realização da semana de acolhimento, e, principalmente, através da criação de um serviço de saúde mental dirigido ao estudante), para que os mesmos sintam-se acolhidos e possam ser acompanhados por profissionais especializados na área.

Diante das informações trazidas nesta revisão bibliográfica, foi possível apresentar os aspectos gerais sobre a temática relacionada à saúde mental dos estudantes universitários. É evidente, pelos estudos apresentados, que as características sociodemográficas, econômicas, acadêmicas, comportamentais e clínicas dos estudantes podem estar associadas ao desenvolvimento de sofrimento psíquico, ao desenvolvimento de ansiedade e depressão e, conseqüentemente, ao consumo de substâncias psicoativas e medicamentos psicotrópicos (que é a variável desfecho deste trabalho). A partir deste contexto, os resultados da pesquisa foram apresentados e, a partir deles, a discussão foi pautada em estudos que também avaliaram as mesmas variáveis no público-alvo.

4. MATERIAL E MÉTODOS

4.1. Tipo e período do estudo

A pesquisa quantitativa foi parte de um estudo multicêntrico internacional (intitulado “Saúde Mental de estudantes universitários”), sob coordenação da Dra. Lara Guedes de Pinho da Universidade de Évora (Portugal), em que se pretende identificar indicadores emocionais e comparar a saúde mental dos estudantes do ensino superior entre 18 países, nomeadamente: Alemanha, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, Espanha, Estados Unidos da América, Marrocos, México, Panamá, Peru, Portugal, Suécia, Tailândia, Turquia e Venezuela. Na UFMT, a coordenadora do projeto é a Profa. Dra. Samira Reschetti Marcon- Faculdade de Enfermagem (FAEN) em Cuiabá. Em cada campus da UFMT há um representante do projeto matricial, sendo que esta proposta se refere ao campus da UFMT em Sinop, norte de Mato Grosso.

Os pesquisadores envolvidos no projeto foram:

- Profa. Dra. Bruna Hinnah Borges Martins de Freitas- Faculdade de Enfermagem, UFMT; - Profa. Dra. Tatiane Lebre Dias - Faculdade de Psicologia, UFMT; - Profa. Dra. Lara Guedes de Pinho - Escola Superior de Enfermagem, Universidade de Évora; - Mestranda Cássia Regina Primila Cardoso – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMT; - Doutoranda Evelyn Kelly das Neves Abreu - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFMT; - Doutorando Moisés Kogien - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFMT.

A pesquisa em questão apoia-se na abordagem quantitativa, de natureza descritiva, sendo um estudo observacional de corte transversal, o qual fornece um retrato de como as variáveis estão relacionadas em um determinado momento (Pereira, 2015). O delineamento da pesquisa permitiu identificar características sociodemográficas e clínicas de estudantes universitários dos *campi* de uma IES pública no estado de Mato Grosso em determinado momento, assim como a associação destes com a utilização de medicamentos psicotrópicos. O estudo foi desenvolvido no período de 10 de outubro (Dia Mundial da Saúde Mental) a 30 de dezembro de 2022.

4.2. Local do estudo

O estudo foi desenvolvido nos *campi* da Universidade Federal de Mato Grosso, sendo eles, o *campus* sede de Cuiabá e os *campi* do interior: Araguaia, Sinop e Várzea Grande.

A UFMT, criada em 1970, é a maior Instituição de Ensino Superior no Estado de Mato Grosso-MT, localizando-se em Cuiabá (campus-sede), possuindo *campi* em outras cidades: Araguaia, com unidades em Barra do Garças e Pontal do Araguaia (leste do estado); Sinop (norte do estado); e Várzea Grande (cidade vizinha à Capital Cuiabá), que está em construção, mas se encontra em funcionamento utilizando a estrutura física do campus-sede. Além dos *campi*, a UFMT está presente em 24 polos de educação a distância, bases de pesquisa (Pantanal Mato-grossense) e fazendas experimentais nos municípios de Santo Antônio do Leverger (30 km de Cuiabá) e Sinop (501 km de Cuiabá). Possui dois hospitais veterinários (em Cuiabá e Sinop) e um hospital universitário (cidade de Cuiabá – Hospital Universitário Júlio Müller), que atende em sua totalidade uma clientela oriunda do Sistema Único de Saúde – SUS (UFMT, 2020).

No *campus* de Cuiabá estão localizados 52 cursos de graduação, distribuídos em 13 Faculdades (Administração e Ciências Contábeis; Agronomia e Zootecnia; Arquitetura, Engenharia e Tecnologia; Comunicação e Artes; Direito; Economia; Educação Física; Enfermagem; Engenharia Florestal; Geociências; Medicina; Medicina Veterinária; Nutrição); e 9 Institutos (Biociências; Ciências Exatas e da Terra; Ciências Humanas e Sociais; Computação; Educação; Física; Geografia, História e Documentação; Linguagens; Saúde Coletiva. No *campus* do Araguaia, são 16 cursos de graduação, distribuídos em 3 Institutos (Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas e da Saúde; Ciências Humanas e Sociais). No *campus* Sinop, há 12 cursos de graduação, alocados em 3 Institutos (Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais; Instituto de Ciências da Saúde; Instituto de Ciências Humanas e Sociais). Já em Várzea Grande, são 6 cursos de graduação que compõem a Faculdade de Engenharia. Há, também, a oferta de mais de 45 cursos de pós-graduação *latu sensu*, como as especializações, residências médicas e multiprofissionais, e mais de 40 programas de mestrados e doutorados, profissionais e acadêmicos nas áreas de ciências humanas, sociais, exatas e outras.

4.3. População do estudo

A população consistiu em universitários dos cursos de graduação e pós-graduação dos *campi* da UFMT. De acordo com o último levantamento realizado junto à UFMT, no ano de 2019, existiam 10.541 estudantes matriculados nos cursos de ensino superior e 2449 nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* da Universidade Federal de Mato Grosso, considerando todos os *campi*.

Para composição da amostra do estudo optou-se por abordar todos os potenciais sujeitos participantes e incluir todos aqueles que aceitaram participar da pesquisa, responderam o formulário e o devolveram no período de coleta de dados. Dessa forma, o estudo apresentou amostra não probabilística intencional, definida somente pela disponibilidade e aceitação do estudante em participar da pesquisa.

Como critérios de inclusão, foram elegíveis os estudantes de graduação e pós-graduação que: portavam *smartphone* no momento da coleta de dados; com idade igual ou superior a 18 anos no momento da coleta de dados; que estavam regularmente matriculados nos *campi* da UFMT ano de 2022. Ao todo, 524 estudantes de todos os *campi* aceitaram e participaram da pesquisa.

4.4. Instrumentos componentes do formulário on-line

4.1.1. *Formulário on-line sobre as variáveis de interesse – sociodemográfico, comportamental e clínico* (Anexo B, pesquisadores):

O formulário on-line foi construído com base nos objetivos do estudo multicêntrico, consistindo em questões fechadas elaboradas pelos autores (questões sociodemográficas/ econômicas, acadêmicas, comportamentais e de utilização de medicamentos psicotrópicos e outras substâncias psicoativas); e questões sobre a saúde mental (clínico), elaboradas com base em instrumentos previamente validados, de acordo com a literatura (Inventário da Saúde Mental (MHI-5); *Smartphone Addiction Inventory* (SPAI-BR); *General Anxiety Disorder-7* (GAD-7); *Patient Health Questionnaire-9* (PHQ-9). Também abordou aspectos relacionados ao assédio sexual e moral, além da rede de apoio psicossocial dos universitários.

Entretanto, cabe ressaltar que, a partir da definição dos objetivos da presente pesquisa e da escolha da variável desfecho (uso de medicamentos psicotrópicos), foram selecionadas apenas as questões consideradas importantes para as análises estatísticas de associação (relacionadas às variáveis sociodemográficas, como sexo, idade e orientação sexual; econômicas, como apoio financeiro e trabalho; variáveis acadêmicas, como o *campus*, o ciclo acadêmico e o desempenho subjetivo; variáveis comportamentais, como relação amorosa, consumo de psicoativos e cigarros; e variáveis de saúde mental, como diagnóstico prévio de transtornos mentais, sintomas depressivos e ansiosos). Instrumentos que pautaram as questões selecionadas nesta pesquisa estão descritos abaixo.

4.1.2. *General Anxiety Disorder-7 (GAD-7) (Anexo C):*

Instrumento elaborado por Spitzer *et al.* (2006) e validado no Brasil por Moreno *et al.* (2016). Trata-se de uma escala de aplicação breve, unidimensional que identifica sintomas do transtorno de ansiedade generalizada, é composta por sete itens e que avalia a frequência que o indivíduo se sentiu afetado pelos sintomas descritos na última semana, utiliza uma escala Likert de 4 pontos, com padrão de respostas variando de 0 (“raramente” a 3 pontos (“quase todos os dias”). O escore final pode variar de 0 a 21, sendo que quanto maior o escore maior a gravidade da sintomatologia ansiosa percebida. No estudo da validação (Moreno, *et al.*, 2016) o instrumento apresentou boas propriedades psicométricas sendo considerada válida para a avaliação de sintomas de ansiedade generalizada em adultos brasileiros (com confiabilidade satisfatória ($\alpha = 0,92$). Utiliza-se 10 como ponto de corte geral para a escala). O instrumento possui sete itens, dispostos em uma escala Likert de quatro pontos (0 = nenhuma vez, 1 = vários dias, 2 = mais da metade dos dias e 3 = quase todos os dias), em que a pontuação pode variar de 0 a 21. As questões medem a frequência de sinais e sintomas de ansiedade nas últimas duas semanas, com objetivo de rastrear potenciais diagnósticos de TAG (Transtorno de Ansiedade Generalizada). Para fins de análise os sintomas foram categorizados em presentes ou ausentes.

4.1.3. *Patient Health Questionnaire-9 (PHQ-9) (Anexo D): Instrumento de apoio para elaboração de questões:*

Trata-se de instrumento desenvolvido por Kroenke, Spitzer e Williams (2001), de caráter autoaplicável, unidimensional, composto por 9 itens cuja finalidade é identificar sintomas compatíveis com episódio depressivo maior presentes nas últimas duas semanas. Possui padrão de respostas dispostos em escala Likert de 4 pontos, variando de 0 (“nenhuma vez”) a 3 pontos (“quase todos os dias”), fornecendo escore geral de 0 a 27 pontos, sendo que quanto maior a pontuação, maior é a severidade dos sintomas depressivos. Foi traduzido para o português brasileiro por Fraguas *et al.* (2006). Como descrevem Maltoni, Palma e Neufeld (2019), as respostas do instrumento variam de 0 a 3 em relação ao número de dias que o sintoma tem ocorrido nas duas últimas semanas. A severidade dos sintomas varia de acordo com o total: 0-4 – nada/mínimo; 5-9 – leve; 10-14 – moderado; 15-19 – moderadamente severo; 20-27 – severo. O diagnóstico de transtorno depressivo maior é realizado quando cinco ou mais sintomas estão presentes em pelo menos mais da metade dos dias. Além disso, o critério também é preenchido se um dos sintomas for humor deprimido ou anedonia. O instrumento e seu manual possuem uso livre e podem ser encontrados on-line. Para fins de análise os sintomas foram categorizados em: presentes ou ausentes.

4.5 Variáveis de estudo

Quadro 1. Variáveis pesquisadas (desfecho e associadas).

Variável desfecho	Categorias	Instrumento utilizado
Uso de psicotrópicos	Sim/ Não	Questionário sociodemográfico, comportamental e clínico (pesquisadores)
Classes de psicotrópicos	Antidepressivos Benzodiazepínicos Estabilizadores de humor Antipsicóticos Psicoestimulantes Produtos naturais	Questionário sociodemográfico, hábitos e clínico (pesquisadores)
Variáveis para associação		
Sociodemográficas/Econômicas		Questionário sociodemográfico, comportamental e clínico (pesquisadores)
Idade mediana	22 anos	

Sexo	Masculino/ Feminino	
Orientação sexual	Heterossexual/ Minorias	
Status social subjetivo	Baixo/ Médio - Alto	
Apoio financeiro	Sim/ Não	
Trabalho	Sim / Não	
Acadêmicas		Questionário sociodemográfico, comportamental e clínico (pesquisadores)
Câmpus	Capital/ Interior	
Ciclo do curso	Graduação/ Pós	
Área de concentração	Agrárias/ Biológicas/ Saúde/ Humanas/ Engenharias/ Letras/ Exatas/ Sociais	
Desempenho (subjetivo)	Insuficiente/ Suficiente	
Comportamentais		
Relação amorosa	Sim/ Não	
Morando juntos (parceiro/a)	Sim/ Não	
Consumo de café/ energéticos	Sim/ Não	
Fumar cigarros	Sim/ Não	
Consumo de bebidas alcoólicas	Sim/ Não	
Mais de 4/5 doses de bebidas alcoólicas em mesma ocasião	Sim/ Não	
Consumo de <i>Cannabis</i>	Sim/ Não	
Consumo de outros psicoativos	Sim/ Não	
Saúde Mental (variáveis clínicas)		
Diagnóstico de transtorno mental	Sim/ Não/ Prefiro não responder	Questionário sociodemográfico, comportamental e clínico (pesquisadores)
Sintomas ansiosos	Presentes / Ausentes	GAD-7
Sintomas depressivos	Presentes / Ausentes	PHQ-9

Quadro construído pela pesquisadora.

4.6. Coleta de dados

Após as devidas autorizações institucionais, contatos prévios com os coordenadores de curso e elaboração de um cronograma de coleta de dados o convite para a participação e divulgação entre os estudantes foi realizado de maneira presencial. Os aplicadores do formulário foram previamente treinados e eram responsáveis pelas visitas às turmas nas salas de aula em dias e períodos alternados, de acordo com as

grades de horários de cada curso e, também, nos espaços de convivência, como os restaurantes universitários, bibliotecas e quiosques. Na abordagem, os aplicadores apresentaram brevemente a pesquisa e seus objetivos aos participantes, levando consigo banners e panfletos impressos (nos quais constavam informações sobre o estudo (título do estudo, objetivo principal e pesquisador responsável), além do código QR (*Quick Response*, em inglês) para acesso direto ao TCLE e ao formulário on-line.

Os participantes que desejaram participar da pesquisa foram convidados a escanear o código QR (por meio de *smartphones* ou *tablets*) com condução direta ao link de acesso para formulário on-line (disponibilizado por meio da ferramenta Formulários Google®), de modo que fosse respondido pelo próprio estudante e de maneira sigilosa.

Ao acessar o link, o participante teve, primeiramente, contato com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo A), o qual foi devidamente lido e, em caso de acordo, foi assinado de forma on-line pelo respondente. Para declarar seu consentimento, o estudante após a leitura do TCLE, selecionou a caixa de diálogo correspondente à opção “sim, aceito e estou de acordo”, indicando ciência do termo e seu aceite em participar do estudo. Foram tratados como ‘recusas ao convite’ aqueles que optaram por não participar da pesquisa.

Somente após expressar seu consentimento, o participante teve acesso ao formulário e pôde participar do estudo. Nesse momento de leitura do TCLE, os aplicadores estiveram disponíveis para responder quaisquer dúvidas dos potenciais participantes. Ao término do preenchimento do formulário eletrônico, as respostas foram automaticamente salvas em planilha eletrônica própria do estudo, bastando ao respondente fechar a aba no qual o formulário estava aberto. Após o agradecimento, os aplicadores se despediam dos participantes, garantindo-lhes acesso a uma cópia do TCLE via endereço eletrônico (através do Google Formulários), assim como disponibilidade para sanar quaisquer dúvidas e prestar informações sobre a pesquisa sempre que requisitadas.

4.7. Análise estatística:

Os dados deste estudo foram analisados de maneira descritiva e inferencial por meio do software *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 27.0. Na análise descritiva, apresentaram-se as frequências absoluta (FA) e relativa (FR) de cada categoria investigada; e para as análises bi e multivariadas, utilizou-se Regressão de Poisson com estimação robusta. Na análise bivariada, reportou-se a razão de prevalência bruta (RPb) ou não ajustada, com o seu nível de significância estimado por meio do teste de Wald. Para construção do modelo múltiplo, foram testadas todas as variáveis explicativas que apresentaram valor de $p < 0,20$ na análise bivariada, tendo estas sido introduzidas simultaneamente, por meio da técnica *backward* (FIELD, 2020). As variáveis que apresentaram $p > 0,05$ na análise múltipla foram removidas uma a uma, até que restaram retidas no modelo final apenas as variáveis que apresentaram valor de $p < 0,05$, tendo-se apresentados suas razões de prevalência ajustadas (RPa) e seus respectivos intervalos de confiança de 95%.

4.8. Procedimentos éticos

O projeto de pesquisa foi elaborado atendendo a Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012 (Conselho Nacional de Saúde/MS), que regulamenta a realização de pesquisas envolvendo seres humanos, e foi enviado ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) em Saúde da UFMT (CEP - Saúde – UFMT Cuiabá) para apreciação. Na pesquisa, foi garantida a confidencialidade e o anonimato, bem como a privacidade e o sigilo das informações coletadas, sempre respeitando os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa, seguindo o as diretrizes da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Nº 13.83, de 14 de agosto de 2018, que dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural.

A pesquisa envolveu um questionário autoaplicável e os estudantes tiveram livre escolha para assinar o TCLE (Anexo A) e, após o aceite para participarem do estudo, foram informados os contatos dos responsáveis pela pesquisa. O TCLE, foi elaborado e

esteve sob responsabilidade da Profa. Dra. Samira Marcon, sendo aplicado em todos os *campi* da UFMT, pois foi padronizado no formato on-line para a pesquisa.

O projeto, em parceria com o Câmpus Cuiabá da UFMT foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP Saúde da UFMT Cuiabá), sob o parecer 5.655.248.

5. RESULTADOS

A amostra consistiu em 524 estudantes universitários de graduação (94,5 %) e pós-graduação (5,5 %) dos *campi* da UFMT (68,5 % da capital e 31,5 % do interior), com idade mediana de 22 anos. Houve um predomínio de respondentes do sexo feminino – 69,7 % (identificado ao nascer) e heterossexual (68,1 %). Em relação à área de concentração dos cursos dos estudantes, foi possível observar maior participação da área de Saúde (22,13 %) e de Ciências Sociais e Aplicadas (20,22 %).

Em relação ao perfil sociodemográfico, ainda é possível acrescentar que 83,4 % dos universitários apontaram um *status* social subjetivo médio a alto, sendo que 70,2 % recebem apoio financeiro e 52,7 % trabalham e estudam simultaneamente. Também é importante ressaltar que 54,0 % apontaram não estar em uma relação amorosa.

A prevalência de uso de medicamentos psicotrópicos nesta amostra de estudantes universitários foi de 26,1% (n = 137), dos quais 17,5% (n = 28) não foram prescritos por profissional médico (Figura 3).

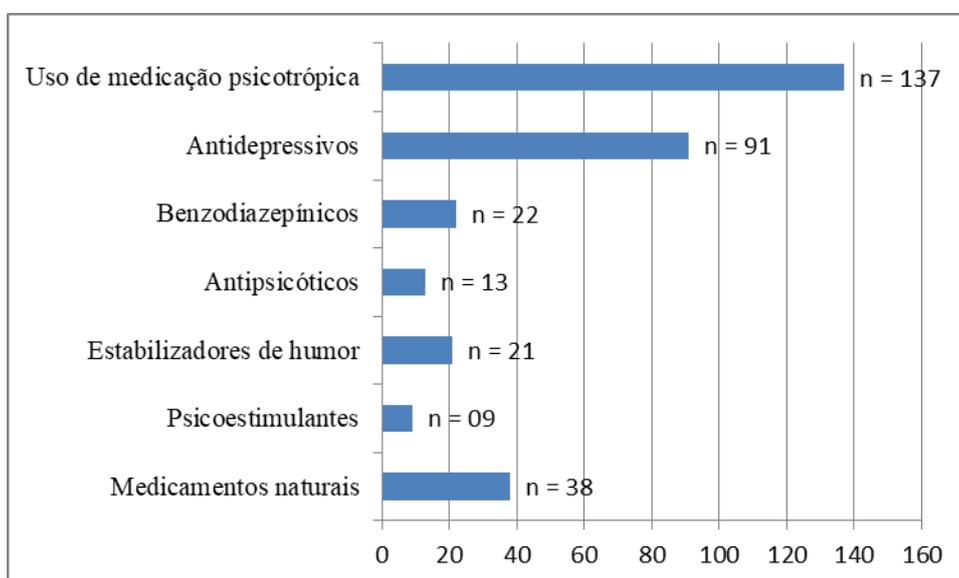


Figura 3. Frequência de uso de medicamentos psicotrópicos e classes farmacológicas* em uma amostra de estudantes universitários brasileiros (n = 524).

*Como foi possível que cada estudante reportasse o uso de mais de uma classe medicamentosa optou-se por discutir essa variável apenas por meio de sua frequência absoluta.

Na Tabela 1, evidenciam-se associações bivariadas entre o uso de ‘medicação psicotrópica’ (medicamentos psicotrópicos) e variáveis sociodemográficas, sendo evidenciado que o desfecho foi mais prevalente entre estudantes do sexo feminino ($p < 0,001$) e em relação amorosa vivendo juntos ($p = 0,034$).

Tabela 1. Associação entre características sociodemográficas e uso de medicamentos psicotrópicos em universitários (n = 524).

Variável (n)	Uso de medicação psicotrópica		RPb*	IC 95%	P-valor
	Sim (%)	Não (%)			
Sexo					
Feminino (365)	115 (31,5%)	250 (68,5%)	2,227	1,502; 3,453	<0,001
Masculino (159)	22 (13,8%)	137 (86,2%)	1		
Orientação sexual					
Minorias (167)	46 (27,5%)	121 (72,5%)	1,016	0,953; 1,084	0,620
Heterossexual (357)	91 (27,5%)	266 (74,5%)	1		
Status social subjetivo					
Baixo (1 a 3) (92)	25 (27,2%)	67 (72,8%)	0,990	0,915; 1,071	0,806
Médio/Alto (≥ 4) (432)	112 (25,9%)	320 (74,1%)	1		
Idade mediana (Md=22)					
≤ 22 anos (313)	74 (23,6%)	239 (76,4%)	0,952	0,896; 1,012	0,115
> 22 anos (211)	63 (29,9%)	148 (70,1%)	1		
Relação emocional					
Em relação amorosa, sem viver juntos (140)	39 (27,9%)	101 (72,1%)	1,043	0,972; 1,119	0,244
Em relação amorosa, vivendo juntos (101)	34 (33,7%)	67 (66,3%)	1,090	1,007; 1,180	0,034
Sem relação amorosa (283)	64 (22,6%)	219 (77,4%)	1		

*RPb: razão de prevalência bruta

A Tabela 2 apresenta associações entre variáveis acadêmicas e o uso de medicamentos psicotrópicos, na qual se evidenciou maior prevalência entre estudantes da pós-graduação ($p = 0,008$), que avaliavam seu desempenho acadêmico como insuficiente ($p = 0,024$) e entre estudantes em cursos das áreas de Engenharias ($p = 0,045$) e Linguística, Letras e Artes ($p = 0,043$) quando comparados com aqueles das Ciências Sociais Aplicadas.

Tabela 2. Associação entre características acadêmicas e uso de medicamentos psicotrópicos em universitários (n = 524).

Variável	Uso de medicação psicotrópica		RPb*	IC 95%	p-valor
	Sim (%)	Não (%)			
Ciclo de estudos					
Pós-graduação (29)	14 (48,3%)	15 (51,7%)	1,188	1,047; 1,348	0,008
Graduação (495)	123 (24,8%)	372 (75,2%)	1		
campus					
Sede/Capital (359)	90 (25,1%)	269 (74,9%)	0,973	0,913; 1,038	0,413
Interior (165)	47 (28,5%)	118 (71,5%)	1		
Avaliação subjetiva do desempenho					
Insuficiente (144)	48 (33,3%)	96 (66,7%)	1,080	1,010; 1,155	0,024
Suficiente (380)	89 (23,4%)	291 (76,6%)	1		
Apoio financeiro					
Não recebe apoio (156)	42 (26,9%)	114 (73,1%)	1,009	0,945; 1,077	0,793
Recebe apoio (368)	95 (25,8%)	273 (74,2%)	1		
É trabalhador-estudante?					
Sim (276)	71 (25,7%)	205 (74,3%)	0,993	0,935; 1,054	0,817
Não (248)	66 (26,6%)	182 (73,4%)	1		
Área de concentração do curso					
Ciências Agrárias (94)	28 (29,8%)	66 (70,2%)	1,579	0,955; 2,608	0,075
Ciências Biológicas (14)	04 (28,6%)	10 (71,4%)	1,514	0,605; 3,790	0,375
Ciências da Saúde (116)	34 (29,3%)	82 (70,7%)	1,553	0,956; 2,524	0,075
Ciências Humanas (96)	25 (26,0%)	71 (74,0%)	1,380	0,821; 2,319	0,224
Engenharias (31)	11 (35,5%)	20 (64,5%)	1,881	1,014; 3,487	0,045
Linguística, Letras e Artes (18)	07 (38,9%)	11 (61,1%)	2,061	1,023; 4,154	0,043
Ciências Exatas e da Terra (49)	08 (16,3%)	41 (83,7%)	0,865	0,410; 1,826	0,704
Ciências Sociais Aplicadas (106)	20 (18,9%)	86 (81,1%)	1		

*RPb: razão de prevalência bruta

Na Tabela 3, apresentam-se as associações bivariadas entre características clínicas e uso de medicamentos psicotrópicos, sendo evidenciado que o desfecho foi mais prevalente entre estudantes com sintomas depressivos ($p = 0,004$), com sintomas ansiosos ($p = 0,011$), com histórico de diagnóstico de transtorno mental ($p < 0,001$) ou que preferiram não responder a esta questão ($p = 0,006$).

Tabela 3. Associação entre características clínicas e uso de medicamentos psicotrópicos em universitários (n = 524).

Variável (n)	Uso de medicação psicotrópica		RPb*	IC 95%	Valor de p
	Sim (%)	Não (%)			
Sintomas depressivos (PHQ-9 ≥10)					
Com sintomas (363)	109 (30,0%)	254 (70,0%)	1,727	1,191; 2,503	0,004
Sem sintomas (161)	28 (17,4%)	133 (82,6%)	1		
Sintomas ansiosos (GAD – 7 ≥10)					
Com sintomas (314)	95 (30,3%)	219 (69,7%)	1,513	1,100; 2,080	0,011
Sem sintomas (210)	42 (20,0%)	168 (80,0%)	1		
Diagnóstico de transtorno mental					
Sim (174)	96 (55,2%)	78 (44,8%)	5,274	3,735; 7,447	<0,001
Prefiro não responder (25)	07 (28,0%)	18 (72,0%)	2,676	1,323; 5,414	0,006
Não (325)	34 (10,5%)	291 (89,5%)	1		
Consumo de café e/ou bebidas energéticas					
Sim (461)	118 (25,6%)	343 (74,4%)	0,849	0,565; 1,275	0,429
Não (63)	19 (30,2%)	44 (69,8%)	1		
Fuma cigarros					
Sim (110)	29 (26,4%)	81 (73,6%)	1,011	0,711; 1,437	0,953
Não (414)	108 (26,1%)	306 (73,9%)	1		
Consumo de bebidas alcoólicas					
Sim (n = 389)	102 (26,2%)	287 (73,8%)	1,011	0,727; 1,407	0,946
Não (n = 135)	35 (25,9%)	100 (74,1%)	1		
Bebe mais de 4/5 doses de bebidas alcólicas na mesma ocasião					
Sim (320)	85 (26,6%)	235 (73,4%)	1,078	0,687; 1,693	0,744
Não (69)	17 (24,6%)	52 (75,4%)	1		
Consumo de Cannabis					
Sim (100)	27 (27,0%)	73 (73,0%)	1,041	0,726; 1,492	0,828
Não (424)	110 (25,9%)	314 (74,1%)	1		
Uso de substâncias psicoativas					
Sim (23)	05 (21,7%)	18 (78,3%)	0,825	0,375; 1,816	0,633
Não (501)	132 (26,3%)	369 (73,7%)	1		

*RPb: razão de prevalência bruta

Na Tabela 4, são apresentados dos dados da regressão múltipla e as variáveis que se associaram ao uso de medicamentos psicotrópicos pelos estudantes. Houve destaque para o sexo feminino, ciclo de estudos na pós-graduação (mesmo sendo em menor número de participantes), estudantes com avaliação subjetiva insuficiente quanto ao próprio desempenho, além do diagnóstico prévio de transtorno mental.

Tabela 4. Análise de regressão múltipla de fatores sociodemográficos, clínicos e acadêmicos associados ao uso de medicamentos psicotrópicos em universitários.

Variável	RPa*	IC 95%	p-valor
Sexo			
Feminino	1,917	1,319; 2,787	<0,001
Masculino	1		
Ciclo de estudos inserido			
Pós-graduação	1,560	1,128; 2,159	0,007
Graduação	1		
Avaliação subjetiva do desempenho acadêmico			
Insuficiente	1,404	1,096; 1,798	0,007
Suficiente	1		
Já foi diagnosticado com um transtorno mental?			
Sim	4,864	3,442; 6,873	0,001
Prefiro não responder	2,449	1,201; 4,995	0,014
Não	1		

*RPa: razão de prevalência ajustada

6. DISCUSSÃO

Inicialmente, é importante apontar que, embora não seja a maioria dos participantes, existem aqueles que utilizam medicamentos psicotrópicos sem prescrição médica especializada. Oliveira *et al.* (2018), realizaram uma revisão sistemática da literatura (entre os anos 2000 e 2017) e alertaram que a automedicação entre os universitários já apresentava uma incidência preocupante. Entre os estudantes que mais praticavam automedicação, eram: aqueles sem emprego fixo; com altas rendas (custeadas pelos familiares); mulheres, especialmente, aquelas com distúrbios de autoimagem; homens, que assumiam comportamentos de risco após o uso de drogas; ou aqueles que se sentiam extremamente pressionados pelo ambiente acadêmico.

Uma revisão integrativa sobre o tema, realizada por Arraes *et al.* (2022), constatou que o uso não médico de psicotrópicos tem crescido nas universidades e, com isso, também cresce o risco de complicações relacionadas à utilização. Transtornos como dependência química, adicção, abstinência, tolerância e até suicídio, são possibilidades quando o consumo é abusivo. Ainda sobre o uso não prescrito de psicotrópicos (automedicação), Araújo, Ribeiro e Vanderlei (2021) realizaram um estudo com 1.111 estudantes de medicina e odontologia de duas instituições de ensino superior, e foi possível identificar que os principais motivos que levavam os estudantes à automedicação foram o estresse ou alguma perda familiar. Diante do exposto, é urgente que as instituições de ensino superior estabeleçam ações capazes de compreender o fenômeno, bem como estabelecer estratégias de orientação e prevenção e redução de riscos inerentes a tal prática.

Nesta pesquisa, a classe medicamentosa mais utilizada foi a de antidepressivos, reportada por 91 estudantes, seguida de medicamentos naturais ($n = 38$) (Figura 3). Estes dados vêm de encontro com a literatura, uma vez que os antidepressivos, especialmente os ISRS (Inibidores Seletivos de Recaptação de Serotonina), podem ser utilizados para o tratamento farmacológico de sintomas de ansiedade e de depressão. Quanto aos medicamentos denominados “naturais”, não foi possível identificá-los, visto que o instrumento não contava com espaço aberto ou questões específicas com essa classificação. É possível observar, também, o uso expressivo de benzodiazepínicos, apesar dos riscos inerentes à utilização desses fármacos.

Do total de usuários de medicamentos psicotrópicos (n = 137), 95 estudantes reportaram fazer uso de apenas 01 classe de medicamentos, enquanto 42 reportaram o uso de duas ou mais classes medicamentosas diferentes. Dentre os estudantes que usavam duas ou mais classes medicamentosas diferentes (n = 42) a combinação entre antidepressivos e benzodiazepínicos foi a mais frequente (n = 08) seguida da combinação entre antidepressivos e estabilizadores de humor (n = 07). Ainda, entre os estudantes que usavam duas ou mais classes medicamentosas diferentes (n = 42), 33 utilizavam a combinação de duas classes diferentes, 05 utilizavam a combinação de três classes diferentes e 03 combinavam quatro classes diferentes.

A literatura brasileira sobre a temática tem crescido nos últimos anos, especialmente após a pandemia de Sars-Cov-2. Porém, é possível encontrar estudos anteriores a esse fenômeno em escala mundial. Lucas *et al.* (2006) foram pioneiros nessa temática e aplicaram um questionário a 521 estudantes da área da Saúde da Universidade Federal do Amazonas (Brasil), observando predomínio de participantes do sexo feminino e com faixa etária entre 19 e 21 anos, solteiros e com *status* social subjetivo alto. Além do uso de medicamentos psicotrópicos (como anfetaminas e ansiolíticos) e outras drogas de abuso (como tabaco, solventes e maconha), 87,7 % dos participantes relataram o consumo de álcool de forma contínua durante a vida acadêmica. Os autores reforçam a importância de uma formação farmacológica, humanística e social para os estudantes da Saúde, favorecendo a capacidade de compreender o fenômeno do uso de drogas e atuar adequadamente na sua prevenção, diagnóstico e tratamento.

Nos últimos cinco anos, mais estudos têm sido publicados sobre a utilização de medicamentos psicotrópicos por universitários e suas implicações. Com o objetivo de demonstrar o perfil sociodemográfico e a prevalência do uso dos psicofármacos entre acadêmicos de uma universidade pública localizada no estado do Paraná, Bauchrowitz *et al.* (2019) realizaram um estudo de cunho transversal, por meio da aplicação de um questionário eletrônico, cujo a amostra foram 431 estudantes do primeiro e último ano de graduação, sendo analisados dois setores de Ciências Biológicas e da Saúde (setor A) e Ciências Sociais Aplicadas (setor B). A maioria era do sexo feminino, correspondendo a 65,6% (com média de idade de 21,5 anos). A prevalência do uso de medicamentos psicotrópicos foi de 22,3%, sendo o Escitalopram (15%), Sertralina (14%) e Fluoxetina (13%) os mais usados. A classe dos benzodiazepínicos também foi destaque na

pesquisa, sendo que o clonazepam e o alprazolam, juntos somam, o total de 15% dos medicamentos utilizados. Os fitoterápicos foram mencionados, devido ao fácil acesso e o conhecimento dos estudantes, como por exemplo, *Passiflora incarnata* e/ou *Valeriana officinalis*, que foram os principais em utilização (12,3%), o que vem de encontro com os dados obtidos nesta pesquisa.

Outro estudo que vem de acordo com esta pesquisa, realizado por Gotardo *et al.* (2022), abordou 587 estudantes de um Centro Universitário privado, situado na cidade de Cascavel, Paraná (Brasil), com estudantes de Agronomia, Engenharia Civil, Ciências Contábeis, Pedagogia, Enfermagem e Farmácia; do total da população estudada, 15,8% utilizavam algum tipo de medicamento psicotrópico. Dos alunos que utilizam medicamentos controlados, 84,9% relataram fazer uso através de prescrição médica, enquanto 10,7% descreveram o uso por automedicação. Com base nas respostas dos acadêmicos, verificou-se que 62,4% fazem uso de somente um fármaco, com maior representatividade pela classe dos antidepressivos (81,7%). Os autores concluíram uso significativo de medicamentos psicotrópicos entre as mulheres, embora tenham sido prescritas por profissionais habilitados.

A utilização de psicofármacos pelos universitários é um tema recorrente na literatura, com predomínio, especialmente, dos antidepressivos, como demonstraram, também, os dados desta pesquisa. Em uma revisão narrativa da literatura, Dos Santos *et al.* (2023) observaram que os medicamentos psicotrópicos mais utilizados pelos universitários brasileiros são os antidepressivos, seguidos dos estimulantes do sistema nervoso central e ansiolíticos/anticonvulsivantes. A utilização dos psicotrópicos se deve ao fato de aumentarem a disposição para as atividades, a produtividade no trabalho e nos estudos, além de melhorarem o estado de alerta e sintomas de quadros depressivos, fazendo os estudantes lidarem melhor com a cobrança sobre o futuro. No entanto, a utilização desses medicamentos se faz, por vezes, sem a prescrição de profissional habilitado apto a instruí-lo acerca do uso correto de tais medicamentos.

Em concordância com os dados aparentados na Tabela 1 (análise bivariada) e Tabela 4 (regressão múltipla), vários estudos na área de saúde mental dos universitários apontaram o predomínio de participantes do sexo feminino nas pesquisas, tais como os de Dell'Osbel *et al.* (2018) e Dos Santos *et al.*, (2021). Esta informação pode ser corroborada pela V Pesquisa Nacional do Perfil Socioeconômico e Cultural dos

Universitários das IFES Brasileiras (ANDIFES, 2019), que constatou que a superioridade do sexo feminino no ensino superior está relacionada ao fato de que elas já são maioria no ensino médio e que estudantes do sexo masculino (egressos ou evadidos) têm, por sua vez, entrada precoce no mercado de trabalho.

Dentre os adultos, as mulheres constituem um subgrupo relevante pois, em geral, são mais vulneráveis a alguns transtornos mentais. Segundo De Souza *et al.* (2019), isso ocorre devido às experiências do ciclo de vida, influências hormonais, vulnerabilidade à violência e exploração nas relações, fatores culturais e discriminação de gênero. Portanto, devido a essa vulnerabilidade, o sexo feminino é, conseqüentemente, mais propenso ao uso de medicamentos psicotrópicos.

Além da predisposição das mulheres a adquirirem os transtornos mentais comuns (TMC), segundo Dantas, Solano e Oliveira (2019), o fato de o público feminino ter uma maior assiduidade aos serviços de saúde, torna-se mais acessível e fácil a adesão dessa população às ações de promoção à saúde, bem como de prevenção e tratamento às doenças e agravos. Sendo assim, “os aspectos físicos e emocionais são complementares no processo saúde-doença, e, aliados à abordagem integrada às necessidades advindas da comunidade, certamente refletir-se-ão positivamente na saúde mental das mulheres” (De Souza *et al.*, 2019, p. 196).

Há alguns anos, a temática “saúde mental e sexo feminino” tem sido discutida na literatura. Maluf e Tornquist (2010) já estudavam as questões de gênero, saúde da mulher e aflição, no campo da saúde mental, do ponto de vista das políticas públicas, do ativismo político e das experiências sociais. Entre os principais resultados, destacaram-se: a necessidade de uma política de saúde mental com a perspectiva de gênero, o consumo de medicamentos psicotrópicos pelo sexo feminino, a medicalização na política de saúde mental, e as dimensões físico-morais do sofrimento psíquico e sua resignificação pelas mulheres.

Frente aos resultados desta pesquisa, confrontados com a literatura, é evidente o uso prevalente de psicotrópicos pelo sexo feminino, ressaltando a importante reflexão sobre as possíveis explicações para este fenômeno. Dois aspectos são importantes neste contexto: A participação significativa de universitárias em pesquisas dessa natureza e, também, a maior procura delas pelos cuidados de saúde (por estarem mais atentas aos sintomas de disfunções físicas e/ou psíquicas). Por outro lado, não se pode negligenciar

que esse perfil de autocuidado pode levar à automedicação que, como foi evidenciado, também é praticada, principalmente, pelas mulheres. A automedicação, especialmente de psicotrópicos, pode levar a riscos à saúde, tais como dependência química/psíquica, intoxicações, interações com outros medicamentos ou alimentos, entre outros – os quais podem comprometer a qualidade de vida dessa população.

Ainda na Tabela 1 é possível evidenciar a associação entre o uso de medicamentos psicotrópicos e “estar em uma relação amorosa, vivendo junto do parceiro(a)”, quando se compara com seus pares sem relação amorosa ($p = 0,034$). Embora a natureza da relação não tenha sido levantada, questionamentos surgem sobre esta associação: Seria a relação amorosa saudável uma variável que estimularia o estudante a procurar ajuda psiquiátrica e o uso de medicamentos prescritos, em caso de sofrimento psíquico e, portanto, um fator de proteção? Ou, ao contrário, uma relação disfuncional poderia favorecer a maior procura por esse tipo de tratamento, justamente, por ser a principal causa de sofrimento?

Mesmo que os questionamentos se dirijam às relações amorosas, é importante lembrar que quaisquer relações podem configurar um tipo de suporte social para os universitários. Silva e Ximenes (2022) realizaram uma pesquisa com 138 universitários entre 18 e 29 anos, matriculados em cursos da Universidade Federal do Ceará (Brasil), utilizando a Escala de Percepção de Suporte Social versão reduzida e *Self-Report Questionnaire* (SRQ-20), além de entrevistas gravadas e avaliadas por análise de conteúdo. Os resultados apontaram que, quanto menos suporte social, maior a probabilidade de ocorrência de sentimentos depressivos. Desta forma, quanto mais o/a aluno/a sentir apoio em suas relações sociais, o que inclui família, amigos, parceiros, professores e universidade, maior sua satisfação com a vida e melhores serão seus níveis de saúde mental ou de procura por apoio em situações estressoras. Ainda, de acordo com as autoras, as relações familiares e os vínculos sociais, de um modo geral, se tornam fundamentais para construção de redes de suporte e estratégias de enfrentamento ao adoecimento psíquico.

Mediante a compreensão das interações que tragam satisfação e bem-estar para as pessoas (considerada saudável), a lógica da qualidade de vida em relacionamentos amorosos amplia seus horizontes, uma vez que, também, pode ser compreendida como um possível fator de proteção ou de risco (dependendo da sua natureza), diretamente

envolvido no processo saúde-doença. Por outro lado, segundo Schlösser (2014), as relações disfuncionais envolvem fatores de risco e relacionam-se aos eventos negativos que aumentam a probabilidade do sujeito de desenvolver problemas individuais e conjugais. Esta reflexão nos levaria a conjecturar na possibilidade de que “estar em uma relação amorosa saudável” poderia ser um fator de proteção ao universitário que sofre, estimulando-o a buscar ajuda psiquiátrica e, conseqüentemente, medicamentosa (para manter o *status* harmonioso da relação, inclusive). É evidente, porém, que novas pesquisas, abordando detalhadamente esta temática com os universitários da UFMT, seriam fundamentais para o aprofundamento desta discussão.

Apesar do menor número de participantes da pós-graduação (Tabelas 3 e 4), foi interessante a associação entre “estar na pós-graduação” e fazer uso de medicamentos psicotrópicos (como demonstra a análise de regressão, na Tabela 4). É importante ressaltar, porém, que este número pôde impactar nos resultados obtidos nas análises, o que implica na importância de estudos quantitativos futuros com maior número de voluntários ou, até mesmo, a associação destes dados com estudos qualitativos a serem realizados pelo grupo com esta amostra, evitando interferências do vício amostral que pode acontecer nesse tipo de abordagem. Embora as características levantadas nesta discussão sejam referenciadas pela literatura, é importante que a interpretação dos resultados desta pesquisa, em relação à pós-graduação, tenham um olhar consciente da importância do planejamento amostral e de um maior número de representantes dessa fase da vida acadêmica, a qual é repleta de variáveis peculiares.

Os estudos referentes ao sofrimento psíquico e ao uso de medicamentos nessa fase da vida acadêmica são escassos na literatura. Um estudo realizado por Garcia da Costa e Nebel (2018), que entrevistou 2.903 estudantes de pós-graduação de todo o Brasil, identificou que 74% dos respondentes alegaram ter ansiedade, 31% insônia e 25% depressão, além de distúrbio relacionado ao sono. Outra pesquisa, realizada por Evans *et al.* (2018), identificou que esse público apresenta seis vezes mais chances para desenvolver ansiedade e depressão.

A percepção subjetiva quanto ao desempenho acadêmico pelos universitários é um aspecto importante desta pesquisa, com destaque na análise de regressão múltipla (Tabela 4). Na literatura, alguns autores procuram relacionar a questão do desempenho e os possíveis fatores que podem influenciá-lo, tanto na graduação quanto na pós-

graduação. Em uma pesquisa, realizada por Rezende *et al.* (2017), que buscou identificar e analisar a relação entre *stress* e desempenho acadêmico percebido pelos 309 discentes de pós-graduação na área de Ciências Exatas, foi possível constatar que a linha de pesquisa, a condição de bolsista e o tempo de oferecimento do programa, além de preocupações e dificuldades inerentes ao processo, influenciam significativamente o nível de *stress* do discente. O *stress*, impactando negativamente no desempenho acadêmico discente, pode deixar alunos frustrados e desmotivados com a falta de rendimento, o que os levaria à evasão, seja por abandono ou por perderem suas vagas ao não atingirem o rendimento mínimo determinado pelos programas de pós-graduação.

Acredita-se que o contexto educacional da pós-graduação brasileira se caracteriza por vários fatores que podem se relacionar com o sofrimento psíquico e o adoecimento dos que nele estão inseridos. De acordo com Reis, Regnini e Boehs (2021), esses fatores são tanto de ordem pessoal quanto contextual, envolvendo as exigências de alto desempenho, a cobrança por produtividade, a sobrecarga de trabalho e a dificuldade no manejo do tempo, os impeditivos estruturais e materiais para realização das pesquisas, a alta competitividade entre pares, a relação com o orientador e a falta de sentido no trabalho.

Outro aspecto que impactou a vida dos estudantes universitários, incluindo os pós-graduandos, foi a pandemia de Sars-Cov-2, a qual influenciou o uso de medicamentos psicotrópicos pelos pós-graduandos. Molina *et al.* (2023) realizaram uma pesquisa que abordou 5344 pós-graduandos *stricto sensu* com 18 anos ou mais, de ambos os sexos, residentes no Brasil, na qual foi possível constatar que 39,2% referiram fazer uso de medicamentos continuamente, sendo 19,3% de psicofármacos (utilizados desde antes da pandemia) e 22,3% (que iniciaram uso de psicofármacos durante a pandemia). Quanto aos tipos de psicofármacos, 11,2% referiram uso de ansiolíticos e 22,3% de antidepressivos. Os pós-graduandos já apresentam maior propensão ao sofrimento psíquico, especialmente pelo perfil predominante de mulheres e jovens. As altas exigências acadêmicas e incertezas em relação ao futuro, podem desencadear alterações na saúde mental e aumento e/ou manutenção do uso de psicofármacos, o que requer maior atenção a esse público.

A preocupação com a percepção do universitário sobre o seu desempenho também é relevante durante a graduação. Para Duarte e Santos (2022), os estudantes

chegam à universidade portando uma relação com o saber que foi construída ao longo de sua trajetória escolar, a qual tende a ser rompida abruptamente na transição para o ensino superior, o que pode culminar em situações de insucesso acadêmico e baixo desempenho escolar. Além disso, o conteúdo passa a se distanciar da realidade dos universitários (que vieram de diferentes trajetórias), fazendo com o que o processo perca o sentido, desestimulando a integração dos estudantes com o contexto da universidade.

De acordo com (Costa *et al.*, 2015), níveis elevados de insucesso e abandono promovem frustração de expectativas; perda de potencialidades pessoais, profissionais e sociais; ônus social com o aumento dos gastos públicos, prejuízos de ordem financeira ao estudante e à instituição e o comprometimento na oferta de um ensino-aprendizagem de qualidade. Em uma tentativa de compensar essas frustrações, os graduandos podem buscar recursos de ‘fuga’, tais como o uso de psicotrópicos. Tovani, Santi e Trindade (2021) destacam, inclusive, que o uso de psicotrópicos representam uma ‘maximização do prazer’. Segundo os autores, “para os universitários, o uso de psicotrópicos é tido como amálgama das relações interpessoais, sendo influenciado também pelo desejo de melhora no desempenho acadêmico (Tovani; Santi; Trindade, 2021, p. 1).

Embora os estudantes das áreas de Engenharias e Letras/Linguísticas e Artes não tenham sido os mais prevalentes em participarem nesta pesquisa, observa-se que os mesmos possuíam associação significativa com o uso de psicotrópicos nas análises bivariadas. Na literatura, há vários estudos que apontam a área da Saúde como aquela que, significativamente, expressa sofrimento psíquico e uso de psicotrópicos, com menor participação das outras áreas em pesquisas dessa natureza. Os pesquisadores têm apresentado interesse fatores possivelmente associados ao adoecimento psíquico de estudantes da área da Saúde, especialmente, com desfecho em sintomas de *stress*, ansiedade e depressão. De um modo geral, os estudantes dessa área de concentração são mais participativos em pesquisas dessa natureza, pois acreditam na importância desse conhecimento para a formação acadêmica. Sob outra perspectiva, alguns autores reforçam os riscos de adoecimento mental na área, o qual se torna significativo, justamente, pela extensiva pressão que o conteúdo e a competição acadêmica proporcionam (Lucas *et al.*, 2006; Oliveira *et al.*, 2018; Araújo, Ribeiro e Vanderlei, 2021; Tovani *et al.*, 2021).

Em uma revisão sistemática realizada por (Brito *et al.*, 2022), observou-se que fatores pessoais pré ingresso, pressão acadêmica, cargas horárias exaustivas, insegurança quanto a autoeficácia e o uso indiscriminado de drogas são precursores de depressão e ansiedade nos estudantes e estão mediados por fatores de autocobrança e aceitação no ciclo social acadêmico. Além disso, nota-se que de transtornos mentais em acadêmicos da área da saúde deve ser alvo de maior preocupação, visto que muitos renunciam a sua saúde, durante a formação, para o cuidado futuro de outras pessoas, apresentando similaridades entre os motivadores que levam ao desenvolvimento de distúrbios psíquicos.

No entanto, pode-se encontrar alguns estudos que associam a área de Engenharias com *burnout* e sofrimento psíquico. Dantas *et al.* (2023) realizaram um estudo quantitativo epidemiológico transversal com 27,4 % dos estudantes da área de uma universidade pública brasileira. Observou-se uma alta frequência nas dimensões exaustão (81,3%) e descrença (80,0%) e baixa na dimensão eficácia profissional (45,0%). Os fatores associados estavam ligados à insatisfação dos alunos com as estratégias de ensino e aprendizagem, com a reprovação em alguma disciplina, com o desejo de abandonar o curso e por considerarem o curso ser menos do que esperavam.

Ressalta-se que estudos específicos com estudantes das áreas de Letras/Linguística e Artes também são insuficientes, porém, um relatório da UNILA (2019-2021), apontado por Silva e Conceição (2023), apresentou um aumento da procura desses cursos por atendimento psicológico na IES, o que pode ser uma evidência do aumento do sofrimento psíquico entre esse público. Em 2020, Flesch *et al.* (2020) também evidenciaram a área de Letras/Linguística e Artes, seguida da área de Ciências Humanas Aplicadas, como protagonistas dos maiores riscos (25 %) de episódios de depressão – quando comparadas com os demais cursos.

Nesta pesquisa, portanto, foi possível observar na Tabela 2 que, embora os estudantes da área da Saúde tenham participado mais da pesquisa (como demonstra a literatura), a associação bivariada destacou-se entre os estudantes de Engenharias e Letras/Linguística, o que merece atenção em estudos futuros (especialmente, de caráter qualitativo, o qual permitirá um detalhamento do contextos universitários dessas áreas de conhecimento). Um aspecto importante deste pesquisa, que pode ter culminado na menor participação dessas áreas, foi o acesso a esses estudantes durante a coleta de

dados, pois muitos possuem atividades de campo e aulas em períodos noturnos, o que pode ter influenciado nestes dados. Porém, é essencial a avaliação dessa informação em particular, com o objetivo de levantar-se as razões pelas quais tais estudantes da UFMT busquem mais os medicamentos psicotrópicos do que as outras áreas.

De acordo com Gotardo *et al.* (2022), em relação às principais patologias descritas pelos universitários que entrevistaram em seu estudo, as quais foram motivo do uso dos medicamentos psicotrópicos, predominam a ansiedade (75,3%), seguida da depressão (27,9 %). Quando discutimos a temática ansiedade e depressão em universitários, um leque de vertentes se abre, pois a literatura sugere vários fatores que podem estar associados à manifestação desses sintomas.

De acordo com Figueiredo *et al.*, (2014), depressão, estresse e ansiedade podem atingir qualquer pessoa. No entanto, a sintomatologia associada a esses quadros tem maior chance de surgir, pela primeira vez, no início da vida adulta, principalmente no período universitário. A ansiedade e a depressão são problemas verificados em torno de 15 a 25% dos estudantes universitários de maneira geral (Figueiredo *et al.*, 2014; Ribeiro *et al.*, 2014). Em se tratando do curso de medicina, por exemplo, a prevalência fica entre 8 e 17% de estudantes com transtornos depressivos (Dias *et al.*, 2021).

“O tratamento combinado (medicamento e psicoterapia) é a junção mais adequada para a terapêutica de transtornos depressivos” (Dias *et al.*, 2021, p. 567). Para os autores, em contrapartida, o excesso de diagnósticos e medicalização entre os jovens é um tema muito debatido entre estudiosos da área, e torna-se imprescindível estar atento ao risco que a medicalização pode trazer. De acordo com Oliveira *et al.* (2021), psicofármacos são substâncias que atuam no SNC, as quais podem promover mudanças de comportamento e dependência química. Essas substâncias podem ser classificadas em quatro categorias (ansiolíticos/sedativos; antidepressivos; estabilizadores de humor e neurolépticos).

Considerando esse contexto, segundo com Souza *et al.*, 2021, os medicamentos antidepressivos e ansiolíticos estão entre as principais estratégias de tratamento para pacientes que são diagnosticados com depressão e ansiedade. Embora existam outros métodos, como o tratamento não farmacológico, que é comprovadamente eficaz, o uso de psicotrópicos sobressai aos demais cuidados que são prescritos por médicos devido à grande variedade de efeitos terapêuticos. Estes, por sua vez, tendem a aliviar os

sintomas do indivíduo por meio dos seus potenciais ansiolíticos, antidepressivos, sedativos, dentre outros.

Os ansiolíticos são medicamentos que atuam no controle da ansiedade, com efeitos que incidem sobre as emoções, o humor e o comportamento. Silva e Iguti (2013) apontam que os principais representantes desta classe são os benzodiazepínicos, que potencializam a ação do neurotransmissor GABA (ácido gama amino butírico), resultando em um efeito inibitório sobre o SNC (Sistema Nervoso Central). Entre os representantes desse grupo de fármacos, estão o diazepam, o clonazepam, o alprazolam e o midazolam.

Já os antidepressivos são uma subclasse de substâncias psicoativas que atuam sobre o Sistema Nervoso Central (SNC), e são classificados baseando-se nos neurotransmissores e nos receptores envolvidos em seu mecanismo de ação. Alencar, Holanda e Oliveira Júnior (2022) explicam que essas substâncias, geralmente, agem inibindo a enzima monoamina oxidase, bloqueando a recaptção de noradrenalina ou bloqueando a recaptção de serotonina.

Algumas pesquisas têm levantado a prevalência do uso de psicotrópicos e as variáveis que se associam a este desfecho. Um estudo realizado por Ferraresso *et al.* (2021) avaliou os níveis de ansiedade e o uso de medicamentos entre acadêmicos do curso de medicina, relacionando com dados sociodemográficos, prescrição e acompanhamento médico e melhoria dos sintomas. Entre 264 acadêmicos entrevistados, 21% do total (n = 56 participantes) faziam uso de medicamentos para tratar ansiedade, com destaque para a fluoxetina. Entre estes, a maioria foi do sexo feminino, quase metade apresentavam de 21 a 25 anos e renda familiar média a alta, o que vem de encontro com os dados obtidos nesta pesquisa. Os autores reforçaram a importância de outros estudos que associem a escolha dos cursos, as variáveis sociodemográficas e a satisfação com a trajetória acadêmica.

Outro estudo realizado por Souza *et al.* (2021) com 472 universitários de Teresina – PI, verificou que 27,54% utilizam ansiolíticos e/ou antidepressivos, sendo que 91,50% afirmaram já sentir sintomas de ansiedade, porém, só 61,50% procuraram auxílio profissional (o que é um importante fator de risco para o desenvolvimento de efeitos adversos, interações e intoxicações). Nesta pesquisa, de acordo com a Tabela 4, foi possível evidenciar a prevalência de diagnóstico prévio de transtorno mental e o uso

de medicamentos psicotrópicos, o que pode sugerir um acompanhamento psiquiátrico/por profissional habilitado – embora, ainda assim, os riscos acima citados sejam possíveis.

Um outro estudo, com perfil similar a este, realizado por Damasceno *et al.* (2019), teve como objetivo identificar os riscos do uso de antidepressivos entre 308 jovens universitários da cidade de Montes Claros – MG. Observou-se que os mais utilizados foram a Fluoxetina e a Sertralina (20,9%), com maior utilização pelos prescritos por profissional médico, fato esse que não impediu a manifestação de efeitos colaterais pelos usuários, com destaque para as alterações de humor e ganho de peso. Portanto, os efeitos colaterais e adversos dos psicofármacos são riscos preocupantes e que podem ter consequências graves quando não acompanhados.

Tavares *et al.* (2021) também realizaram um estudo similar a esta pesquisa, cujo desfecho foi a utilização de medicamentos psicotrópicos. Dos 408 entrevistados (a maioria mulheres com idade na escala dos 20 anos), 22,3% afirmaram fazer uso de ansiolíticos/antidepressivos, tendo iniciado após o ingresso na universidade e em uso diário. De acordo com os relatos dos entrevistados, observou-se que alguns acadêmicos fazem o uso de mais de uma medicação, e alguns não possuem conhecimento sobre a real finalidade do medicamento em uso. Portanto, outra questão importante é o esclarecimento dos pacientes quanto ao diagnóstico de transtorno mental e a sua participação na proposta terapêutica, pois isso pode favorecer a adesão.

Frente aos resultados obtidos em pesquisas similares, realizadas por outros autores, é possível verificar que a utilização de psicotrópicos é recorrente e preocupante entre os universitários e está associada a diversos fatores, de acordo com os dados apresentados e discutidos até aqui. Assim como evidenciou-se nesta pesquisa, a literatura também demonstra que, embora os medicamentos sejam, em geral, prescritos por profissionais habilitados, ainda há universitários que se automedicam, especialmente, em relação aos antidepressivos, ansiolíticos e produtos ‘naturais’. É evidente que a prática da automedicação, especialmente em relação aos psicotrópicos, traz sérios riscos à saúde, ao desempenho acadêmico e à qualidade de vida desses usuários.

Enfim, vida universitária compõe o ciclo vital de muitos brasileiros, geralmente na fase de adolescência e/ou juventude. De fato, é um período mais ou menos longo –

de quatro a seis anos oficialmente – marcado por vivências individuais e coletivas que demandam, de quem experimenta esta fase da vida, responsabilização e sociabilidade (Assis; Oliveira, 2010). O estudante universitário está rodeado por estressores durante sua trajetória na graduação – “na área da saúde, principalmente, pela atuação dos estudantes na área clínica, interação com novos indivíduos e pelo fato de lidar frequentemente com situações de sofrimento” (Graner; Cerqueira, 2019).

Segundo Rocha et al (2011), estudos realizados no Brasil e em países da América Latina já identificavam prevalências elevadas de Transtornos Mentais Comuns (TMC) (20,2% e 26,7%, respectivamente), o que é um dado preocupante e, pelo aumento do número de publicações sobre o tema nos últimos cinco anos, se pode perceber que tem se agravado. “Os níveis de sintomatologia depressiva, estresse e ansiedade têm crescido em todo o mundo comprometendo a qualidade de vida e bem-estar das pessoas das mais diferentes idades” (Jardim; Castro; Rodrigues, 2020, p. 645).

Para Trigueiro *et al.* (2021), a saúde mental dentro da universidade está para além do aspecto biológico, sendo interligada a contextos familiares, sociais, culturais e individuais. Ingressar neste ambiente proporciona ao sujeito vivenciar novas experiências e valores, permitindo crescimento pessoal, mas também pode ser um espaço de adoecimento mental, sendo a saúde mental, um tema extremamente relevante, considerando sua influência em aspectos sociais, individuais e institucionais no contexto universitário a sua promoção pode influenciar positivamente nos processos de aprendizagem, na formação profissional e na permanência institucional.

Desse modo, Gaiotto *et al.* (2021) ressaltam a importância das universidades no estabelecimento de comissões institucionais para implementar uma política de fortalecimento da saúde mental dos estudantes universitários da área da saúde, com capacidade de reconhecer as diversas necessidades em saúde, incluindo as manifestações de sofrimento psíquico; integrar ações internas da universidade entre si e aos serviços do Sistema Único de Saúde; implementar e monitorar as ações que compõem a política de saúde mental.

Finalizando, este estudo apresentou algumas limitações inerentes aos estudos dessa natureza, especialmente, o curto período de coleta, o acesso aos estudantes e a adesão dos mesmos em relação ao formulário de pesquisa. Também será importante, em estudos futuros, um maior detalhamento sobre as variáveis comportamentais (tais como

as relações amorosas e interpessoais), aspectos específicos de cada curso (que podem favorecer o sofrimento psíquico e a busca de psicotrópicos), além das classes terapêuticas mais utilizadas pelos estudantes da UFMT, assim como os efeitos colaterais/adversos experimentados. Por outro lado, pesquisas com este desfecho são essenciais para a compreensão dos riscos fomentados pelo tratamento dos transtornos mentais no ambiente universitário, especialmente com medicamentos psicotrópicos, favorecendo a construção de uma base sólida para políticas estudantis e intervenções que promovam a saúde integral e a qualidade de vida na universidade.

7. CONCLUSÃO

Embora a temática que envolve saúde e adoecimento mental dos estudantes já venha sendo discutida nas últimas décadas, é notável o aumento das pesquisas brasileiras (observacionais e de revisão) nos últimos cinco anos. A literatura demonstra que a vida universitária é repleta de mudanças e desafios para os estudantes, expondo-os às variáveis que podem estar associadas ao desenvolvimento de disfunções psíquicas (tais como sintomas ansiosos e depressivos). Obviamente, levantar a prevalência da sintomatologia de sofrimento psíquico é importante, porém, se torna essencial a sua associação com variáveis características desse público. Através desta pesquisa, observamos que os jovens (na faixa dos 20 anos), em sua maioria do sexo feminino, que estão em uma relação amorosa e que optaram por cursos da área da Saúde, tiveram maior participação e relataram utilizar psicotrópicos (em geral, prescritos por médico, com destaque para os antidepressivos (ISRS), para os produtos naturais e para os benzodiazepínicos), o que vem de encontro com os artigos publicados nos últimos anos e evidencia a importância da avaliação profissional dessa utilização. Um dado que chamou a atenção foi o ciclo da pós-graduação que, embora tenha participado em menor número, demonstrou que utiliza significativamente esses medicamentos e, principalmente, se autoavalia como insuficientes, o que requer maior atenção para a saúde nessa fase da carreira acadêmica. Com base nesses resultados, evidencia-se a necessidade de mais estudos sobre a realidade acadêmica na UFMT, especialmente em uma etapa qualitativa/descritiva, a fim de se conhecer detalhadamente a percepção dos estudantes sobre o sofrimento psíquico, as associações entre diferentes variáveis e as possíveis estratégias de enfrentamento, a qual envolve ações de promoção da saúde integral e da qualidade de vida dos universitários.

REFERÊNCIAS

- ABREU, E. K. N. *et al.* Fatores associados ao risco de suicídio em estudantes de pós graduação *stricto sensu*: Estudo transversal. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 29, n. e3460, p. 1-12, 2021.
- ACHERMAN, N. D. Mentoria entre pares: percepções de suporte social e ambiente educacional de estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, s. 1:e100, p. 1-8, 2021.
- ALENCAR, A. P. L.; HOLANDA, P. L.; OLIVEIRA JÚNIOR, E. R. O uso de antidepressivos e ansiolíticos por acadêmicos dos cursos da saúde: em uma visão farmacêutica. **Revista Científica FacMais – Faculdade de Inhumas**, v. 19, n. 1, p. 1-19, 2022.
- ALVES, T. C. T. F. Depressão e ansiedade entre estudantes da área de saúde. **Revista de Medicina**, v. 93, n. 3, p. 101-5, 2014.
- ALVES, S. J. S. S. *et al.* Fatores associados à depressão em estudantes universitários da área da saúde: Uma revisão integrativa. **Scientia Generalis**, v. 3, n. 2, p. 77-85, 2022.
- AMARAL, C. M. M. **Uso de medicamentos para ansiedade e depressão e fatores associados em estudantes do curso de farmácia: um estudo transversal**. Trabalho de Conclusão (Curso de Farmácia-Bioquímica) – Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 34 p., 2019.
- ANDRADE, J. B. C. *et al.* Contexto de Formação e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 38, n. 2, p. 231-242, 2014.
- ANDRADE, A. S. *et al.* Vivências acadêmicas e sofrimento psíquico de estudantes de Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.36, n.4, p.831-846, 2016.
- APA-AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**, DSM-V. Artmed, 2014, 992 p.
- ARAÚJO, A. F. L. L.; RIBEIRO, M. C.; VANDERLEI, A. D. Automedicação de psicofármacos entre estudantes universitários de Odontologia e Medicina. **Revista Internacional de Educação Superior**, v. 7, p.e. 021037, 2021.
- ARRAES, L. T. *et al.* Uso não médico de psicotrópicos por estudantes de graduação: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 14, e207111436164, p. 1-12, 2022.
- ASSIS, A. D.; OLIVEIRA, A. G. B. Vida universitária e saúde mental: atendimento às demandas de saúde e saúde mental de estudantes de uma universidade brasileira. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, v. 2, n.4-5, p.159 – 177, 2010.

- AZEVEDO, R. C. S.; *et al.* Abuso e Dependência de Múltiplas Drogas. **Projeto Diretrizes, Associação Brasileira de Psiquiatria**, 2012, 18 p.
- BAES, C. W.; JURUENA, M. F. Psicofarmacoterapia para o clínico geral. **Medicina (Ribeirão Preto, on-line)**, v. 50, s. 1, p. 22-36, 2017.
- BARBOSA, F. L. *et al.* Uso de Álcool entre Estudantes de Medicina da Universidade Federal do Maranhão. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 37, n. 1, p. 89-95, 2013.
- BARRETO, S. Depressão em jovens universitários. **Revista de Enfermagem Contemporânea**, v.9, n.1, p.6-8, 2020.
- BAUCHROWITZ, C. *et al.* Prevalência de uso de psicofármacos por acadêmicos: efeitos do processo de graduação. **Braziliam Journal od Development**, v. 5, n. 11, p. 24915-24933, 2019.
- BERNARDELLI, L. V. *et al.* A ansiedade no meio universitário e sua relação com as habilidades sociais. **Avaliação**, v. 27, n. 01, p. 49-67, 2022.
- BRATS. **Boletim Brasileiro de Avaliação de Tecnologias em Saúde**. Antidepressivos no Transtorno Depressivo Maior em Adultos, Ano VI, n. 18 | Março de 2012, 35 p.
- BRITO, G. R. *et al.* Transtornos mentais em acadêmicos da área da saúde: uma revisão sistemática da literatura. **Braziliam Journal of Development**, v.8, n.6, p. 48161-48167, 2022
- CAMARGO, E. C. P.; *et al.* Uso e abuso de drogas entre universitários e a sua interface com as políticas públicas. **Revista Eletrônica de Saúde Mental, Álcool e Drogas**, v. 15, n. 4, p. 1-9, 2019.
- CARDOSO, H.F., BORSA, J. C., SEGABINAZI, J. D. Indicadores de saúde mental em jovens: Fatores de risco e de proteção. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 9, n. 3, p. 03-25, 2018.
- CARLETO, C. T. *et al.* Saúde e qualidade de vida de universitários da área da saúde. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 7, n. 1, p. 53-64, 2019.
- CARVALHO, E. A. *et al.* Índice de ansiedade em universitários ingressantes e concluintes de uma instituição de ensino superior. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 14, n. 3, p. 1290-1298, 2015.
- CARVALHO JÚNIOR, E.; TREVISAN, M. Psicofarmacologia dos Antidepressivos. **Brazilian Journal of Development**, v.7, n.11, p. 107269-107282, 2021.
- CASTRO, V. R. Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. **Revista Gestão em Foco - Edição nº 9 [on-line]**, p. 380-401, 2017.

CLARK *et al.* **Farmacologia Ilustrada** [Recurso eletrônico] – 5ª Edição, Porto Alegre: Artmed, 2013, 622 p.

CLARK, D. A.; BECK, A.T. **Vencendo a ansiedade e a preocupação com a Terapia Cognitivo-Comportamental**. Porto Alegre: Artmed, 2014, 180 p.

COSTA, A. F. *et al.* Um modelo teórico e metodológico: análise do sucesso, insucesso e abandono no ensino superior. In: COSTA, A. F. *et al.* Percursos de estudantes no ensino superior: fatores e processos de sucesso e insucesso. **Portugal: Mundos sociais**, 2015.

COSTA, E. G.; NEBEL, L. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. **Polis, Revista Latino-americana**, n. 50, p. 207-227, 2018.

CRUZ, M. C. N. L. *et al.* Ansiedade em universitários iniciantes de cursos da área da saúde. **Brazilian Journal Health Review**, v. 3, n. 5, p. 14644-14662, 2020 a.

CRUZ, A. F. P. *et al.* Fármacos antidepressivos: prevalência, perfil e conhecimento da população usuária. **Brazilian Journal of Health and Pharmacy**, v. 2, n. 2, p. 27-34, 2020 b.

CUNHA, E. C. M.; SOUZA, A. B. R.; NOVAES, V. R. Sofrimento psíquico de discentes no ensino superior: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Científica Multidisciplinar**, v. 3, n. 5, p. 1-16, 2022.

DAMASCENO, E. M. A. *et al.* Riscos do uso de antidepressivos entre jovens universitários da área da saúde. **Revista Saúde Viva multidisciplinar da Ajes**, v. 2, n. 2, p. 13-24, 2019.

DANTAS, L. A. L.; SOLANO, L. C.; OLIVEIRA, L. C. Assistência à saúde mental voltada para mulheres na atenção primária. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, v. 17, n. 2, p. 73-80, 2019.

DANTAS, I. L. *et al.* Prevalência da Síndrome de Burnout e fatores associados entre estudantes de engenharia de uma universidade pública brasileira. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 6, p. 1-13, 2023.

DE AQUINO, D. R.; CARDOSO, R. A.; DE PINHO, L. Sintomas de depressão em universitários de medicina. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 39, n. 96, p.81-95, 2019.

DE CARVALHO, M. A. V. *et al.* Diagnóstico de comportamientos y de hábitos de salud de los estudiantes universitarios. **PARADIGMA**, v. 35, n. 1, p. 167 – 179, 2014.

DE JESUS, M. C. A.; DE ANDRADE, E. A. Promoção da saúde de estudantes universitários: a influência das habilidades sociais. **Saúde e Pesquisa**, v. 15, n. 3: e-10679, p1-12, 2022.

DELL'OSBEL, R. S. *et al.* Sintomas depressivos e fatores associados em estudantes universitários do sul do Brasil. **Ciência & Saúde**, v. 11, n. 4, p. 217-225, 2021.

- DEMARCHI, M. E. *et al.* Inibidores seletivos de recaptção de serotonina no tratamento da depressão: síndrome de descontinuação e/ou de dependência? **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, e815998035, p. 1-10, 2020.
- DE SOUSA, F. M. A. *et al.* Uso de substâncias psicoativas e rendimento acadêmico de universitários da área de saúde. **Cogitare Enfermagem**, v. 28:e87063, p. 1-14, 2023.
- DE SOUZA, J. S. *et al.* Promoção da saúde mental de mulheres: a influência da saúde física e do meio ambiente. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 2, supl. 3, p. 191-198, 2019.
- DIAS, L. G. *et al.* Ansiedade e Depressão em Universitários a Área da Saúde: Uma Revisão Integrativa. **Id on-Line Revista de Psicologia**, v.15, n. 58, p. 565-575, 2021.
- DOS SANTOS, L. B. *et al.* Prevalência, severidade e fatores associados à depressão em estudantes universitários. **Revista Eletrônica de Saúde Mental, Álcool e Drogas**, v. 17, n. 1, p. 92-100, 2021.
- DOS SANTOS, Z. M. A. *et al.* O uso de medicamentos por universitários brasileiros: uma revisão narrativa. **Revista Científica Multidisciplinar**, v. 4, n. 9, p. 1-8, 2023.
- DUARTE, T. C. R. S.; SANTOS, L. L. C. P. Desempenho Acadêmico: Percepções de Discentes do Curso de Física de uma Universidade Mineira. **Revista Internacional de Ensino Superior**, v. 9, p. 1-24, 2022.
- EVANS, T. M.; *et al.* Evidence for a mental health crisis in graduate education. **Nature Biotechnology**, n. 36, p. 282–284, 2018.
- FARIAS JÚNIOR, J. C. *et al.* Comportamentos de risco à saúde em adolescentes no Sul do Brasil: prevalência e fatores associados. **Revista Panamenha de Saúde Pública**, v. 25, n. 4, p. 344-352, 2009.
- FERNANDES M. A. *et al.*, Prevalência de sintomas ansiosos e depressivos em universitários de uma instituição pública. **Revista Brasileira de Enfermagem** [Internet], n. 71, s. 5, p. 2298-22304, 2018.
- FERRARESSO, C. K. *et al.* Avaliação dos transtornos de ansiedade e uso de medicamentos entre acadêmicos do curso de medicina de uma universidade do sul de Minas Gerais, Brasil. **Uningá Review Journal**, v. 36, p. 1-9, 2021.
- FERREIRA, M. S. Medicalização da vida: Sobre o processo de biologização da existência. **Alumni - Revista discente da UNIABEU**, v. 5, n. 10, p. 26-34, 2017.
- FERREIRA, C. C.; QUEIROZ, C. R. A. A. Cafeína: Uso como estimulante por estudantes universitários. **Revista Inova Ciência & Tecnologia**, v. 6, n. 2, p. 16-21, 2020.
- FIELD, A. **Descobrendo a estatística usando o SPSS**. 5ª ed. Porto Alegre: Penso; 2020.

- FIGUEIREDO, A. M. *et al.* Percepções dos Estudantes de medicina da UFOP sobre Sua Qualidade de Vida. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 38, n. 4, p. 435-443; 2014.
- FIORELLI, K.; ASSINI, F. L. A prescrição de benzodiazepínicos no Brasil: uma análise da literatura. **ABCS Health Science**, v. 42, n. 1, p. 40-44, 2017.
- FLESCHE, B. D. *et al.* Episódio depressivo maior entre universitários do sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 54, n. 11, p. 1-11, 2020.
- FOLLMER, C.; BEZERRA NETTO, H. J. C. Fármacos multifuncionais: monoamina oxidase e a-sinucleína como alvos terapêuticos na doença de Parkinson. **Química Nova**, v. 36, n. 2, p. 306-313, 2013.
- FONSECA, R. S. *et al.* O perfil sociodemográfico dos estudantes universitários: estudo descritivo-correlacional entre uma universidade portuguesa e brasileira. **Educação em Foco**, v. 24, n. 1, p. 341-366, 2019.
- FONSECA, A. M. **Introdução à psicofarmacologia e noções de tratamento farmacológico** [livro eletrônico] / Guarujá, SP: Científica Digital, 2021, 138 p.
- FORMIGONI, M. L. O.; DUARTE, P. C. A. V. **O uso de substâncias psicoativas no Brasil**. - São Paulo: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP); Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), 2018. – 105 p.
- FRAGUAS J. R. *et al.* The detection of depression in medical setting: a study with PRIME-MD. **Journal of Affect Disorders**, v. 91, p. 11-17, 2006.
- FRANCA, C.; COLARES, V. Estudo comparativo de condutas de saúde entre universitários no início e no final do curso. **Revista de Saúde Pública**, v. 42, n. 3, p. 420-7, 2008.
- GAIOTTO, E. M. G. *et al.* Resposta a necessidades em saúde mental de estudantes universitários: uma revisão rápida. **Revista de Saúde Pública**, v. 55.n. 114, p. 1-18, 2021.
- GARCIA DA COSTA, E.; NEBEL, L. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. **POLIS Santiago**, v. 17, n. 50, p. 207-227, 2018.
- GOMES, Y. L. S.; PINTO, C. L. S.; MIRANDA JÚNIOR, R. N. C. Avaliação do tratamento farmacoterapêutico em jovens com transtorno de ansiedade durante a pandemia. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, e404101522958, p. 1-7, 2021.
- GOMES, F. W. C. *et al.* O papel do tratamento farmacológico e não farmacológico na redução de recidiva no transtorno de ansiedade generalizada. **Revista Interdisciplinar em Saúde**, v. 10 (único), p. 210-221, 2023,

- GONÇALVES, M. J. M *et al.* Inibidores seletivos da recaptção de serotonina: Uma opção segura no tratamento da depressão em idosos. **Referências em Saúde**, v. 2, n. 1, p. 1-9, 2019.
- GOTARDO, A. L. *et al.* O uso de medicamentos psicotrópicos por estudantes de um centro universitário de Cascavel, Paraná. **SaBios – Revista de Saúde e Biologia**, v. 17, e022002, p. 1-11, 2022.
- GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. A. Revisão integrativa: Sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciência e Saúde Coletiva [Versão online]**, v. 16, n. 3, 2019.
- GUIMARÃES, M. F. *et al.* Depressão, ansiedade, estresse e qualidade de vida de estudantes de universidades pública e privada. **Revista de Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 11:e4038, p. 1-14, 2022.
- HABIMORAD, P. H. L. *et al.* Potencialidades e fragilidades de implantação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 2, p. 395-405, 2020.
- JARDIM, M. G. L.; CASTRO, T. S.; RODRIGUES, C. F. F. Sintomatologia Depressiva, Estresse e Ansiedade em Universitários. **Psico-USF**, v. 25, n. 4, p. 645-657, 2020.
- JULIÃO, N. A.; GUIMARÃES, R. M. M. Sexo, ocupação e a prevalência de sintomas depressivos na população brasileira: um estudo com base na pesquisa nacional de saúde (2013). **Planejamento e Políticas Públicas**, n. 61, p. 173-203, 2022.
- KROENKE, K.; SPTIZER, R. L.; WILLIAMS, J. B. The PHQ-9: Validity of a brief depression severity measure. **Journal of General Internal Medicine**, v. 16, n. 9, p. 606-613, 2001.
- LAMBERT, A. S.; CASTRO, R. C. A. M. Fatores que podem influenciar no adoecimento físico e psíquico do estudante universitário: uma análise da produção científica brasileira. **Revista Cocar**, v. 14, n. 28, p. 70-89, 2020.
- LAUREANO, F. R. C. *et al.* Medicamentos psicotrópicos: Uso, prescrição e controle. **Revista Goiana de Medicina**, v. 47, Edição 1, p. 22-26, 2015.
- LEONARDI, J. G.; AZEVEDO, B. M.; OLIVEIRA, A. C. C. Benzodiazepínicos e seus efeitos no sistema nervoso central. **Revista Saúde em Foco – Edição n. 9**, p. 684-690, 2017.
- LEVITAN, M. *et al.* Diretrizes da Associação Médica Brasileira para o tratamento do transtorno de ansiedade social. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 33, n. 3, p. 292-302, 2011.
- LIMA, M. G. *et al.* Indicadores relacionados ao uso racional de medicamentos e seus fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, s. 2, 2017.

LIMA, C. H. *et al.* Saúde e sofrimento psíquico no contexto universitário à luz da teoria psicanalítica dos quatro discursos. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 6, n. 8, p. 9-22, 2019.

LINARD, J. D. *et al.* Associação entre estilo de vida e percepção de saúde em estudantes universitários. *Journal of Health Biological Science*, 2019, v. 7, n. 4, p. 374-381, 2019.

LIU, C. H. *et al.* The prevalence and predictors of mental health diagnoses and suicide among U.S. college students: Implications for addressing disparities in service use. *Depression and Anxiety*, v. 36, n. 1, p. 8–17, 2019.

LOPES, F. *et al.* Padrão de consumo e expectativas em relação ao cigarro entre universitários. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 15, n. 2, p. 439-453, 2014.

LUCAS, A. C. S. *et al.* Uso de psicotrópicos entre universitários da área da saúde da Universidade Federal do Amazonas, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 22, n. 3, p. 663-671, 2006.

MACÊDO, S. *et al.* Universitários em Sofrimento Psíquico: estudo em serviço escola do interior pernambucano. *Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity*, v. 13, n. 2, p. 1-14, 2021.

MACEDO, M. C.; AGUIAR, K. G. M. Saúde mental e qualidade de vida do estudante trabalhador. *Fronteiras em Psicologia*, v. 5, e234, p. 1-15, 2023.

MALAJOVICH, N. *et al.* O manejo da urgência subjetiva na universidade: construindo estratégias de cuidado à saúde mental dos estudantes. *Interação em Psicologia*, v. 23, n. 2, p. 177-183, 2019.

MALTONI, J.; PALMA, P. C.; NEUFELD, C. B. Sintomas ansiosos e depressivos em universitários brasileiros. *Psicologia Psico*, v. 50, n1:e29213, p. 1-10, 2019.

MALUF, S.W.; TORNQUIST, C.S. (Orgs.). *Gênero, saúde e aflição: abordagens antropológicas*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.

MARTINS, R. C. C.; BRANCO, R. P. C. Os impactos da saúde mental nos estudantes universitários do curso de Enfermagem: Revisão bibliográfica. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 16: e319101624079, p. 1-9, 2021.

MARTINS, R. C. C. *et al.* Percepção dos estudantes sobre promoção da saúde no ensino superior e qualidade de vida. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, v. 35:12412, p. 1-11, 2022.

MELLO, S. P. T. Perfil sociodemográfico e acadêmico dos estudantes de Turismo em duas universidades públicas no sul do Brasil. *Revista de Gestão e Secretariado*, v. 10, n. 2, p. 171-193, 2019.

MIRANDA, C. C. S. *et al.* O uso de ansiolíticos e antidepressivos entre graduandos da área da saúde de Teresina-PI: uma pesquisa de opinião. *Revista de Casos e Consultoria*, v. 12, n. 1, e24679, p. 1-15, 2021.

- MOLINA, N. P. F. M. *et al.* Uso de psicofármacos na pandemia: estudo com mestrandos e doutorandos brasileiros. **Anais do II Congresso luso-brasileiro de atenção integral à saúde** (on-line), p. 185-188, 2023.
- MORAES, J. V. *et al.* Ações promotoras de saúde desenvolvidas por estudantes nas instituições de ensino superior. **Revista de Enfermagem da UFPE on-line**, v. 17:e25471, p. 1-18, 2023.
- MORAES, L. F. R.; BUENO, H. P. V. Ansiedade em estudantes universitários em fase de conclusão de curso: Um estudo de caso. *Revista Diálogos Interdisciplinares*, v. 1, n. 10, p. 5-18, 2022.
- MOREIRA, C. R. *et al.* Redução de danos: tendências em disputa nas políticas de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, s. 3, p. 326-335, 2019.
- MOREIRA, M. Z. C.; UBER, A. P.; GODINHO, J. Avaliação da adesão ao tratamento farmacológico em pacientes com Transtornos de Ansiedade e Depressão por meio do cuidado farmacêutico. **Brazilian Journal of Development**, v.9, n.1, p. 3309-3330, 2023.
- MORENO, A. L. *et al.* Factor structure, reliability, and item parameters of the Brazilian Portuguese version of the GAD-7 questionnaire. **Temas Psicologia**, v. 24, n. 1, p. 367-376, 2016.
- MOTA, M. N. *et al.* A ansiedade na vida universitária: desafios, consequências e seus desdobramentos. **Revista Projetos Extensionistas**, v.1, n. 2, p. 193-200, 2021.
- MOTA, A. A. S.; PIMENTEL, S. M.; MOTA, M. R. S. Expressões de sofrimento psíquico de estudantes da Universidade Federal do Tocantins. **Educação e Pesquisa**, v. 49, e254990, p. 1-10, 2023.
- NASCIMENTO, K. S. *et al.* O uso abusivo de benzodiazepínicos em pacientes adultos. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 12, e36111234076, p. 1-12, 2022.
- NUNES, B. S.; BASTOS, F. M. Efeitos colaterais atribuídos ao uso indevido e prolongado de benzodiazepínicos. *Saúde & Ciência em Ação*, v.3, n. 1, p. 71-82, 2016.
- OIKAWA, F. M.; GARCIA, M. R. V. Sofrimento psíquico e assédio moral no contexto Universitário. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 73, n. 1, p. 19-33, 2021.
- OLIVEIRA, M. M. *et al.* Automedicação em acadêmicos: Uma revisão da literatura brasileira entre 2000 e 2017. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 11, n. 3, p. 623-630, 2018.
- OLIVEIRA, K. A. *et al.* Prevalência do uso de drogas antidepressivas por estudantes da área da saúde no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11: e286101119641, p. 1-8, 2021.
- OLIVEIRA, P. C. J. *et al.* Uso de medicamentos psicotrópicos e ansiolíticos no município de Guaraí - TO antes e durante o período da pandemia covid-19. **JNT-FACIT Business and Technology Journal**, ed. 31, v. 2, p. 594-608, 2021.

- PADOVANI, R. C. *et al.* Vulnerabilidade e bem-estar psicológico do estudante universitário. **Revista Brasileira de Terapia Cognitiva**, v.10, n.1, p. 02-10, 2014.
- PAETZOLD, M.G. LOURDES SILVA, L.; SIMÕES, M.R. Métodos de rastreamento da ansiedade e depressão em estudantes universitários: revisão integrativa. **Saúde Coletiva**, v. 11, n. 60, p. 4686-4690, 2021.
- PAIXÃO, J. T. S. Prevalência de sintomas ansiosos e depressivos em universitários da área da Saúde. **Enfermagem em Foco**, v. 12, n. 4, p. 780-786, 2021.
- PEDROSA, A. A. S. *et al.* Consumo de álcool entre estudantes universitários. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 27, p. 1611-1621, 2011.
- PEREIRA, M. G. **Epidemiologia: teoria e prática**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.
- PEREIRA, M. S. *et al.* A relação entre as condições de trabalho e saúde dos estudantes Trabalhadores. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 9, n. 3, p. 525-535, 2016.
- PINHO, A. P. M. *et al.* A transição do ensino médio para a universidade: um estudo qualitativo sobre os fatores que influenciam este processo e suas possíveis consequências comportamentais. **Revista de Psicologia**, v. 6 n. 1, p. 33-47, 2015.
- PINTO, M.; LEITE, C. As tecnologias digitais nos percursos de sucesso acadêmico de estudantes não tradicionais do Ensino Superior. **Educação e Pesquisa**, v. 46, e216818, p. 1-17, 2020.
- PIRES, I. T. M. *et al.* Uso de Álcool e outras Substâncias Psicoativas por Estudantes Universitários de Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, e191670, p. 1-14, 2020.
- QUEMEL, G. K. C.; *et al.* Revisão integrativa da literatura sobre o aumento no consumo de psicotrópicos em transtornos mentais como a depressão. **Brazilian Applied Science Review**, v.5, n.3, p. 1384-1403, 2021.
- RABELO, J. L. *et al.* Perfil do uso de substâncias psicoativas em universitários. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 3, p. 5576-5598, 2020.
- REIS, T. S. D.; RAGNINI, E. C. S.; BOEHS, S. T. M. Sofrimento psíquico e uso de psicofármacos entre estudantes de Pós-Graduação. **Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity**, v. 13, n. 2, p. 45-57, 2021.
- REVERI, L. M. *et al.* Tratamento farmacológico da depressão pós-parto. **RETEC**, Ourinhos, v. 12, n. 2, p. 93-105, 2019.
- REZENDE, M. S. *et al.* Stress e Desempenho Acadêmico na Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Contábeis no Brasil. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 25, n. 96, p. 1-21, 2017.

RIBEIRO, J. L. P. Revisão de investigação e evidência científica. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 15, n. 3, p. 671–682, 2014.

RIBEIRO, A. G. *et al.* Antidepressivos: uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 6, p. 1825-1833, 2014.

RIBEIRO, F.; GUZZO, R. S. L. Psicologia e Ensino Superior: Aspirações Pequeno-Burguesas e Contradições Cotidianas em Cotistas. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 11, n. 1, p. 27-45, 2019.

RIVIERA, J. G. B. *e al.* Impacto da automedicação de fármacos benzodiazepínicos. **Brazilian Applied Science Review**, v.5, n.4, p. 1767-1780, 2021.

ROMANSINI, L. A. **Hábitos de saúde, composição corporal e aptidão física dos participantes da 24ª edição dos jogos escolares de Santa Catarina**. 141 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Centro de Ciências da Saúde e do Esporte, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

ROCHA, S. V. *et al.* Prevalência de transtornos mentais comuns entre residentes em áreas urbanas de Feira de Santana, Bahia. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 13, n. 4. p. 630-640, 2010.

ROZEIRA, C. H. B. *et al.* Vivências na graduação em Psicologia: discutindo a saúde mental dos universitários. **Saúde em Redes**, v. 4, n. 4, p. 175-189, 2018.

RUFATO, F. D.; ROSSETTO, E.; WILKON, N. W. V. O adoecimento psíquico em jovens universitários. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 15, n. 34:e16903, p. 1-25, 2022.

RUFO, A. L. Z. *et al.* Eficácia clínica de novas abordagens para o tratamento do transtorno de ansiedade generalizada. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 2, p.6510-6521, 2023.

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A.; RUIZ, P. **Compêndio de Psiquiatria**. Porto Alegre: Artmed, 2017, 1490 p.

SAHÃO, F. T.; KIENEN, N. Adaptação e saúde mental do estudante universitário: revisão sistemática da literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p. 1-13, 2021.

SALLES, L. F.; SILVA, M. J. P. Efeito das essências florais em indivíduos ansiosos. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 25, n. 2, p. 238-42, 2012.

SANCHÓN-MACIAS, M. V. *et al.* Relação entre status social subjetivo e saúde percebida entre mulheres imigrantes latino-americanas. **Revista Latinoamericana de Enfermagem**, v. 21, n. 6, p. 1353-1359, 2013.

- SANTANA, A. C.; PEREIRA, A. B. M.; RODRIGUES, L. G. Psicologia Escolar e Educação Superior: Possibilidades de atuação profissional. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 18, n. 2, p. 229-237, 2014.
- SANTANA, E. R.; PIMENTEL, A. M.; VÉRAS, R. M. A experiência do adoecimento na universidade: Narrativas de estudantes do campo da saúde. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, p. 1-15, 2020.
- SANTOS, M. V. F.; PEREIRA, D. S.; SIQUEIRA, M. M. Uso de álcool e tabaco entre estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 62, n. 1, p. 22-30, 2013.
- SANTOS, H. G. B. *et al.* Fatores associados à ideação suicida em estudantes universitários. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 25, n. e2878, p. 1–8, 2017.
- SANTOS, P. C. C.; PEDROSO, L. A.; SEBASTIAO, E. C. O. O abuso de psicofármacos na atualidade e a medicalização da vida. **Brazilian Journal of Health and Pharmacy**, v. 1, n. 4, p. 6-10, 2019.
- SANTOS, H. G. *et al.* Sintomas depressivos e fatores associados em universitários. In: MARCON, S. R. **Saúde mental no contexto universitário: contribuições para um diálogo**. ed. Cuiabá: EdUFMT, 2021. 279p.: il.: color.
- SANTOS, L. B. *et al.* Prevalência, severidade e fatores associados à depressão em estudantes universitários. **Revista Eletrônica de Saúde Mental, Álcool e Drogas**, v. 17, n. 1, p. 92-100, 2021.
- SANTOS, F. A. S. P.; CARDOSO, J. C.; ORTEGA, L. N. Uso de psicoativos entre estudantes universitários. *Colloquium Vitae*, v. 14, n. 1, p. 72-83, 2022.
- SCHLÖSSER, A. Interface entre Saúde Mental e Relacionamento Amoroso: Um Olhar a Partir da Psicologia Positiva. **Pensando Famílias**, v. 18, n. 2, p. 17-33, 2014.
- SCHWAMBACH, L. B.; QUEIROZ, L. C. Uso de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde no tratamento da depressão. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 33, e33077, p. 1-33, 2023.
- SIEBRA, S. M. S. *et al.* Prevalência do consumo de substâncias psicoativas entre estudantes de medicina no interior do Nordeste brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. 4: e222, p. 1-9, 2021.
- SILVA, T. O.; IGUTI, A. M. Medicamentos psicotrópicos dispensados em unidade básica de saúde em grande município do estado de São Paulo. **Revista Eletrônica Gestão e Saúde**, p. 2004-2015, 2013.
- SILVA, D. R. *et al.* Ansiedade em universitários: fatores de risco associados e intervenções – uma revisão crítica da literatura. **Psicologia - Saberes & Práticas**, v. 1, n.2, p. 1-10, 2018.

SILVA, L. S.; DA SILVA, S. M. C. A aprendizagem do ofício de estudante universitário: Tempos de constituição do ingressante no ensino superior. **Psicologia em Revista**, v. 25, n. 3, p. 960-978, 2019.

SILVA, C. S. C. *et al.* Intervenções não farmacológicas ofertadas ao usuário com transtorno mental comum na atenção primária à saúde. **Journal of Nursing and Health**, 2019v. 9, n. 3: e199302, p. 1-16, 2019.

SILVA, M. L.; SILVA, J. C. L. Uso de drogas ilícitas entre acadêmicos de enfermagem: uma revisão de literatura. **Scientific Electronic Archives**, v. 13, n. 6, p. 102-112, 2020.

SILVA, A. M. S.; XIMENES, V. M. Discussões sobre saúde mental e suporte social entre estudantes universitários. **Revista Ciências Humanas**, v. 15, e31, p. 1-14, 2022.

SILVA JÚNIOR, M. B. *et al.* Associação entre bem-estar pessoal, sociodemográficos e antropométricos em estudantes universitários. **Revista de Enfermagem Digital, Cuidado e Promoção de Saúde**, p. 1-9, abril, 2021.

SILVA, A. M. S.; XIMENES, V. M. Discussões sobre saúde mental e suporte social entre estudantes universitários. **Revista de Ciências Humanas – UNITAU**, v. 15, e. 31, p. 1-14, 2022.

SILVA, B. A. *et al.* Perfil sociodemográfico e suporte social dos estudantes da área da saúde em tempos de pandemia. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 6, p. 1-8, 2022.

SILVA, M. C. L.; CONCEIÇÃO, J. P. **O sofrimento psíquico na Carreira Acadêmica e as Práticas Integrativas na Promoção da Saúde Mental de Estudantes na UNILA.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Instituto latino-americano de Arte, Cultura e História. UNILA. 2023. 28 p.

SOARES, P. J. R. Inibidores seletivos da recaptção da serotonina. **Psychiatry on-line – Brasil**, v. 10., n. 10, disponível em: <https://www.polbr.med.br/ano05/artigo1005b.php>, acesso em 03/09/2023.

SONATI, J. G.; VILARTA, R. Novos padrões alimentares e as relações com os domínios da qualidade de vida e saúde. In: VILARTA, R.; GUTIERREZ G. L.; MONTEIRO, M. I. (Org.). **Qualidade de vida: evolução dos conceitos e práticas no século XXI.** Campinas: Ipês, cap. 9, p. 85-92, 2010.

SOUZA, D. C. *et al.* Estratégias grupais para promoção de saúde em universitários. **Educação**, v. 46, p. 1-24, 2021.

SOUZA, M. S. P. *et al.* Uso de antidepressivos e ansiolíticos entre estudantes do curso de farmácia em uma instituição privada e uma pública do interior da Bahia. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p. 1-8, 2021.

SPITZER, R. L. *et al.* A brief measure for assessing generalized anxiety disorder: The GAD-7. **Archives of Internal Medicine**, v. 10, n. 166, p. 1092- 1097, 2006.

SUMIYA, A. *et al.* Práticas integrativas e complementares em saúde (PICS): um relato de experiência extensionista. **Extensio UFSC – Revista Eletrônica de Extensão**, v. 18, n. 38, p. 275-284, 2021.

TAVARES, T. R. *et al.* Avaliação do uso de psicofármacos por universitários. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, v. 20, n. 4, p. 560-567, 2021.

TOVANI, J. B. E.; SANTI, L. J.; TRINDADE, E. V. Uso de psicotrópicos por acadêmicos da área da saúde: uma análise comparativa e qualitativa. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. 3: e175, p. 1-10, 2021.

TRIGUEIRO, E. S. O. Saúde Mental em Estudantes Universitários: Elementos para o debate. **Revista Interfaces**, v. 9, n. 1, p. 871-881, 2021).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. A UFMT. 2020. Disponível em: <https://www.ufmt.br/ufmt/site/secao/index/Cuiaba/812>. Acesso em: 03 ago. 2023.

XAVIER, M. S. *et al.* O significado da utilização de psicofármacos para indivíduos com transtorno mental em acompanhamento ambulatorial. **Escola Anna Nery**, v. 18, n. 2, p. 323-329, 2014.

XAVIER, M. S. *et al.* Automedicação e o risco à saúde: Uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v.4, n.1, p. 225-240, 2021.

WHALEN, K.; FINKEL, R.; PANAVELIL, T. A. Farmacologia ilustrada [recurso eletrônico] / Porto Alegre: Artmed, 2016, 680 p.

WILENS, T. E. *et al.* Misuse and diversion of stimulants prescribed for ADHD: a systematic review of the literature. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, Baltimore, v. 47, n.1, p. 21–31, 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO] **Constitution of the World Health Organization**. Basic Documents. Genebra, 1946.

WHO. World Health Organization. **Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates**. Geneva: WHO, 2017.

YOSETAKE, A. L. *et al.* Estresse percebido em graduandos de enfermagem. **Revista Eletrônica de Saúde Mental, Álcool e Drogas**, v. 14, n. 2, p. 117-124, 2018.

ZANELLA M. *et al.* Medicalização e saúde mental: Estratégias alternativas. **Revista Portuguesa de Enfermagem em Saúde Mental**, v. 15, p. 53-62, 2016.

ZEITOUNE, R. C. G. *et al.* O conhecimento de adolescentes sobre drogas lícitas e ilícitas: uma contribuição para a enfermagem comunitária. **Escola Anna Nery**, v. 16, n. 1, p. 57-63, 2012.

APÊNDICE A

Material bibliográfico utilizado na revisão (ordem cronológica).

	Ano	Autores	Título	Fonte	Resumo
1	1946	WHO	Constitution of the World Health Organization.	Basic Documents	Conceito de saúde.
2	2008	FRANCA; COLARES	Estudo comparativo de condutas de saúde entre universitários no início e no final do curso.	Revista de Saúde Pública, v. 42, n., p. 420-427	Estudo realizado com amostra estratificada por curso e por universidade, de 735 estudantes de ciências da saúde de universidades públicas do estado de Pernambuco (sociodemográfico, hábitos e consumo e relações sexuais).
3	2009	FARIAS JÚNIOR <i>et al.</i>	Comportamentos de risco à saúde em adolescentes no Sul do Brasil: prevalência e fatores associados.	Revista Panamenha de Saúde Pública v. 25, n. 4, p. 334-345	Determinar a prevalência de comportamentos de risco à saúde e analisar fatores associados à exposição a esses comportamentos em adolescentes do Estado de Santa Catarina, Brasil.
4	2005	SOARES	Inibidores seletivos da recaptção de serotonina	Psychiatry on-line – Brasil, v. 10, n. 10	Artigo de atualização (aspectos teóricos) sobre os ISRS.
5	2011	LEVITAN <i>et al.</i>	Diretrizes da Associação Médica Brasileira para o tratamento do transtorno de ansiedade social. Revista Brasileira de Psiquiatria.	Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 33, n. 3, p. 292-302	Sobre tratamento de primeira linha para transtornos de ansiedade.
6	2012	AZEVEDO <i>et al.</i>	Abuso e dependência de múltiplas drogas.	Projeto Diretrizes [on-line], 18 p.	Foram revisados artigos nas bases de dados do MEDLINE (PubMed) EMBASE, LILACS, DARE, e outras fontes de pesquisa, sem limite de tempo, sobre a temática proposta.
7	2012	-	Antidepressivos no Transtorno Depressivo Maior em Adultos.	Boletim Brasileiro de Avaliação de Tecnologias em Saúde, ano 6, n. 18, p. 1-35	Sobre o tratamento psicofarmacológico de depressão em adultos.
8	2012	SALLES; SILVA	Efeito das essências florais em indivíduos ansiosos.	Acta Paulista de Enfermagem, v. 25, n. 2, p. 238-42	Ensaio clínico randomizado para investigação os efeitos dos florais <i>Impatiens</i> , <i>Cherry Plum</i> , <i>White Chestnut</i> e <i>Beech</i> em pessoas ansiosas (2010).

9	2013	BARBOSA <i>et al.</i>	Uso de Álcool entre Estudantes de Medicina da Universidade Federal do Maranhão.	Revista Brasileira de Educação Médica, v. 37, n. 1, p. 89-95	Avaliação do uso de álcool entre estudantes de Medicina da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, em 2010. Os estudantes responderam dois questionários autoaplicáveis (2010).
10	2013	FOLLMER; BEZERRA NETTO	Fármacos multifuncionais: monoamina oxidase e a-sinucleína como alvos terapêuticos na doença de Parkinson.	Química Nova, v. 36, n. 2, p. 306-313	Sobre o desenvolvimento de fármacos neuroprotetores que atuam em mecanismos de ação fisiopatológica de Parkinson.
11	2013	SANTOS; PEREIRA; SIQUEIRA	Uso de álcool e tabaco entre estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.	Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 62, n. 2, p. 22-30	Estudo quantitativo para avaliação do perfil do uso de álcool e tabaco entre universitários do curso de graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo.
12	2014	ALVES	Depressão e ansiedade entre estudantes da área de saúde.	Revista Médica, v. 93, n. 3, p. 101-105	Revisão sobre os sintomas de ansiedade e depressão em estudantes da área da saúde, especialmente, medicina.
13	2014	ANDRADE <i>et al.</i>	Contexto de Formação e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Medicina.	Revista Brasileira de Educação Médica, v. 32, n. 2, p. 231-242	Estudo sobre os processos de sofrimento psíquico em estudantes das escolas médicas do estado do Ceará.
14	2014	CLARK; BECK	Vencendo a ansiedade e a depressão com a Terapia Cognitivo-Comportamental.	Porto Alegre: Artmed	Teoria sobre a TCC no tratamento da ansiedade e a depressão.
15	2014	DE CARVALHO <i>et al.</i>	Diagnóstico de condutas e hábitos de saúde de estudantes universitários.	PARADIGMA, v. 35, n.1, p. 167 - 179	Investigar condutas e hábitos de saúde com uma amostra de 352 universitários ingressantes de uma universidade pública do Estado do Paraná através de métodos quanti e qualitativos.
16	2014	APA	Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.	Porto Alegre: Artmed	-
17	2014	FIGUEIREDO <i>et al.</i>	Percepções dos Estudantes de medicina da UFOP sobre Sua Qualidade de Vida.	Revista Brasileira de Educação Médica, n. 38, n. 4, p. 435-443	A partir de um grupo focal e com base em parâmetros adotados pelo Grupo de Qualidade de Vida da OMS, foram analisados fatores que têm determinado a qualidade de vida dos acadêmicos de Medicina da UFOP.
18	2014	PADOVANI <i>et al.</i>	Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário.	Revista Brasileira de Terapia Cognitiva, v.10, n.1, p.02-10	Identificação de indicadores de vulnerabilidade e bem-estar psicológicos em estudantes universitários em uma amostra constituída a partir do banco de dados proveniente da avaliação de indicadores de saúde mental.

19	2014	XAVIER <i>et al.</i>	O significado da utilização de psicofármacos para indivíduos com transtorno mental em acompanhamento ambulatorial.	Escola Anna Nery, v. 18, n. 2, p. 323-29	Estudo com abordagem qualitativa, descritivo, realizado em abril e maio de 2012 por meio de entrevista semiestruturada com indivíduos com transtorno mental em acompanhamento ambulatorial.
20	2015	CARVALHO <i>et al.</i>	Índice de ansiedade em universitários ingressantes e concluintes de uma instituição de ensino superior.	Ciência, Cuidado e Saúde, v. 14, n. 3, p. 1290-1298	Este estudo teve como objetivo analisar os níveis de ansiedade em universitários ingressantes e concluintes de uma Instituição de Ensino Superior do Noroeste do Paraná. Trata-se de um estudo transversal com 1.112 graduandos de diversas áreas do conhecimento.
21	2015	LAUREANO <i>et al.</i>	Medicamentos psicotrópicos: uso, prescrição e controle.	Revista goiana de medicina, v. 47, ed. 1, p. 22-26	Reflexões sobre o uso de medicamentos psicotrópicos no Brasil e no mundo e como esse uso pode vir a afetar diferentes populações.
22	2015	PINHO <i>et al.</i>	A transição do ensino médio para a universidade: um estudo qualitativo sobre os fatores que influenciam este processo e suas possíveis consequências comportamentais.	Revista de Psicologia, v. 6 n. 1, p. 33-47	O estudo foi realizado através de entrevistas semiestruturadas com 8 estudantes pertencentes a diferentes cursos, com o objetivo analisar os fatores que influenciaram na adaptação do aluno, egresso do ensino médio, à vida universitária, bem como a identificação das mudanças comportamentais ocorridas em função desse processo de transição acadêmica.
23	2016	ANDRADE <i>et al.</i>	Vivências Acadêmicas e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Psicologia.	Psicologia: Ciência e Profissão, v. 36, nº4, p. 831-846.	Apresenta dados de uma pesquisa com a utilização de questionários, cujo objetivo era o levantamento das vivências acadêmicas dos estudantes de Psicologia de uma universidade pública do interior paulista.
24	2016	NUNES; BASTOS	Efeitos colaterais atribuídos ao uso indevido e prolongado de benzodiazepínicos.	SAÚDE & CIÊNCIA EM AÇÃO – Revista Acadêmica do Instituto de Ciências da Saúde, v.3, n. 01, p. 71-82	Teve, como objetivo, destacar os efeitos colaterais provocados pelo uso indevido e prolongado de benzodiazepínicos, com base em uma revisão da literatura e suas características farmacocinéticas e farmacodinâmicas.
25	2016	WHALEN; FINKEL; PANAVELIL	Farmacologia ilustrada.	Porto Alegre: Artmed	Teoria sobre psicotrópicos antidepressivos inibidores da recaptção de serotonina.
26	2016	ZANELLA <i>et al.</i>	Medicalização e saúde mental: estratégias alternativas.	Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, n. 15	Artigo de reflexão sobre a regulação do comportamento, baseada na prescrição farmacológica, tem sido usada de maneira indiscriminada.

27	2017	BAES; JURUENA	Psicofarmacologia para o clínico geral.	Medicina (Ribeirão Preto, On-line), n. 50 (S.1), p. 22-36	Introdução ao aluno de graduação na área da saúde, em especial o aluno de Medicina, sobre o campo da psicofarmacoterapia para o tratamento dos transtornos mentais.
28	2017	CASTRO	Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior.	Revista Gestão em Foco, n. 9, p. 380-401	O estudo teve, como finalidade, analisar uma turma de estudantes universitários de engenharia de uma Instituição Pública de Ensino Superior a partir da aplicação de inventários.
29	2017	FERREIRA	Medicalização da vida: sobre o processo de biologização da existência.	Revista discente da UNIABEU, v. 5, n. 10, p. 26-34	O estudo propôs uma breve análise sobre o processo de medicalização da sociedade. Para este fim, foi realizada uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico.
30	2017	FIGLIOLI; ASSINI	A prescrição de benzodiazepínicos no Brasil: uma análise da literatura.	ABCS Health Sciences, V. 42, n. 1, p. 40-44	Busca direta foi realizada em três bases de dados, Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), PubMed e Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando os descritores prescrição/prescription, benzodiazepínicos/benzodiazepines, Brasil/Brazil.
31	2017	LEONARDI; AZEVEDO; DE OLIVEIRA	Benzodiazepínicos e seus efeitos no sistema nervoso central.	Revista Saúde em Foco, n. 9. p. 684-690	Este trabalho apresenta uma revisão bibliográfica mencionando os benefícios do uso de benzodiazepínicos e seus efeitos adversos.
32	2017	LIMA <i>et al.</i>	Prevalência e fatores associados a comportamentos de risco à saúde em universitários no norte de Minas Gerais.	6 Cad. Saúde Colet., 2017, Rio de Janeiro, 25 (2): 183-191	O estudo estimou a prevalência de comportamentos de risco à saúde (CRS) e os fatores associados. Métodos: Pesquisa transversal, com amostra aleatória de 902 acadêmicos de uma universidade pública no norte de Minas Gerais, Brasil.
33	2017	SADOCK; SADOCK; RUIZ	Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica.	Porto Alegre: Artmed	Sobre fisiopatologia, diagnóstico e tratamento de transtornos mentais.
34	2017	WHO	Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates.	Basic documents	Estimativa sobre a prevalência de depressão em nível mundial.
35	2018	FOMIGONI; DUARTE	O uso de substâncias psicoativas no Brasil.	São Paulo: UNIFESP	Aspectos teóricos do uso de psicoativos e a cultura brasileira.
36	2018	ROZEIRA <i>et al.</i>	Vivências na graduação em	Saúde em Redes, v. 4, n. 4, p. 175-	Relato de experiência, realizado por acadêmicos do Curso

			Psicologia: discutindo a saúde mental dos universitários.	189	de Psicologia do Centro Universitário Redentor (UniRedentor), ocorrido em outubro e novembro de 2017, sobre saúde mental e fatores associados.
37	2018	SILVA et al.	Ansiedade em universitários: fatores de risco associados e intervenções – uma revisão crítica da literatura.	Psicologia - Saberes & Práticas, v.1, n. 2, p. 1-10	Os objetivos do trabalho constituíram em realizar uma revisão da literatura a fim de identificar os fatores de risco associados à ansiedade, bem como as intervenções propostas para o enfrentamento desta problemática.
38	2018	YOSETAKE <i>et al.</i>	Estresse percebido em graduandos de enfermagem.	Revista Eletrônica de Saúde Mental, Álcool e Drogas, v. 14, n. 2, p. 117-124	Avaliou os níveis de estresse percebido em alunos de graduação de uma universidade do Estado de São Paulo. Foram utilizados instrumentos para a avaliação sociodemográfica e de identificação de estressores no espaço acadêmico.
39	2019	GRANER; CERQUEIRA	Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados.	Ciência e Saúde Coletiva [Versão on-line], v.16, n.3	A revisão integrativa propôs-se a identificar fatores de risco e proteção para sofrimento psíquico em estudantes universitários.
40	2019	CAMARGO <i>et al.</i>	Uso e abuso de drogas entre universitários e a sua interface com as políticas públicas.	Revista Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas, v. 15, n. 4, p. 1-9	Avaliaram, por método de análise de conteúdo, a situação quanto ao uso de álcool e drogas, de 49 universitários de uma IES do sudeste brasileiro.
41	2019	CARLETO <i>et al.</i>	Saúde e qualidade de vida de universitários da área da saúde.	Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social, v. 7, n. 1	Estudo exploratório, seccional, de abordagem quantitativa, cujos objetivos foram identificar os hábitos de saúde e mensurar a qualidade de vida (QV) de universitários da área da Saúde, bem como verificar a relação entre estas variáveis.
42	2019	AQUINO; CARDOSO; DE PINHO	Sintomas de depressão em universitários de medicina.	Boletim Academia Paulista de Psicologia, v. 39, n. 96, p.81 - 95	O estudo foi de caráter transversal, analítico com abordagem quantitativa. A população do estudo foi composta por 121 universitários de medicina. O campo de investigação foi uma instituição privada do norte de Minas Gerais.
43	2019	FONSECA <i>et al.</i>	O perfil sociodemográfico dos estudantes universitários: estudo descritivo-correlacional entre uma universidade	Educação em foco, v. 24, n. 1, p. 341-366	Estudo descritivo-correlacional, transversal, de abordagem Quantitativa. O número de 1240 estudantes universitários participou (brasileiros e portugueses) deste estudo, aos quais foi aplicado um questionário.

			portuguesa e brasileira.		
44	2019	GONÇALVES <i>et al.</i>	Inibidores seletivos da recaptção de serotonina: uma opção segura no tratamento da depressão em idosos.	Referências em Saúde – [on-line], p. 126-134	Pesquisa bibliográfica sobre a temática (uso de antidepressivos em idosos).
45	2019	LIMA <i>et al.</i>	Saúde e sofrimento psíquico no contexto universitário à luz da teoria psicanalítica dos quatro discursos.	Humanidades & Inovação, v. 6, n. 8, p. 9-22	O artigo se pauta na perspectiva teórica da psicanálise, mais precisamente, na teoria dos quatro discursos, com o objetivo de realizar uma análise sobre a lógica da produção de sofrimento psíquico na Universidade.
46	2019	LINARD <i>et al.</i>	Associação entre estilo de vida e percepção de saúde em estudantes Universitários.	Journal of Health Biological Sciences, v. 7, n. 4, p. 374-381	Estudo transversal, quantitativo, realizado em uma universidade pública do município de Fortaleza-Ceará-Brasil, no ano de 2016, com 135 estudantes.
47	2019	MALAJOVICH <i>et al.</i>	O manejo da urgência subjetiva na universidade: construindo estratégias de cuidado à saúde mental dos estudantes.	Interação em Psicologia, v. 23, n. 2, p. 177-183	O estudo aliou pesquisa e clínica e descreveu a abordagem da urgência subjetiva em um Programa de atenção em saúde mental para estudantes do ensino superior (com base psicanalítica).
48	2019	MELLO <i>et al.</i>	Perfil sociodemográfico e acadêmico dos estudantes de Turismo em duas universidades públicas no sul do Brasil.	Revista GeSec, v. 10, n. 2, p. 171-193	Realizou-se um estudo descritivo, predominantemente quantitativo, por meio de dados primários junto aos estudantes do curso superior em turismo vinculados à Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e à Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA - Campus Jaguarão).
49	2019	MOREIRA <i>et al.</i>	Redução de danos: tendências em disputa nas políticas de saúde.	Revista Brasileira de Enfermagem, v. 72, (s. 3), p. 326-35	A investigação, de natureza qualitativa, utilizou entrevistas em profundidade com especialistas na área. O material gravado e transcrito foi analisado pelo método de análise de conteúdo.
50	2019	ROVERI <i>et al.</i>	Tratamento farmacológico da depressão pós-parto.	RETEC, v. 12, n. 2, p. 93-105	Foi realizada revisão da literatura considerando as suas possibilidades de tratamento farmacológico em diversas bases de dados.
51	2019	SANTOS; PEDROSO; SEBASTIAO	O abuso de psicofármacos na atualidade e a medicalização da vida.	Brazilian Journal of Health and Pharmacy, v. 1, n. 4, p. 6-10	Este artigo de opinião objetivou abordar alguns fatores que possam levar os viventes a recorrerem à utilização de psicofármacos como forma de anestesia de suas

					angústias.
52	2019	SILVA <i>et al.</i>	Intervenções não farmacológicas ofertadas ao usuário com transtorno mental comum na atenção primária à saúde.	Journal of Nursing and Health, v. 9, n. 3: e199302	Revisão integrativa para analisar na literatura as intervenções não farmacológicas ofertadas aos indivíduos com Transtorno Mental Comum atendidos na Atenção Primária à Saúde.
53	2020 a	CRUZ <i>et al.</i>	Ansiedade em universitários iniciantes de cursos da área da saúde.	Brazilian Journal of Health Review, v. 3, n. 5, p. 14644-14662	Esse estudo trata-se de uma pesquisa de campo, exploratória, descritiva, de corte transversal, com abordagem quantitativa. A amostra desse estudo foi constituída por 199 acadêmicos de ambos os sexos, dos primeiros períodos de cursos na área da saúde.
54	2020 b	CRUZ <i>et al.</i>	Fármacos antidepressivos: prevalência, perfil e conhecimento da população usuária.	Brazilian Journal of Health and Pharmacy, v. 2, n. 2, p. 27-34	Trata-se de um estudo de caráter descritivo e transversal, com análise qualitativa e quantitativa, desenvolvido no município de Montes Claros – MG, em uma rede de drogarias, entre os meses de setembro e outubro de 2017.
55	2020	DEMARCHI <i>et al.</i>	Inibidores seletivos de recaptção de serotonina no tratamento da depressão: síndrome de descontinuação e/ou de dependência?	Research, Society and Development, v. 9, n. 9, e815998035	Foi feito um estudo quantitativo de revisão bibliográfica narrativa usando-se artigos científicos dos últimos 16 anos (2004-2020). Foram utilizados os bancos de dados Medline, The Cochrane Library Database, Lilacs, PubMed, SciELO, Research Gate, Science Direct, PePSIC.
56	2020	FERREIRA; QUEIROZ	Cafeína: uso como estimulante por estudantes universitários.	Revista Inova Ciência & Tecnologia, v. 6, n. 2, p. 16-21	O objetivo deste trabalho foi realizar uma breve revisão na literatura sobre o uso da cafeína como estimulante por estudantes universitários em diferentes localidades do globo. Utilizou-se revisão bibliográfica em bases de dados de artigos científicos de acesso gratuito.
57	2020	FLESCH <i>et al.</i>	Episódio depressivo maior entre universitários do sul do Brasil.	Revista de Saúde Pública, v. 54, n. 11 – [on-line], p. 1-11	Realizou-se um censo dos universitários ingressantes do primeiro semestre de 2017 em uma universidade do sul do Brasil. O desfecho episódio depressivo maior foi avaliado a partir do questionário <i>Patient Health Questionnaire-9</i> .
58	2020	HABIMORAD <i>et al.</i>	Potencialidades e fragilidades de implantação da Política Nacional de Práticas Integrativas e	Ciência & Saúde Coletiva, v. 25, n. 2, p. 395-405	Sobre a Política Nacional de PICS.

Complementares.					
59	2020	JARDIM; CASTRO; RODRIGUES	Sintomatologia Depressiva, Estresse e Ansiedade em Universitários.	Psico-USF, v. 25, n. 4, p. 645-657	O presente estudo teve como objetivo avaliar os níveis de sintomas depressivos em 410 estudantes (233 ingressantes e 177 concluintes) dos cursos de saúde de uma universidade pública federal do interior de Pernambuco.
60	2020	LAMBERT; CASTRO	Fatores que podem influenciar no adoecimento físico e psíquico do estudante universitário: uma análise da produção científica brasileira.	Revista Cocar, v.14, n .28, p. 70-89	A coleta de dados foi realizada entre os meses de abril e outubro de 2018 nas bases de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, no portal de periódicos da Capes e no site Scientific Electronic Library Online (SciELO).
61	2020	PAETZOLD; SILVA; SIMÕES	Métodos de rastreamento da ansiedade e depressão em estudantes universitários: revisão integrativa.	Saúde Coletiva, v. 11, n. 60, p. 4686-4695	A presente pesquisa teve como objetivo realizar uma revisão integrativa da literatura de instrumentos utilizados no rastreamento de depressão, ansiedade e misto (ambos) em amostras de estudantes de graduação.
62	2020	PINTO; LEITE	As tecnologias digitais nos percursos de sucesso acadêmico de estudantes não tradicionais do Ensino Superior.	Educação e Pesquisa, v. 46, e216818	Foram foco de estudo estudantes dos cursos de História e de Engenharia de Informática e Computação da Universidade do Porto, por se considerar que quem escolhe esses cursos poderá ter competências digitais distintas. Os dados, recolhidos por entrevistas, foram interpretados por análise de conteúdo.
63	2020	PIRES <i>et al.</i>	Uso de Álcool e outras Substâncias Psicoativas por Estudantes Universitários de Psicologia.	Psicologia: Ciência e Profissão, v. 40, e191670, p. 1-14.	Este estudo tem como objetivo avaliar o padrão de uso de álcool e outras SPAs em estudantes universitários. A amostra foi composta por 180 graduandos de Psicologia que preencheram um questionário.
64	2020	SANTANA; PIMENTEL; VÉRAS	A experiência do adoecimento na universidade: narrativas de estudantes do campo da saúde.	Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 24,	O objetivo deste estudo foi analisar a experiência do adoecimento de estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BI em Saúde) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Trata-se de um estudo orientado pela abordagem qualitativa, optando-se pela técnica da entrevista narrativa.
65	2021	ARAÚJO; RIBEIRO; VANDERLEI	Automedicação de Psicofármacos Entre	Revista Internacional de Educação Superior, v. 7, e021037, p. 1-19	Trata-se de estudo descritivo, observacional, analítico e transversal, com 1.111 estudantes de duas instituições de

			Estudantes Universitários de Odontologia e Medicina.		ensino superior, regularmente matriculados nos cursos de medicina e odontologia, com idade igual ou superior a 18 anos. Foi aplicado um questionário estruturado com questões objetivas.
66	2021	DIAS <i>et al.</i>	Ansiedade e Depressão em Universitários a Área da Saúde: Uma Revisão Integrativa.	Id on-Line Revista de Psicologia, v .15, n. 58, p. 565-575	O presente trabalho concerne em uma revisão integrativa de literatura, de caráter qualitativo e quantitativo, que culminou em resultados que demonstra as causas e o predomínio de ansiedade e depressão em universitários dos cursos da área da saúde.
67	2021	TRIGUEIRO <i>et al.</i>	Saúde mental em estudantes universitários: elementos para o debate.	Revista Interfaces, v9, e1.a2021, p. 871-881	A pesquisa teve como objetivo investigar os fatores associados ao bem-estar e ao sofrimento psíquico de 545 estudantes de diferentes cursos de uma Universidade privada do Ceará, por meio da detecção dos seus níveis de ansiedade.
68		ACHERMAN <i>et al.</i>	Mentoria entre pares: percepções de suporte social e ambiente educacional de estudantes de medicina.	Revista Brasileira de Educação Médica, v. 45 (s. 1): e 100	Este estudo teve como objetivos mensurar e comparar a percepção de suporte social e avaliação do ambiente educacional entre estudantes membros e não membros do Grupo de Estudos em Didática Aplicada ao Aprendizado da Medicina (Gedaam), no curso de graduação em Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
69	2021	CARVALHO JÚNIOR; TREVISAN	Psicofarmacologia dos Antidepressivos.	Brazilian Journal of Development, v.7, n.11, p. 107269-107282	Trata-se de uma pesquisa do tipo bibliográfica realizada com a utilização de livros, artigos científicos já publicados através da busca no banco de dados do Scielo e da Bireme, a partir das fontes Medline e Lilacs e periódicos.
70	2021	FONSECA	Introdução à Psicofarmacologia e noções do tratamento farmacológico.	Guarujá, SP: Científica Digital	Teoria sobre Psicofarmacologia.
71	2021	GOMES; PINTO; MIRANDA JÚNIOR	Avaliação do tratamento farmacoterapêutico em jovens com transtorno de ansiedade durante a pandemia.	Research, Society and Development, v. 10, n. 15, e404101522958	O objetivo foi entender como os jovens estão comportando-se com transtorno de ansiedade diante a pandemia. Este estudo referiu-se a uma revisão de literatura integrativa do tipo explicativa quantitativa.
72	2021	MACÊDO	Universitários em	Revista do NUFEN:	Objetivou-se realizar levantamento sociodemográfico

			Sofrimento Psíquico: estudo em serviço escola do interior pernambucano.	Phenomenology and Interdisciplinarity. v. 13, n. 2, p. 1-14	sobre universitários em sofrimento psíquico que buscaram atendimento em serviço escola de Psicologia do interior pernambucano entre 2017 e 2019; identificar principais demandas; e elencar fatores de risco psicossociais enfrentados por eles.
73	2021	MARTINS; BRANCO	Os impactos da saúde mental nos estudantes universitários do curso de Enfermagem: revisão bibliográfica.	Research, Society and Development, v. 10, n. 16, e319101624079, p. 1-9	Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva, desenvolvido através de uma revisão integrativa de literatura (RIL), por meio das bases de dados LILACS, MEDLINE, SCIELO, sendo selecionados estudos de 2011 a junho de 2021.
74	2021	MOTA <i>et al.</i>	A ansiedade na vida universitária: desafios, consequências e seus desdobramentos.	Revista Projetos Extensionistas, v.1, n. 2, p. 193-200	O presente trabalho se baseia em pesquisa bibliográfica que conta com várias referências de artigos que tratam sobre o tema da ansiedade no contexto universitário a fim de suprir uma perspectiva mais específica sobre o assunto.
75	2021	OIKAWA; GARCIA	Sofrimento psíquico e assédio moral no contexto universitário.	Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 73, n. 1, p. 19-33	O artigo descreve a parte qualitativa de uma pesquisa que investigou o contexto universitário e suas implicações na saúde mental de graduandos atendidos no Serviço de Psicologia de uma universidade pública paulista.
76	2021	OLIVEIRA <i>et al.</i>	Prevalência do uso de drogas antidepressivas por estudantes da área da saúde no Brasil.	Research, Society and Development, v. 10, n. 11, e286101119641, p. 1-8	Investigou a prevalência do uso de antidepressivos entre os estudantes da área da saúde no Brasil e os fatores que contribuem para a manutenção desse hábito. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura.
77	2021	QUEMEL <i>et al.</i>	Revisão integrativa da literatura sobre o aumento no consumo de psicotrópicos em transtornos mentais como a depressão.	Brazilian Applied Science Review, v.5, n.3, p. 1384-1403	Dentro desse contexto o presente estudo objetiva realizar uma revisão integrativa da com apoio da análise documental de Bardin, cuja pergunta norteadora foi “Quais os motivos do consumo de Psicotrópicos em doenças como a Depressão?”
78	2021	RIVIERA <i>et al.</i>	Impacto da automedicação de fármacos benzodiazepínicos.	Brazilian Applied Science Review, v.5, n.4, p. 1767-1780	O objetivo do presente trabalho foi fazer a revisão da literatura, sobre o tema impacto da automedicação de fármacos benzodiazepínicos. A metodologia utilizada foi a revisão da literatura integrativa.
79	2021	SAHÃO; KIENEN	Adaptação e saúde mental do estudante universitário: revisão sistemática da	Psicologia Escolar e Educacional, v. 25, p. 1-25	Foi realizada busca bibliográfica em seis bases de dados nacionais e internacionais, sendo selecionados 23 artigos para análise a partir de seis categorias:

			literatura.		dificultadores e facilitadores da adaptação, consequências da não adaptação, sintomas, repertório requerido e estratégias de ensino.
80	2021	SANTOS <i>et al.</i>	Prevalência, severidade e fatores associados à depressão em estudantes universitários.	Revista Eletrônica de Saúde Mental, Álcool e Drogas, v. 17, n. 1, p. 92-100	Estudo transversal realizado com 521 estudantes universitários do Distrito Federal, com idade entre 18 e 60 anos.
81	2021	SIEBRA <i>et al.</i>	Prevalência do consumo de substâncias psicoativas entre estudantes de medicina no interior do Nordeste brasileiro.	Revista Brasileira de Educação Médica, v. 45, n. 4: e222, p. 1-9	Este estudo teve como objetivo avaliar o consumo de substâncias psicoativas entre os acadêmicos de Medicina da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) com o intuito de contribuir para a formulação de atividades de prevenção.
82	2021	SILVA JÚNIOR <i>et al.</i>	Associação entre bem-estar pessoal, sociodemográficos e antropométricos em estudantes universitários.	Revista de Enfermagem Digital - Cuidados e Promoção de Saúde, p. 1-9	Estudo transversal, analítico, de natureza quantitativa, realizado com universitários de uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública sediada na cidade de Floriano-PI.
83	2021	SOUZA <i>et al.</i>	Estratégias grupais para promoção de saúde em universitários.	Educação, v. 46, p. 1-24	Revisão da literatura nacional e internacional, contemplando 41 artigos sobre intervenções grupais em saúde mental.
84	2021	SUMIYA <i>et al.</i>	Práticas integrativas e complementares em saúde (PICS): um relato de experiência extensionista.	Extensio – UFSC – Revista Eletrônica de Extensão, v. 18, n. 38, p. 275-284	Sobre o emprego de PICS no tratamento não farmacológico de doenças crônicas.
85	2021	TOVANI; SANTI; TRINDADE	Uso de psicotrópicos por acadêmicos da área da saúde: uma análise comparativa e qualitativa.	Revista Brasileira de Educação Médica, v. 45, n. 3: e175, p. 1-10	Esta pesquisa visou realizar um estudo epidemiológico descritivo do perfil de consumo de drogas por acadêmicos da área da saúde, bem como analisar o significado subjetivo do uso de drogas para os universitários.
86	2022	ALVES <i>et al.</i>	Fatores associados à depressão em estudantes universitários da área da saúde: uma revisão integrativa.	Scientia Generalis, v. 3, n. 2, p. 77-85	Tratou-se de uma revisão integrativa que consistiu no levantamento de dados nos portais LILACS e SciELO de publicações investigadas entre anos de 2015 a 2020.
87	2022	ARRAES <i>et al.</i>	Uso não médico de	Research, Society and	O levantamento bibliográfico foi realizado por

			psicotrópicos por estudantes de graduação: uma revisão Integrativa.	Development, v. 11, n. 14, p. 1-12	meio das plataformas PubMed e SciELO, de onde foram selecionados 25 artigos.
88	2022	BERNARDELLI <i>et al.</i>	A ansiedade no meio universitário e sua relação com as habilidades sociais.	Avaliação, v. 27, n. 01, p. 49-67	Trata-se de uma pesquisa quantitativa, que utiliza métodos estatísticos multivariados foram aplicados a fim de se verificar o impacto da ansiedade em diversas características dos discentes.
89	2022	CUNHA; SOUZA; NOVAES	Sofrimento psíquico de discentes no ensino superior: uma revisão sistemática de literatura.	Revista Científica Multidisciplinar, v. 3, n. 5, p. 1-16	O presente estudo teve como objetivo analisar os dados acerca do sofrimento psíquico dos discentes em instituições de ensino superior por meio de uma revisão sistemática da literatura no período de 2016 a 2020 nas bases de dados científicas Lilacs e Scielo.
90	2022	DE JESUS; DE ANDRADE	Promoção da saúde de estudantes universitários: a influência das habilidades sociais.	Saúde e Pesquisa, v. 15, n. 3:e-10679, p. 1-12	O presente estudo objetivou analisar a influência das Habilidades Sociais na qualidade de vida do estudante universitário (n = 923) de uma instituição de ensino superior na capital paulista. Como método, realizou-se um estudo exploratório, de caráter descritivo e natureza quantitativa.
91	2022	DOS SANTOS; CARDOSO; ORTEGA	Uso de psicoativos entre estudantes universitários.	Colloquium Vitae, v. 14, n. 1, p. 72-83	Este estudo teve como objetivo descrever o uso de psicoativos em estudantes universitários. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado de autopreenchimento.
92	2022	GUIMARÃES <i>et al.</i>	Depressão, ansiedade, estresse e qualidade de vida de estudantes de universidades pública e privada.	Revista de Psicologia, Diversidade e Saúde, v. 11:e4038, p. 1-14	O estudo objetivou avaliar e correlacionar a presença de sinais e sintomas de depressão, ansiedade, estresse e qualidade de vida de universitários de duas instituições, sendo uma pública e outra privada.
93	2022	JULIÃO; GUIMARÃES	Sexo, ocupação e a prevalência de sintomas depressivos na população brasileira: um estudo com base na pesquisa nacional de saúde (2013).	Planejamento e Políticas Públicas, n. 61, p. 173-203	O objetivo deste artigo foi investigar a desigualdade entre homens e mulheres na ocorrência e na intensidade da depressão, e verificar se existe associação entre esses indicadores e a ocupação dos indivíduos. Para tal, foram utilizados os dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS).
94	2022	MARTINS <i>et al.</i>	Percepção dos estudantes	Revista Brasileira em Promoção da	Trata-se de um estudo transversal, descritivo, de natureza

			sobre promoção da saúde no ensino superior e qualidade de vida.	Saúde, v. 35:12412, p. 1-11	quantitativa, realizado em uma faculdade privada, de natureza confessional e filantrópica, localizada no Sul do Brasil, no mês de novembro de 2019.
95	2022	MORAES; BUENO	Ansiedade em estudantes universitários em fase de conclusão de curso: um estudo de caso.	Revista Diálogos Interdisciplinares, 2359-5051, p. 5-18.	Trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva com abordagem narrativa, com aplicação de um questionário contendo 16 questões, elaborado através do Google Forms, que envolveu 51 discentes do curso de Administração da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Aquidauana (UFMS-CPAQ).
96	2022	NASCIMENTO <i>et al.</i>	O uso abusivo de benzodiazepínicos em pacientes adultos.	Research, Society and Development, v. 11, n. 12, p. 1-12	A pesquisa teve como objetivo identificar os efeitos do uso abusivo de benzodiazepínicos por pessoas adultas. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura dos últimos 10 anos, a busca ocorreu nas bases de dados Scielo, BVS, Periódicos Capes e Pubmed.
97	2022	PUCCI; POLLI	Histórias de vida de universitários e uso de substâncias psicoativas.	Estudos interdisciplinares em Psicologia, v. 13, p. 01-19	O objetivo deste estudo foi compreender, por meio das histórias de vidas, aspectos relacionados ao uso de substâncias psicoativas por estudantes universitários. Participaram 15 estudantes de ambos os gêneros e com idades entre 18 e 28 anos, de diferentes cursos de graduação que já fizeram uso de alguma substância psicoativa.
98	2022	RUFATO; ROSSETTO; WILKON	O adoecimento psíquico em jovens universitários.	Revista Tempos e Espaços em Educação, v. 15, n.34, e16903, p. 1-15	O estudo objetivou realizar um levantamento dos estudos dos últimos cinco anos (2016-2021) sobre o tema. Utilizou-se as seguintes palavras-chaves para a busca: saúde mental; universitários; adoecimento psíquico, e foram selecionados 22 estudos.
99	2022	SILVA; XIMENES	Discussões sobre saúde mental e suporte social entre estudantes universitários.	Revista Ciências Humanas, v15, e31, p. 1-14	Pesquisa sobre saúde mental. Aplicou-se 138 questionários considerados válidos, com jovens (18-29 anos), universitários, oriundos de regiões rurais, da Universidade Federal do Ceará (UFC), <i>campus</i> Sobral.
100	2022	SILVA <i>et al.</i>	Perfil sociodemográfico e suporte social dos estudantes da área da saúde em tempos	Research, Society and Development, v. 11, n. 6, p. 1-8	Identificou o grau de satisfação com o suporte social entre os estudantes universitários da área de ciências da saúde do município de Sergipe através dos diferentes grupos. Trata-se de uma pesquisa transversal, descritiva

			de pandemia.		e exploratória. A amostra foi do tipo não probabilística, por conveniência, composta por 190 estudantes de ciências da saúde das Universidade Federais de Sergipe.
101	2023	SOUSA <i>et al.</i>	Uso de substâncias psicoativas e rendimento acadêmico de universitários da área de saúde.	Cogitare Enfermagem, v. 28:e87063, p. 1-14	Estudo descritivo, exploratório, de abordagem quantitativa, com delineamento transversal, desenvolvido no Centro de Ciências da Saúde (CCS) de uma Universidade Estadual, com sede no interior do Ceará, Brasil, no Semiárido do Sertão Nordeste.
102	2023	GOMES <i>et al.</i>	O papel do tratamento farmacológico e não farmacológico na redução de recidiva no transtorno de ansiedade generalizada.	Revista Interdisciplinar em Saúde, Cajazeiras, v. 10 (único), p. 210-221	Revisão integrativa da literatura. Os artigos incluídos foram aqueles publicados na íntegra, disponíveis eletronicamente, em inglês ou português; realizados com seres humanos e que abordassem a temática selecionada.
103	2023	BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE	Planejamento terapêutico.	https://linhasdecuidado.saude.gov.br	O planejamento terapêutico deve considerar a necessidade da pessoa que busca por cuidado, levando em conta a gravidade dos sintomas.
104	2023	MONTEIRO; SOARES	Adaptação Acadêmica em Universitários.	Psicologia: Ciência e Profissão, v. 43, e244065, P. 1-13	O objetivo do estudo foi investigar o impacto das variáveis habilidades sociais, resolução de problemas sociais, auto monitoria, autoeficácia e coping na adaptação acadêmica em estudantes de instituições de ensino superior públicas e privadas.
105	2023	MORAES <i>et al.</i>	Ações promotoras de saúde desenvolvidas por estudantes nas instituições de ensino superior.	Revista de Enfermagem da UFPE - on-line, v.17:e254711, p. 1-18	Revisão integrativa cuja busca de estudos foi realizada na PubMed, Scientific Electronic Library On-line, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Periódicos e Biblioteca Virtual de Saúde, no período de 2007 a 2021.
106	2023	MOREIRA; UBER; GODINHO	Avaliação da adesão ao tratamento farmacológico em pacientes com Transtornos de Ansiedade e Depressão por meio do cuidado farmacêutico.	Brazilian Journal of Development, v.9, n.1, p. 3309-3330	O objetivo do seguinte estudo foi identificar o que reduz a adesão ao tratamento farmacológico ou a interrupção do mesmo, por meio do cuidado farmacêutico. Para tanto, realizou-se estudo descritivo, no qual participaram 20 pacientes de uma farmácia de dispensação.
107	2023	MOTA; PIMENTEL; MOTA	Expressões de sofrimento psíquico de estudantes da	Educação e Pesquisa, v. 49, e254990, p. 1-20	Utilizando ferramentas metodológicas quantitativas e qualitativas como complementares, a pesquisa analisou

			Universidade Federal do Tocantins.		342 questionários respondidos por discentes, docentes e servidores técnicos da Universidade Federal do Tocantins com o objetivo de investigar diferentes aspectos do sofrimento dentro da amostragem selecionada.
108	2023	MOURA <i>et al.</i>	A prevalência de sintomas de ansiedade em acadêmicos de medicina.	Electronic Journal Collection Health, v. 23, n. 7, p. 1-10	Trata-se de um estudo de caráter quantitativo, do tipo transversal, de natureza exploratória, com levantamento e correlação de dados sobre a ansiedade em estudantes de medicina de uma IES privada do oeste da Bahia, Brasil.
109	2023	RUFO <i>et al.</i>	Eficácia clínica de novas abordagens para o tratamento do transtorno de ansiedade generalizada.	Brazilian Journal of Health Review, v. 6, n. 2, p.6510-6521, p. 1-12	O presente estudo de revisão buscou avaliar novas evidências na abordagem terapêutica do transtorno de ansiedade generalizada, documentadas por meio de estudos clínicos e randomizados. Trata-se de uma pesquisa de revisão integrativa realizada por meio da base de dados PubMed.
110	2023	SCHWAMBACH; QUEIROZ	Uso de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde no tratamento da depressão.	Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 33, e33077	Sobre o emprego de PICS no tratamento de depressão.

ANEXO A

Apêndice A - Termo de Esclarecimento Livre esclarecido - TCLE

Seção 1 – Consentimento Informado

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE ENFERMAGEM – DOUTORADO EM ENFERMAGEM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado estudante,

Meu nome é Samira Reschetti Marcon, docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso e estamos realizando um estudo com o objetivo de avaliar a saúde mental dos estudantes universitários de uma universidade pública de Mato Grosso e a relação com os fatores sociodemográficos e clínicos (QUAN-qual). Você está sendo convidado(a) a participar da fase 1 desta pesquisa respondendo algumas perguntas sobre aspectos de sua vida e de seu estado de saúde mental atual ou pregressa e poderá ser convidado a participar da fase 2 da pesquisa com encontros virtuais em grupos para explicar melhor os resultados iniciais da fase 1 da pesquisa. Este trabalho foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética da Área de Saúde Fundação Universidade Federal de Mato Grosso (CEP-SAÚDE/UFMT), o que atesta que seus direitos e dignidade serão salvaguardados. Você ficará com uma via deste documento, no qual constam os objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e os contatos dos responsáveis por este estudo.

Antes de responder pedimos atenção para os seguintes esclarecimentos:

– Sua participação nesse estudo é de livre escolha e você poderá deixar de participar a qualquer momento, independentemente do motivo, não precisando se justificar ou avisar previamente sua desistência, basta enviar um e-mail ao pesquisador principal, manifestando sua vontade;

– Esse estudo é sigiloso e você tem garantia que em momento algum terá seu nome, e-mail e/ou contato de whatsapp® divulgados. Precisaremos das informações de telefone e/ou e-mail para consultá-lo(a) nas etapas futuras da pesquisa;

– A pesquisa implica em riscos mínimos e, embora sejam conservadas as integridades física e moral, existe a possibilidade do surgimento de algum desconforto emocional em responder algum dos questionamentos. Caso isso ocorra, lhe será ofertado suporte emocional, devendo apenas entrar em contato com o pesquisador principal (contato abaixo) para os devidos encaminhamentos sem ônus. Além disso, se você se sentir desconfortável com qualquer pergunta, poderá deixar de respondê-la, sem apresentar justificativas ou pode também avançar para a seção/questionamento seguinte ou mesmo desistir de participar do estudo sem que isso lhe proporcione qualquer ônus ou constrangimento.

– Se você aceitar participar, suas contribuições podem ajudar na proposição de ações pontuais para promoção da saúde mental de estudantes universitários.

– Caso você tenha alguma dúvida sobre qualquer assunto da pesquisa você poderá entrar em contato com o pesquisador no telefone indicado abaixo e com o CEP-SAÚDE/UFMT.

Os resultados desta pesquisa serão utilizados para fins científicos, visando oferecer maiores informações sobre adoecimento mental entre estudantes universitários, podendo ser publicados em eventos ou outros veículos pertinentes, mas em nenhum momento seu nome será mencionado ou quaisquer outras informações que possam permitir sua identificação. A sua colaboração será muito importante para a realização da pesquisa, mas a decisão de

participar ou não é sua. Certos de contarmos com a sua participação agradecemos e pedimos que leia e assine o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Informamos-lhe, também, que você não receberá nenhum pagamento pela sua participação no estudo e não terá nenhuma despesa.

Concordando em participar desta pesquisa, pedimos que assinale o termo abaixo:

TERMO DE CONCORDÂNCIA PÓS CONSENTIMENTO

Após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), você concorda em participar do estudo, sabendo que não terá nenhum benefício financeiro e que poderá desistir quando quiser? Ao clicar na caixa de diálogo SIM, automaticamente você aceita os termos deste documento, não sendo necessária a sua assinatura. Esse documento será emitido em duas vias, sendo que uma delas será enviada para seu e-mail.

() SIM, aceito participar do estudo

() NÃO, não aceito participar do estudo.

.....
Pesquisadora responsável.:

Samira Reschetti Marcon – email:samira.marcon@ufmt.br

Comitê de Ética da Área da Saúde – UFMT:

Faculdade de Medicina. Bloco CCBS I. 1º andar.

Endereço: Avenida Fernando Correa da Costa, 2367, Cuiabá/MT – CEP:78060-900

Telefone: (65) 3615-8254 – Horário de funcionamento: 13:30 às 17:30h

E-mail: cepsaude@ufmt.br

ANEXO B

Formulário on-line

Seção 2

P1 - Idade: _____

P2 - Gênero:

1. Feminino
2. Masculino
3. Prefiro não responder

P3 – Estado Civil:

1. Solteiro
2. Casado / União estável
3. Viúvo
4. Divorciado / Separado

P4 – Nacionalidade:

1. Brasileira
2. Outra: _____

P5 – Nível socioeconômico:

1. Baixo (Até 2 Salários mínimos)
2. Médio (3 a 10 Salários mínimos)
3. Alto (Acima de 10 Salários mínimos)

P6 – Encontra-se afastado da sua residência?

1. Sim
2. Não

Seção 3 – Frequência de ida a casa de onde está afastado?

P7 - Se está afastado, com que frequência vai a casa?

1. Todos os fins de semana
2. Duas a três vezes por mês
3. Uma vez por mês
4. Apenas nas pausas escolares/férias

P8 - Distância entre a Escola e o domicílio familiar (em km):

Seção 4 – Caracterização Sociodemográfica

P9 -Com quem vive em tempo de aulas?

1. Pais
2. Outros familiares
3. Colegas/amigos
4. Sozinho
5. Companheiro/a

P10 – Neste momento qual a descrição da relação sentimental/amorosa que mais se adequa a você:

1. Relação estável e satisfatória
2. Relações curtas e ocasionais
3. Relação pouco satisfatória
4. Relação tensa ou conflituosa
5. Sem relação sentimental

Seção 5 – Dados relativos à Saúde Mental

P11 - Já foi diagnosticado com algum tipo de doença mental?

1. Sim (se sim seção 6)
2. Não (se não seção 7)

Seção 6 – Dados relativos à Saúde Mental

P12 – Qual ou quais?

1. Depressão
2. Ansiedade
3. Psicose
4. Transtorno Alimentar (Anorexia, bulimia)
5. Transtorno de Hiperatividade com Déficit de Atenção
6. Outra: _____

P13 – O diagnóstico foi feito após o início da pandemia (março de 2020)

1. Sim
2. Não, foi realizado antes da pandemia

Seção 7 – Dados relativos à Saúde Mental

P14 - Faz acompanhamento em consultas de Psicologia/Psiquiatra?

1. Sim
2. Não

Seção 8 – Dados relativos à Saúde Mental

P15 - Toma medicação para a ansiedade, depressão, insônias ou outro problema psíquico?

1. Sim, antidepressivos (Sertralina, Fluoxetina, Mirtazapina, Paroxetina, Citalopram, Fluvoxamina, Venlafaxina, Duloxetina, Trazodona, outro)
2. Sim, benzodiazepinas (Diazepam, Clonazepam, Alprazolam, Lorazepam, Bromazepam, outro)
3. Sim, antipsicóticos (Risperidona, Olanzapina, Quetiapina, Clozapina, haloperidol, outros)
4. Sim, estabilizadores do humor (Lítio, Valproato, Lamotrigina, Carbamazepina)
5. Sim, psicoestimulantes (Metilfenidato, Dexanfetamina, Modafinil)
6. Sim, medicação natural (valdispert, outro)
7. Não (se não seção 9)

P16 - A medicação é prescrita pelo médico?

1. Sim
2. Não

Seção 9 – Dados relativos à Saúde Mental – Assédio Moral

P17 - Tendo em vista o seguinte conceito de assédio moral: "qualquer conduta abusiva de natureza psicológica, frequente e intencional, através de atitudes, gestos, palavras ou escrita que possa ferir a integridade física ou psíquica, gerando uma sensação de exclusão do ambiente e do convívio social", considera que já sofreu de assédio moral?

1. Sim (se sim seção 10)
2. Não (se não seção 11)

Seção 10 – Dados relativos à Saúde Mental

P18 – Onde sofreu assédio moral?

1. Na Universidade
2. Fora da Universidade

P19 - Quem era/é o agressor?

1. Docente
2. Colegas
3. Outros funcionários não docentes
4. Outra: _____

Seção 11 – Dados relativos à Saúde Mental- Assédio Sexual

P20 - Tendo em vista o seguinte conceito de assédio sexual: "qualquer comportamento, ou revelação, por palavras, ou ações, de natureza sexual, não pretendido pela pessoa a que se destina e que se revela ofensivo", considera que já sofreu de assédio sexual?

1. Sim (se sim seção 12)
2. Não (se não seção 13)

Seção 12 – Dados relativos à Saúde Mental

P21 - Onde sofreu assédio sexual?

1. Na Universidade
2. Fora da Universidade

P22 - Quem era/é o agressor?

1. Docente
2. Colegas
3. Outros funcionários não docentes
4. Outra: _____

Seção 13 – Hábitos de Consumo

P23 - A minha ingestão média semanal de bebidas alcoólicas (fermentadas ou destiladas) é:

1. Não consumo bebidas alcoólicas
2. 1 a 7 copos por semana
3. 8 a 14 copos por semana
4. Mais de 14 copos por semana

P24 - Bebo mais de 4-5 bebidas alcoólicas (fermentadas ou destiladas) na mesma ocasião?

1. Nunca
2. Ocasionalmente
3. Frequentemente

P25 - Consumo cannabis:

1. Nunca
2. Ocasionalmente
3. Frequentemente

P26 - Consumo outras substâncias psicoativas ilegais, como cocaína, ecstasy, heroína:

1. Nunca
2. Ocasionalmente
3. Frequentemente

P27 - Bebo café ou outras bebidas com cafeína:

1. Nunca
2. Ocasionalmente
3. Frequentemente

P28 – Eu fumo cigarros:

1. Nunca
2. Ocasionalmente
3. 1 a 3 por dia
4. 4 a 6 por dia
5. 7 a 9 por dia
6. Mais do que 9 por dia

Seção 14 – Dados relativos à Frequência do Ensino Superior

P29 - Área científica do curso que frequenta

1. Educação (Formação de professores/formadores e ciências da educação)
2. Artes
3. Humanidades
4. Ciências sociais e do comportamento
5. Jornalismo e informação
6. Ciências empresariais
7. Direito
8. Ciências da vida
9. Ciências físicas
10. Matemática e estatísticas
11. Informática
12. Engenharia e técnicas afins
13. Indústrias transformadoras
14. Arquitetura e construção
15. Agricultura, silvicultura e pescas
16. Ciências Veterinárias
17. Saúde (Medicina, Enfermagem, Ciências dentárias, entre outras)
18. Serviços sociais
19. Serviços pessoais (Hotelaria e restauração, turismo e lazer, desporto...)
20. Serviços de transporte
21. Proteção do ambiente
22. Serviços de segurança

Outra _____

P30 - Ciclo de estudos que frequenta

1. Bacharelado / Licenciatura
2. Pós-Graduação
3. Mestrado
4. Doutorado
5. Outra:

P31 - Ano do Curso que frequenta

1. 1º ano
2. 2º ano
3. 3º ano
4. 4º ano
5. 5º ano
6. 6º ano

P32 - Como classifica o seu desempenho académico?

1. Mediocre
2. Suficiente
3. Bom
4. Muito bom
5. Excelente

P33 - Tem outro curso de ensino superior concluído?

1. Sim
2. Não

Seção 15 – Dados relativos à Frequência do Ensino Superior

P34 - Qual ou quais Licenciaturas?

Resposta: _____

Seção 16 – Dados relativos à Frequência do Ensino Superior

P35 - É trabalhador estudante?

1. Sim
2. Não

Seção 17 – Dados relativos à Frequência do Ensino Superior

P36 - Se é trabalhador estudante, quantas horas trabalha em média por semana?

Resposta: _____

ANEXO C

General Anxiety Disorder-7 (GAD-7)

Durante os últimos 14 dias, em quantos foi afectado/a pelos seguintes problemas? <i>(Faça um círculo à volta do número que indica a sua resposta)</i>	Nunca	Em vários dias	Em mais de metade do número de dias	Em quase todos os dias
1. Senti-me nervoso/a, ansioso/a ou irritado/a	0	1	2	3
2. Fui incapaz de parar de me preocupar ou de controlar as preocupações	0	1	2	3
3. Preocupe-me demasiado com diferentes assuntos	0	1	2	3
4. Tive dificuldade em relaxar	0	1	2	3
5. Estive tão inquieto/a que foi difícil ficar sossegado/a	0	1	2	3
6. Estive facilmente incomodavel ou irritável	0	1	2	3
7. Senti receio, como se algo terrível pudesse acontecer	0	1	2	3

ANEXO D

Patient Health Questionnaire-9 (PHQ-9)

Como você tem se sentido NAS ULTIMAS DUAS SEMANAS?		Nenhum dia	Menos de uma semana	Uma semana ou mais	Quase todos os dias
01.	Quantos dias você teve pouco interesse ou pouco prazer em fazer as coisas?	(0)	(1)	(2)	(3)
02.	Quantos dias você se sentiu para baixo, <u>deprimido(a)</u> ou sem perspectiva?	(0)	(1)	(2)	(3)
03.	Quantos dias você teve dificuldade para pegar no sono ou permanecer dormindo ou dormiu mais do que de costume?	(0)	(1)	(2)	(3)
04.	Quantos dias você se sentiu <u>cansado(a)</u> ou com pouca energia?	(0)	(1)	(2)	(3)
05.	Quantos dias você teve falta de apetite ou comeu demais?	(0)	(1)	(2)	(3)
06.	Quantos dias você se sentiu mal consigo <u>mesmo(a)</u> ou achou que é um fracasso ou que decepcionou sua família ou a você mesmo(a)?	(0)	(1)	(2)	(3)
07.	Quantos dias você teve dificuldade para se concentrar nas coisas (como ler o jornal ou ver televisão)?	(0)	(1)	(2)	(3)
08.	Quantos dias você teve lentidão para se movimentar ou falar (a ponto das outras pessoas perceberem), ou ao contrário, esteve tão <u>agitado(a)</u> que você ficava andando de um lado para o outro mais do que de costume?	(0)	(1)	(2)	(3)
09.	Quantos dias você pensou em se ferir de alguma maneira ou que seria melhor estar <u>morto(a)</u> ?	(0)	(1)	(2)	(3)